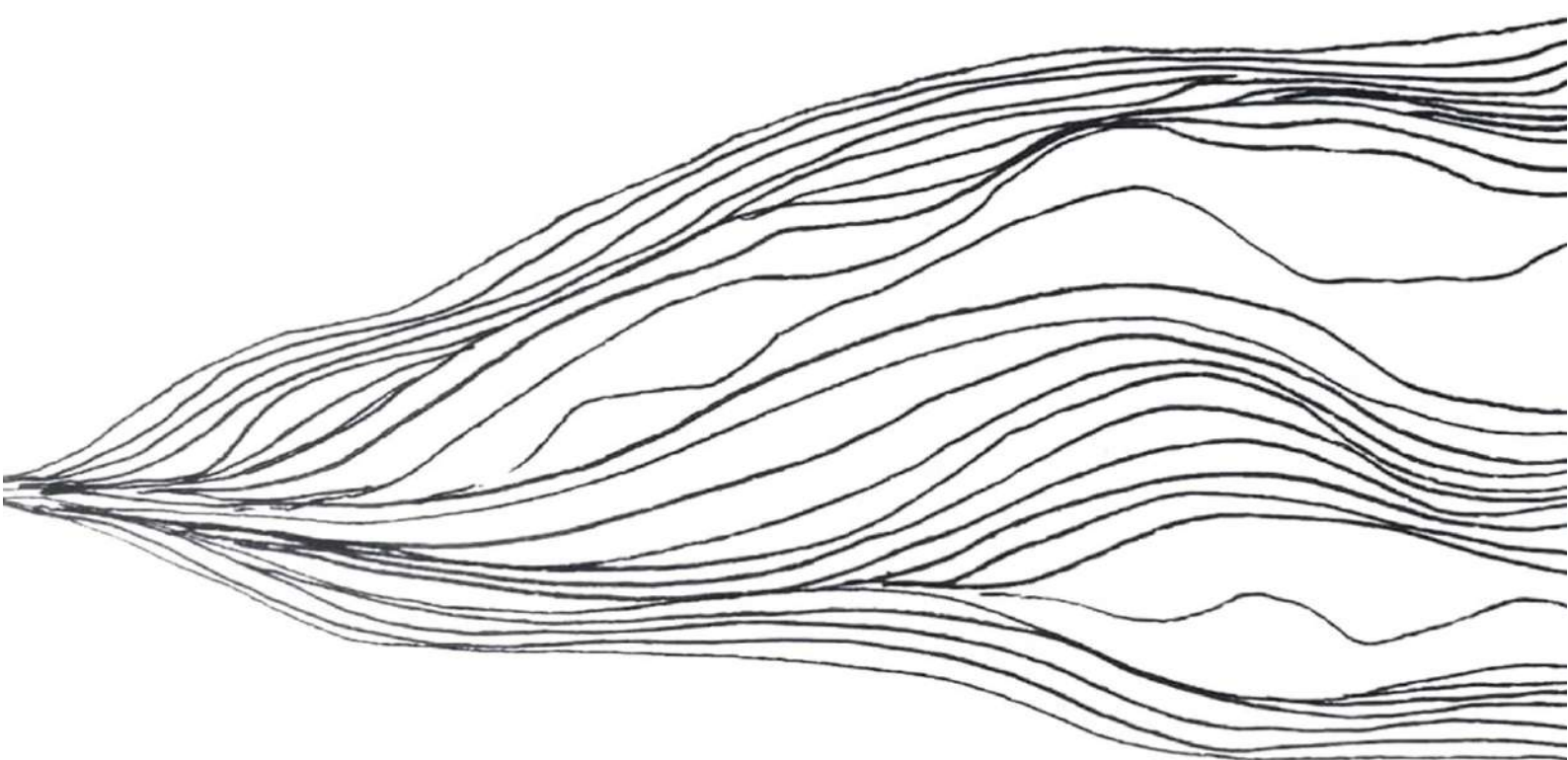


UM ATELIÊ EM MOVIMENTO PELA ESCOLA:
Possibilidades e Desafios



Vanessa de Oliveira Silva

VANESSA DE OLIVEIRA SILVA

**UM ATELIÊ EM MOVIMENTO PELA ESCOLA:
Possibilidades e Desafios**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Prof-Artes em 2024, com a área de concentração em Ensino de Artes do Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.
Orientadora Prof. Dra.: Eliane Patricia Grandini Serrano

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586a Silva, Vanessa de Oliveira (Vanessa Oliveira), 1987-
Um ateliê em movimento pela escola : possibilidades e desafios / Vanessa
de Oliveira Silva. -- São Paulo, 2024.
158 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Patricia Grandini Serrano.
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Ensino. 3. Professores de arte - Narrativas
pessoais. 4. Ateliês de artistas. I. Serrano, Eliane Patricia Grandini. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

VANESSA DE OLIVEIRA SILVA

UM ATELIÊ EM MOVIMENTO PELA ESCOLA:

Possibilidades e Desafios

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Prof-Artes em 2024, com a área de concentração em Ensino de Artes do Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Dissertação aprovada em: 15/04/2024

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Eliane Patricia Grandini Serrano

Unesp – Orientadora

Prof. Dra. Mirian Celeste Ferreira Dias Martins

Mackenzie

Prof. Dra. Olga Maria Botelho Egas

UFJF

Suplentes:

Prof.^a Dra. Camila Valiengo (Colégio Maple Bear)

Prof.^a Dra. Tarcila Lima da Costa (Unesp -Bauru)



Ao Gerson, meu pai.
Penso que se não tivesse partido, eu não
teria percebido a importância de definir
meu lugar no mundo. Escrever é também
uma forma de existir, de resistir e dizer
que cada pessoa é importante.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação é um grande desafio. Mas felizmente, um desafio que não se enfrenta só. Por isso nessas linhas me dedico a agradecer:

À Deus e aos meus ancestrais que me trouxeram firme até aqui.

À Patricia que me orientou com tanta dedicação e apontou tantos horizontes.

Ao Alessandro, companheiro da vida e da Arte, por todo amor e amizade e por me encorajar.

À família pela paciência, apoio e por acreditarem em mim.

Aos amigos, Dani, Cleiton, Camila, que me acompanharam nesta jornada e me inspiram.

Aos mestres da cultura popular que me ensinam a beleza da vida.

Aos grupos que me acolheram e me deram espaço para criar, Jabuticaqui e Contadores de Mentira.

Aos alunos e alunas de todos esses anos, que sempre me ensinaram e me impulsionaram a ser uma professora melhor. Um ser humano melhor.

À Olga e Mirian, pelo olhar sensível e generoso para com minha pesquisa.

Ao Prof-Artes e seus idealizadores por acreditarem nos profissionais da educação básica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

RESUMO

Esta dissertação faz um estudo sobre a prática de ateliê na escola. A pesquisa é vivenciada em uma escola pública estadual, em Biritiba Mirim, em São Paulo, com estudantes da 3ª série do Ensino Médio. O trabalho com arte na educação básica da rede pública traz desafios para além da prática. Coloca-nos como educadores em confronto com nossas ideologias, saberes adquiridos na academia e nos livros. Ao chegar na escola deparamo-nos com uma realidade muito diferente da que estudamos durante a licenciatura: desafios com o tempo, as matérias, as pessoas. Mas como educadores somos impelidos a continuar e na continuidade criamos possibilidades. Através da narrativa e da artografia, esta professora conta e desenha suas memórias, dúvidas e tentativas de transformar o espaço escolar num espaço criativo e acolhedor, buscando não somente no saber escrito da academia, mas também no saber oral da cultura popular. Ao abordar essas narrativas, percebe como sua própria história revela um passado marcado pela ânsia de mudança no Ensino de Arte e como as questões da atualidade presentes na sala de aula são urgências de ser e estar no mundo e não somente na escola. E é entre passado e presente, com anseios pelo futuro da Arte e da humanidade que o ateliê se desenvolve em movimento por cada canto da escola, revelando o estado de ateliê não apenas na escola, mas nas pessoas, dentro da experiência vivida por cada um em todo lugar.

Palavras-chave: Estado de ateliê; ensino de arte; artista educadora; experiência.

RESUMEN

Esta disertación estudia la práctica del taller en la escuela. La investigación se lleva a cabo en una escuela pública estatal en Biritiba Mirim, São Paulo, con estudiantes del tercer año de la enseñanza secundaria. El trabajo con arte en la educación básica de la red pública plantea desafíos que van más allá de la práctica. Nos coloca como educadores en confrontación con nuestras ideologías, conocimientos adquiridos en la academia y en los libros. Al llegar a la escuela nos enfrentamos a una realidad muy diferente de la que estudiamos durante la licenciatura: desafíos con el tiempo, las materias, las personas. Pero como educadores, estamos compelidos a seguir adelante y, en esa continuidad, creamos posibilidades. A través de la narrativa y la artografía, esta profesora cuenta y dibuja sus recuerdos, dudas y intentos de transformar el espacio escolar en un espacio creativo y acogedor, buscando no solo en el saber escrito de la academia, sino también en el saber oral de la cultura popular. Al abordar estas narrativas, se da cuenta de cómo su propia historia revela un pasado marcado por el deseo de cambio en la Enseñanza de Arte y cómo las cuestiones actuales presentes en el aula son urgencias de ser y estar en el mundo y no solo en la escuela. Y es entre el pasado y el presente, con anhelos por el futuro del Arte y de la humanidad, que el taller se desarrolla en movimiento por cada rincón de la escuela, revelando el estado del taller no solo en la escuela, sino también en las personas, dentro de la experiencia vivida por cada uno en cualquier lugar.

Palabras clave: Estado de taller; enseñanza de arte; artista educadora; experiencia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. SONHOS NÃO ENVELHECEM: COMO APRENDI E COMO ENSINO ARTE	23
2.1 MEU ENDEREÇO NA HISTÓRIA	24
2.2 O PROFESSOR É UMA PESSOA	30
2.3 SONHAR E DESPERTAR	39
2.3.1 DIGITAL E ANALÓGICO	39
2.3.2 ESTESIAS E REVERBERAÇÕES	43
2.3.3 AULA COM A MIRIAN CELESTE	46
2.3.4 BOI DE COFO	46
2.3.5 A PULGA ATRÁS DA ORELHA	47
2.3.6 AQUI ESTAMOS E REPAREM BEM	48
3. O ESTADO DE ATELIÊ	51
3.1 O ATELIÊ AO LONGO DOS TEMPOS	52
3.2 ATELIÊS DO COTIDIANO: QUINTAIS, OFICINAS, GARAGENS, BAGAGENS E CARRINHOS	56
3.2.1 ELETRÔNICA GER-SOM	57
3.2.2 CANTOS	59
3.2.3 GARAGENS	60
3.2.4 O QUARTINHO	62
3.2.5 A COZINHA	63
3.2.6 A LAVANDERIA	65
3.2.7 O JARDIM	65
3.4 O INTERESSE E AS INSPIRAÇÕES	67
3.5 A ESCOLA COMO ATELIÊ	78
4. DIÁRIO DE BORDO OU, A PARTE DA PESQUISA QUE MORA NO MEU CORAÇÃO	85
4.1 PLANOS MOVENTES	87
4.2 ENTRETEMPOS	96
4.2.1 PAUSA	96
4.2.2 O OFÍCIO	97
4.2.3 UM DIA ANTES DO PASSEIO NA VIDA DE UMA PROFESSORA ANSIOSA	102
4.2.4 MÊS DE MAIO	103
4.3 ALÉM DA SALA DE AULA	106
4.3.1 AULA DE PIANO COM RAFAELA	106
4.3.2 PIQUENIQUE	106
4.3.3 CORTEJO DE CARNAVAL	108
4.3.4 O SUCATEIRO	111
4.3.5 VISITA AO CASARÃO DO CHÁ	112
4.3.6 OLHARES NA ESCOLA	115
4.4 MATERIALIDADES	118

4.4.1 ARGILA – OXALÁ E A CRIAÇÃO DOS HUMANOS	119
4.4.2 ESPELHOS, OLHAR PARA DENTRO E PARA FORA.	121
4.4.3 DESENHO DA MÃO	122
4.4.4 DESENHO DE OBJETOS COM LÁPIS 6B	123
4.4.5 CARVÃO E FINITUDE – RETRATOS	123
4.4.6 CARVÃO E EXPRESSÃO CORPORAL – INTERVENÇÃO NA ESCOLA OU SUJEIRA?	126
4.4.7 ACASOS E PROCESSOS CRIATIVOS – NANQUIM E AGUADA	129
4.4.8 A FEIRA – EXPERIÊNCIA SENSORIAL. LABORATÓRIO DAS CORES	133
4.5 AÇÕES POÉTICAS	136
4.5.1 O GUARDA-SONHOS	136
4.5.2 CAIXAS: ATELIÊS MÓVEIS, TESOUROS DA INFÂNCIA, GUARDA-SAUDADES E MALETAS	137
4.5.3 ATELIÊS MÓVEIS CRIADOS PELOS ESTUDANTES	140
4.6 PEDAGOGIA DA ESCUTA	143
4.6.1 RODA DE CONVERSA	143

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
--------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	152
--------------------	------------

1. INTRODUÇÃO



Figura 1- **Guia poética.** fotografia da autora, 2022
Fonte: autora (2022)

Na primeira infância, geralmente as crianças são encorajadas a brincar, se relacionar, se expressar com o corpo, explorar a criatividade, porém quando chegam no Ensino Fundamental, parece que nada mais é permitido, nunca é hora de brincar, nem de expressar ideias próprias. Por que o brincar e a arte não são coisas sérias a partir dessa fase? Foi o que percebi, principalmente quando ingressam no sexto ano do Ensino Fundamental, seguimento em que me dedico desde 2007, e o que me inquietou durante o tempo de magistério pelos lugares em que passei.



Figura 2 - **Olhar a puberdade.** Fotografia da autora. 2019.
Fonte: autora (2019)

Nessa fase, tudo é dividido: professores, áreas de conhecimento, disciplinas, assuntos, carteiras... E tudo precisa ser muito rápido, como se o adolescente e o pré-adolescente, conseguissem de uma hora para outra, absorver e transformar, abstrair uma série de conhecimentos, sem no entanto, terem o tempo e a liberdade de elaborarem o que pensam a respeito das verdades que lhes são impostas.

Como artista, observo que o processo criativo exige tempo para amadurecer as ideias e a matéria. De que forma podemos levar essa experiência para dentro da escola? Como o espaço escolar pode se tornar um lugar que incentive a inventividade, e que esse ato não seja considerado um desvio do estudo? De que forma a Arte pode contribuir no desenvolvimento da



Figura 3 - **Menino pintando.** Fotografia da autora 2021.
Fonte: autora (2021)

aprendizagem, de maneira a nos fazer problematizar o mundo e o lugar que ocupamos nele? Penso muito em como as experiências que envolvem o fazer manual e a brincadeira marcam de forma significativa a compreensão dos alunos sobre os assuntos que estudamos na aula e como isso desperta interesse para ir além. A partir dessa percepção, trouxe a prática do ateliê como proposta para nos aprofundarmos nessas questões.

Essa pesquisa parte dessas indagações e da tentativa em tornar possível para as pessoas envolvidas no processo de aprendizagem na escola, o acesso ao ateliê como um espaço inventivo e interativo, que pode existir em qualquer lugar, utilizando como materialidade e poética, as coisas que temos à disposição ao nosso redor, e materiais artísticos que despertem interesse para ampliar o repertório de criação. Colocando os estudantes como artífices de sua vida pessoal e profissional. A partir da integração das linguagens artísticas, conectar também o fazer e o pensar, afetividade e intelecto, para que o ensino da Arte seja uma forma de comunicar, se colocar e ler o mundo, onde somos iguais, mas temos nossas singularidades.

Parece que uma pesquisa surge porque temos sempre uma dúvida, uma angústia que fica martelando o peito, uma peça que não se encaixa, uma coisa que não cabe. E penso que tem muito a ver com isso de caber. Caber nos lugares, estar, ser uma presença. De tempos em tempos, sou acometida de uma vontade inexplicável de estudar, pesquisar, criar. Foi assim desde a graduação. Todo final de curso, penso que nunca mais vou querer

¹ As imagens sem legendas são criações autorais que fazem parte da leitura do texto. Assim se compõe um texto verbal e visual. Uma metáfora ilustrada dos pensamentos e acontecimentos que me atravessam.

problematizar e construir um futuro diferente. O assombro é o medo de perder meu endereço na história.

Às vezes, a realidade em que vivemos leva-nos a acreditar que nosso esforço é muito pequeno diante das mazelas do mundo. O lugar em que trabalho, muitos nunca ouviram falar em Paulo Freire, o que mais se têm medo na escola, é dar autonomia aos estudantes. Mas quando chego na aula da pós encontro outros colegas que nasceram na mesma época que eu, vindos de outras periferias, longe das grandes metrópoles, como eu. Vejo que meus professores mostram artigos e livros, de outros professores que almejaram oportunidades melhores para nós... e aqui estamos: construindo pontes e caminhos. Parece que surtiu sim um grande efeito todas as mudanças dos anos 1980. Trouxe-nos até aqui.

Quando eu era criança, me sentia tão pequena, o mundo tão grande. Mas a imaginação transformava o muro chapiscado de cimento do vizinho, num céu estrelado, eu sonhava que voava, sonhava que estava no fundo do mar, eu era sereia. Eu continuo pequena e o mundo muito grande. Mas a cada dia tenho mais certeza, de que são essas ínfimas ações de gente tão pequena, que fazem e trazem a sensibilidade que o mundo precisa.

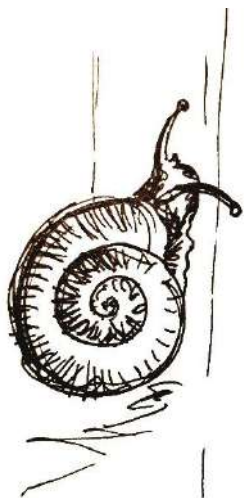


Voltando à pesquisa, a metodologia escolhida foi a narrativa, como você leitor, pode perceber. Desde minha formação escolar, até a formação acadêmica, trago memórias que marcaram minhas escolhas afetivas, minha profissão e não posso contá-las de forma distante, em terceira pessoa, mas posso narrá-las. Porque desde que me sinto sujeito no mundo, desde que reconheço que tenho um lugar no mundo, e tenho anseios, medos, sonhos, sinto que escrever minha história, dizer com quem aprendi, de onde venho, e para onde quero ir, é algo importante. É algo que coloca em prática as palavras dos educadores que nos precederam. Me encontro nas palavras de Paulo Freire, como alguém acende uma luz no escuro e toma consciência da própria forma:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles, mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas. (Freire, 2021 p. 39)

De acordo com Oliveira (2017), a narrativa ganhou espaço no campo educacional a partir de um movimento iniciado em 1984 com a publicação do livro “O professor é uma pessoa”, de Ada Abraham. Esse movimento permitiu que professoras e professores pudessem relatar suas experiências, suas vivências em sala de aula como elas realmente sentiram que

foram. Para Nóvoa essa publicação “trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação” (Novoa, 2013, p. 15).



A narrativa é a arte de contar as experiências que se passam de pessoa a pessoa, como afirma Benjamin (1987). Ele ressalta ainda, que as melhores narrativas escritas, são as que mais se assemelham a tradição oral de se contar uma história.

Na contramão da informação, que é rápida e direta, escolho trilhar o caminho lento e subjetivo da narrativa, como afirma Bredariolli (2013), subjetivo pois nela se misturam memórias, sonhos, minha imaginação de quando criança, meu ponto de vista, para que se possa apreciar cada trecho do passeio com calma.

Um pensamento que vai ao encontro de Paulo Freire quando diz:

[...] o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença com um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. (Freire, 1996, p. 18)

Além da narrativa, outras formas de abordar a pesquisa surgiram nessa época. É possível observar que o que elas têm em comum é o foco na pessoa, nas experiências de cada um. Também, ao longo do ano de 2022, percebi a cada disciplina do mestrado, que minha pesquisa se conectava com muitos temas, percepções, poéticas, como se nossa existência no mundo fosse um grande rizoma onde nos encontramos em diferentes tempos e lugares, uma ligação com a cartografia.

Deleuze e Guattari, fazem uso do mapa e da cartografia como metáforas para nossas representações, para as imagens que projetamos sobre nossas realidades. Ao dizerem-se interessados em nossas linhas, em nossos mapas, referem-se às abstrações que nos constituem – aquilo que absorvemos de nossas referências, de nossas experiências – aquilo que movem e são movidas por nossas ações, nossas práticas, as quais relacionadas às abstrações, práticas, ações de outros, constituem nossas realidades. (Bredariolli, 2013, p 66)

Identifiquei-me também com a artografia, pois ao passo que desenvolvo o pensamento na educação, isso reflete no meu trabalho artístico e vice-versa. “‘A/r/tografistas’ vivem ‘suas práticas, representando sua compreensão, e questionando’ seus posicionamentos perante essa mesma prática, numa integração entre ‘saber, prática e criação’[...]” (Bredariolli, 2013, p 72). Depois de me aprofundar mais sobre o assunto, tendo como principal fonte o livro “Pesquisa Baseada em Arte – A/r/tografia”, organizado por Belidson Dias e Rita Irwin (2023), parecia óbvio, que desde o início era esse o caminho que minha pesquisa percorria. Esses autores ainda

afirmam que essa metodologia de pesquisa ainda não é amplamente ensinada nos programas para professores universitários e consequentemente seus desdobramentos na sala de aula e na educação básica são pouco notados. Talvez por não entender que essa forma de relato que eu já utilizava amplamente nos meus registros pessoais e artísticos, também poderia caber no trabalho acadêmico científico, minha pesquisa mostrou-se inicialmente tímida e pouco expressiva visualmente. As considerações feitas pela banca e pela minha orientadora na qualificação ajudaram-me a enxergar e defender esse meu ponto de vista poético e estético, ao contar sobre a prática e experiências que desenvolvo em sala de aula simultaneamente com o que vivencio como artista.

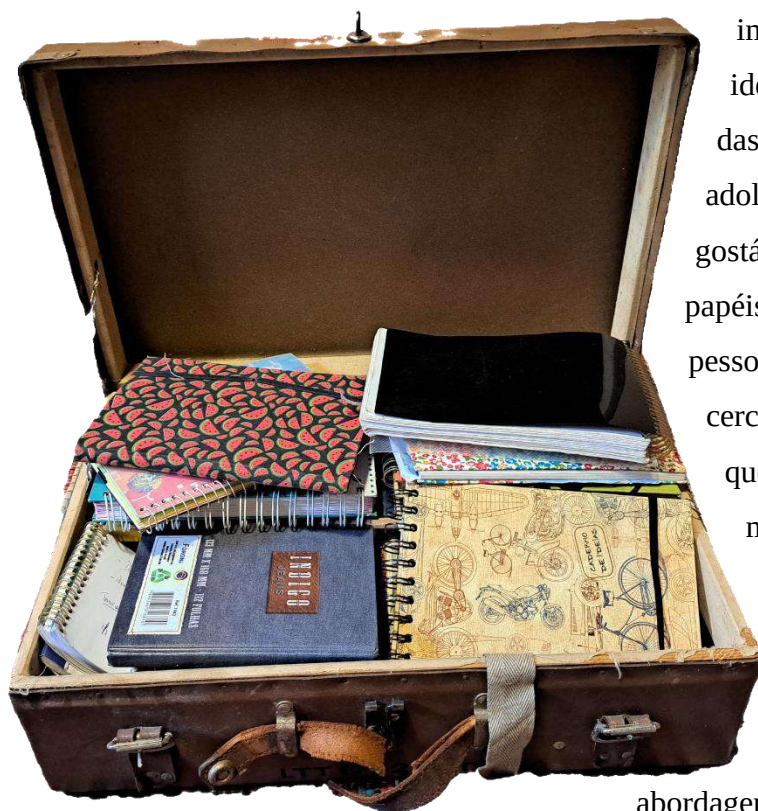
Mas afinal o que é Artografia? Antes de estudar o termo, eu achava que era uma vertente da cartografia misturada com arte. Mas de acordo com Belidson Dias e Rita Irwin (2023), é uma pesquisa educacional baseada em arte (PEBA), gerada a partir de estudos de Elliot Eisner na pós-graduação, entre 1970 e 1980. “A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação)” (Dias e Irwin, 2023, p. 21).

Ao pensar minha prática docente vejo que se assemelha aos dos artógrafos que “concentram seus esforços em melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros”. (Dias e Irwin, 2023, p. 26). A forma como escolho contar sobre essa prática e pesquisa, é de que essa narrativa possa chegar a outras pessoas e tocá-las, fazer com que se identifiquem como parte da história encorajando-as a perceber suas próprias narrativas. O que está de acordo com a seguinte afirmação:

Nesse sentido, o que se gera com a investigação narrativa não é estritamente conhecimento, mas um texto, um relato, *que alguém lê*, e é precisamente aí que reside um novo nível de relação fundamental: *contar uma história que permita a outros contar(-se) a sua*. O objetivo não seria somente apreender a realidade, mas também produzir e desencadear novos relatos. (Dias e Irwin, 2023, p. 45)



O olhar sobre a tese de doutorado de Olga Egas (2017) também foi fundamental, pois me permitiu maior liberdade e vontade em brincar com a imagem assim como brinco com as palavras. Ler sobre sua experiência e como isso teve relação com seu processo investigativo. Olhar suas colagens com fotografia, que não só contavam suas histórias, mas as recriavam para além do que estava contido na fotografia, numa forma de juntar realidade com o mundo das ideias. Fez-me pensar em como “transver” minha pesquisa buscando as



imagens que a compõem não só no mundo das ideias, mas também no meu coração. Lembrei das agendas que minhas amigas e eu tivemos na adolescência, onde escrevíamos poemas que gostávamos, colávamos fotos, imagens de revista, papéis de bala, relatos pessoais, depoimentos de pessoas queridas... Uma colagem do mundo que nos cercava com o recorte do que sentíamos. Percebi que era dessa maneira que gostaria de mostrar meu processo investigativo e criativo nessa dissertação.

Ao longo desses anos de magistério, é possível perceber que tive algumas preferências estéticas e poéticas na abordagem dos temas escolhidos para ensinar: Caixas, carrinhos, sacolas de feiras e maletas, são objetos que acompanham as minhas aulas. O ensino de arte na escola me coloca num constante processo criativo, num desejo de levar novidades, de aguçar a curiosidade nos alunos. Além disso é difícil atuar com propostas lúdicas e práticas em lugares que não são específicos para a aula de artes. Raramente temos a disposição uma sala ampla, com materiais artísticos, com uma pia, com bancadas, e mesmo quando temos, precisamos dividir com os nossos colegas que lecionam na mesma área. E por isso, andamos para lá e para cá com bagagens que podem ser físicas ou não, como aquelas que carregamos internamente.

A partir das percepções temporais e espaciais que fui adquirindo na escola e na vida, surgiu uma vontade de dialogar poeticamente com a figura dos catadores de rua, que montam suas carroças e vão percorrendo as ruas da cidade. Há de tudo, tudo o que eles precisam, e curiosamente, são coisas que ninguém quer e acaba jogando fora. Mas essas carroças não carregam apenas necessidades, elas carregam escolhas estéticas, frases, placas, memórias, brinquedos. Organizada para caber de tudo, mas também para se mostrar ao mundo, como um carro alegórico, uma exposição em movimento. Uma exposição de “desimportâncias”. O gosto por essa temática se completou quando conheci a poesia de Manoel de Barros (2008), em que as coisas inúteis são as mais valiosas porque nos fazem lembrar que ser é mais importante que ter.

Essa mesma poesia e curiosidade pelos carrinhos dos catadores de recicláveis, também via nos carrinhos e sacolas de feira como potencialidades estéticas. Ver as verduras, legumes, frutas, expostas enquanto são levadas, aguçavam o meu olhar. A própria experiência da feira se mostra uma exploração muito rica pois nos dão pistas sobre o povo do lugar, caminhamos em meio aos diferentes aromas e cores, ouvimos os sotaques, as frases inventadas cheias de musicalidade e graça para vender, e depois levamos essas cores e perfumes para casa.

Na minha infância o carrinho de feira virava casinha, armário, transporte para as bonecas, suporte para montar barraca. Na vida adulta, na sala de aula, o carrinho vira transporte de materiais de um lugar para o outro, lugar de carregar miudezas, curiosidades, segredos. A forma de organizar esses transportes e até mesmo personalizá-los traz uma experiência, oferece para aquele que vê uma estética singular e talvez aí esteja o meu interesse.

Dewey (2010), coloca da seguinte forma:

No desenvolvimento de um ato expressivo, a emoção funciona como um ímã que atrai para si o material apropriado: apropriado por ter uma afinidade emocional com o estado de ânimo já desencadeado. A escolha e a organização do material são, ao mesmo tempo, uma função e um teste da qualidade da emoção experimentada. (Dewey, 2010, p. 159)



Figura 4 - **Maleta.** Desenho em carvão feito durante a oficina Carvão e Luto ministrada pela autora. 2022.
Fonte: autora (2022)

Em contato com Dewey e o seu conceito de experiência, percebi que confiar na expressividade que um objeto, como uma maleta, um carrinho ou uma sacola de feira, é um exercício constante de sensibilidade e criatividade. Por diversas vezes eu inseri esses objetos, confiando na potencialidade de sua imagem para iniciar a aula. E é nessa narrativa que um ateliê em movimento começa a se desenhar pela escola. “O ateliê contemporâneo necessita de um movimento para acontecer, uma expansão, um romper de suas estruturas fechadas e isoladas para além de quatro paredes. Uma expansão para além do estúdio, da galeria e do museu.” (Facco,

2017, p. 217)

O ateliê não precisa ser um lugar distante da nossa vivência, elitizado, romantizado e intelectualizado. É o nosso quintal, o terreiro, aquele cantinho preferido que não serve para

nada, que não tem nada, mas onde gostamos de brincar. Pode ser a sala de aula, o laboratório da escola, o pátio. Nossos esconderijos e cantos preferidos. Um lugar do nosso coração que na imaginação ganha proporções imensas de aventura e beleza.

Cada vez que uma caixa com propostas de criação entra na sala, uma curiosidade é despertada e junto aos materiais de dentro da caixa sai um caos:

Não há expressão sem agitação, sem turbulência. Contudo, uma agitação interna que é prontamente descarregada em uma risada ou em um grito se extingue ao ser enunciada. Descarregar é livrar-se de algo, descartá-lo; expressar é ficar com a turbulência, levá-la adiante em seu desenvolvimento, elaborá-la até sua conclusão. (Dewey, 2010, p. 148)

Alunos descobrindo os materiais com euforia, barulho, risos, indagações e aos poucos vamos nos organizando e do caos inicial saem muitas criações bonitas, divertidas, sensíveis mostrando um pouco do mundo interno de cada um. Segundo Sennett (2009), o equilíbrio entre o pensamento e o sentimento estão contidos no processo do fazer.

Ainda assim, por mais que eu me envolva e apresente poéticas e temáticas mirabolantes, e que eu tenha muitos planos para fazer arte na escola, não podemos esquecer que a criança tem cem linguagens, como afirma Malaguzzi apud Edwards, Gandini e Forman (2016), e normalmente tiramos todas dela deixando somente uma. Separamos cabeça, coração e mão. Como se na vida, essas partes não estivessem constantemente emaranhadas.

Pensei em levar a prática de ateliê para a escola, porém idealizava uma visão que deixava pouco espaço para que os alunos criassem a deles. Até que fui provocada pela professora Rejane Coutinho, na disciplina de Metodologia de Pesquisa, que fazia parte da grade do mestrado durante o 1º semestre de 2022, a bagunçar um pouco as estantes do meu pensamento, e encontrei uma peça fundamental para que a criação acontecesse de forma mais livre e criativa: o movimento. Para pensar a escola como ateliê, é preciso entender que há movimento, mudança, passagem e encontro. Um movimento que não parte apenas das maletas e carrinhos que eu carregava pela escola. Desta maneira, minha pesquisa segue por este viés.

Para o embasamento teórico, alguns autores foram escolhidos, e ao longo das leituras e conversas com a orientadora, outros nomes foram surgindo. Inicialmente para falar sobre o ateliê e o artífice recorri ao Richard Sennett, com o livro “O artífice” (2009). Para conectar ao brincar como forma de criação e lugar, a referência foi Renata Meirelles com o livro Giramundo (2007) e o documentário Território do brincar. Ainda sobre criação, recorri a obra de Fayga Ostrower, Criatividade e processos de criação (2007). Depois acrescentei algumas leituras que trouxeram uma visão mais centrada no processo de aprendizagem junto a criatividade com Stela

Barbieri (2021), Veia Vecchi (2017), Marta Facco (2017) e Paola Zordan (2019). Manoel de Barros e toda a sua poesia, também entram para dialogar com o ateliê, sobretudo o livro *Memórias inventadas* (2008). Ao pensar sobre memória, poética e espaço, também incluí nesses estudos Bachelard (1979).

Após a primeira conversa com minha orientadora, passei a pesquisar sobre Ana Mae Barbosa (2003), Paulo Freire (1996), John Dewey (2010), a pedagogia Waldorf, de Rudolf Lanz (1990) e a abordagem Reggio Emilia em *As cem linguagens da criança* de Edwards, Gandini e Forman (2016), que trouxeram um olhar muito mais focado na pessoa, nas leituras de mundo de cada um. Ao ter contato com livros sobre Reggio Emilia, vi que já estava muito próxima a

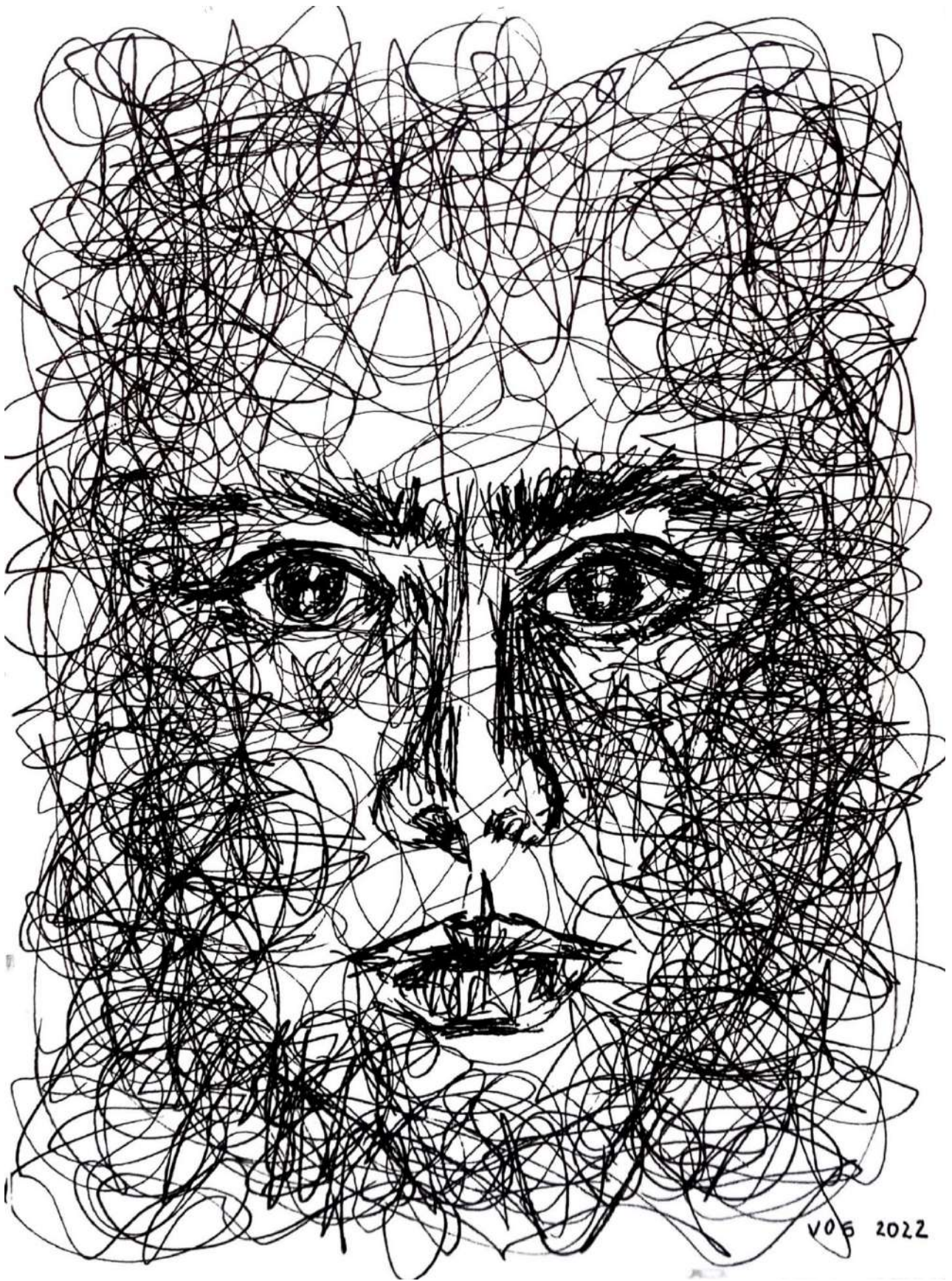
esse pensamento através da obra *Pedagogia do Caracol*, de Gianfranco Zavalloni (2020), que fala sobre a aprendizagem sem pressa na escola. Também acrescentei a essa bagagem, Willian Kentridge (2012) para pensar sobre o trabalho do artista e pesquisador. Para pensar o professor como um ser que pensa e sente, recorri ao livro: *Vidas de professores*, organizado por Antônio Nóvoa (2013). Outra obra fundamental para a construção do encontro entre professor e aprendiz foi o *Livro de Mirian Celeste e Gisa Picosque* (2012), *Mediação Cultural para Professores Andarilhos na Cultura*.

Esta dissertação conta com quatro etapas: Esta introdução, onde apresento alguns questionamentos e inquietações, a segunda sobre a educação em Arte, a terceira sobre o ateliê e a quarta é um relato da prática realizada na escola. Toda a escrita está permeada de imagens: fotografias dos momentos vivenciados, escritas poéticas e algumas reflexões pessoais. Muitas das imagens são registros dos processos criativos dos alunos e do meu próprio processo na pesquisa. Há imagens que são o próprio texto e fazem parte da poética e estética na forma de abordar o assunto. Em alguns momentos, são desenhos a caneta em preto e branco,



Figura 5 - **Mesa de estudo.** fotografia, 2023.
Fonte: autora (2023)

principalmente no capítulo sobre educação, como se fosse o início, um esboço. Em outros momentos, fotografias de objetos pessoais, recortados, que têm um valor afetivo e fazem parte da minha construção visual, eles estão presentes principalmente no capítulo sobre o ateliê, onde é muito evidente o simbolismo e valor afetivo das coisas materiais. No capítulo que relata a prática, uma linha vermelha expressa as tensões e possibilidades encontradas no caminho. Essas imagens não têm legendas, elas partem de um olhar artístico e poético sobre o tema tratado. São expressões, pois não sei me expressar só nas palavras, gosto de usar a imagem que me comove e me faz lembrar. A linha é um elemento muito presente em todo o texto, pois remete aos caminhos, a afinidade pelo desenho, aos pensamentos durante as viagens de casa para a escola e da escola para casa, viagens do corpo e da mente... uma forma de dar contorno ao que penso e fazer com que as coisas existam.



2. SONHOS NÃO ENVELHECEM: COMO APRENDI E COMO ENSINO ARTE

Este capítulo trata de uma contextualização no campo do ensino de Arte no Brasil aos olhos da criança que cresceu nos anos 1990 e se tornou professora. Como esse processo tem passado por transformações e mudanças desde o século passado até agora. Compreendendo como esse conceito se formou passando pelo ensino tradicional, tecnicista, modernista, a influência das Escolinhas de Arte, o modelo educacional surgido nos Estados Unidos conhecido como *Discipline Based Art Education* (DBAE), a Abordagem Triangular, e outras propostas para o currículo de Arte na escola, que de fato insere a Arte como um campo de estudo capaz de formar um cidadão sensível e crítico.

Tomo como ponto de partida Paulo Freire com *Pedagogia da autonomia* (1996), *Pedagogia do Oprimido* (2021); Ana Mae Barbosa com *Arte-Educação: Leitura no Subsolo* (2003) e *A imagem no Ensino de Arte* (2014); *A educação pela Arte* (2001) de Herbert Read; vários artigos e publicações do site de Mirian Celeste Martins e livro da mesma autora junto com Gisa Picosque: *Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura* (2012) e Fernando Hernández com *Catadores da Cultura Visual* (2007). Recorro a construção de uma narrativa, refletindo sobre o meu lugar dentro de todas essas transformações e busco apoio, inspiração e orientação sobre essa forma de abordagem com os livros de Antonio Nóvoa: *Vida de Professores* (2013) e *Professores: Libertar o futuro* (2023).



Figura 6 - **Referências.** Fotografia da autora. 2022.
Fonte: autora (2022).

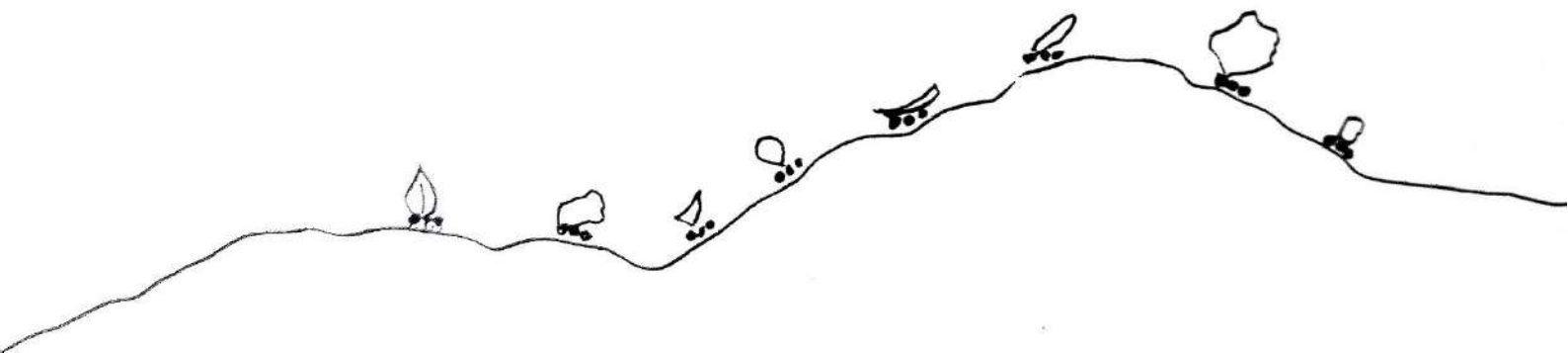
2.1 Meu Endereço na História

Minha história com a educação começa com os livros da escola que eu via em casa antes de começar a estudar. Não sei a idade que eu tinha, mas lembro que era antes de frequentar a pré-escola. Lembro de dois livros de quinta e sexta série, sei que eram dessas séries porque eu conseguia reconhecer os números. E tinha também um de folclore, de capa dura com figuras ilustradas, em que a contracapa trazia a ilustração de uma professora rodeada por adolescentes, e não sei se alguém me disse isso ou eu mesma imaginei pela semelhança, achava que a professora retratada nesse desenho era minha mãe. Acho que foi a primeira pessoa que reconheci como educadora.

Dona Cleusa, minha mãe, trabalhou desde os catorze anos de idade, em lojas e fábricas, parou quando eu era pequenininha e eu sou grata por isso, porque cresci olhando para ela. Às vezes, enquanto ela limpava a casa ouvindo música, dançava comigo, me erguia, me rodava e eu me sentia uma bailarina de verdade. Com ela aprendi a brincar no pequeno canteiro que tinha em casa. Brincava com as formigas, passava a tarde (talvez poucas horas, porque naquele mundo grande daquela época, o tempo parecia muito largo) observando o que elas faziam. Um dia minha mãe me deu de presente uma joaninha. Um dos presentes mais encantadores que já ganhei, mas durou um dia só e na manhã seguinte ela voou. Hoje a vejo criando coisas para minhas sobrinhas fazerem: utilizando caixas de papelão para fazer carrinho, inventando entrevistas de tv, ensinando brincadeiras da infância dela. Nesse diverso quintal que é o Brasil, quantas mães e avós não foram as primeiras artistas e professoras de muitos profissionais de hoje?



Figura 7 - **minha mãe brincando com gato e o bairro que cresci ao fundo.** Fotografia da autora, 2017.
Fonte: autora (2017).



Minhas irmãs e minha prima, que eram mais velhas, também contribuíram para que eu aprendesse a “ler” o mundo antes de ser alfabetizada. Lembro da figura de uma gatinha rajada sobre uma almofada olhando a lua, num desses livros citados. Com um texto que se seguia em linhas curtas. A mágica acontecia quando elas abriam o livro nessa página e começavam a cantar *“nós gatos já nascemos pobres, porém já nascemos livres...”* Até encenávamos a canção com nossos bichinhos de pelúcia. Daí entendi que estava escrito naquelas linhas curtas, uma canção, que aquela era a forma



Figura 8 - **As três meninas.** Fotografia de Cleusa Oliveira, meados de 1990.
Fonte: Acervo de Cleusa Oliveira

de se escrever uma canção. “A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal” (Barbosa, 2014, p. 28).

Depois disso, aprendi a escrever minha primeira palavra, desenhei um gato, suas pegadas e as letras formando MIAU.

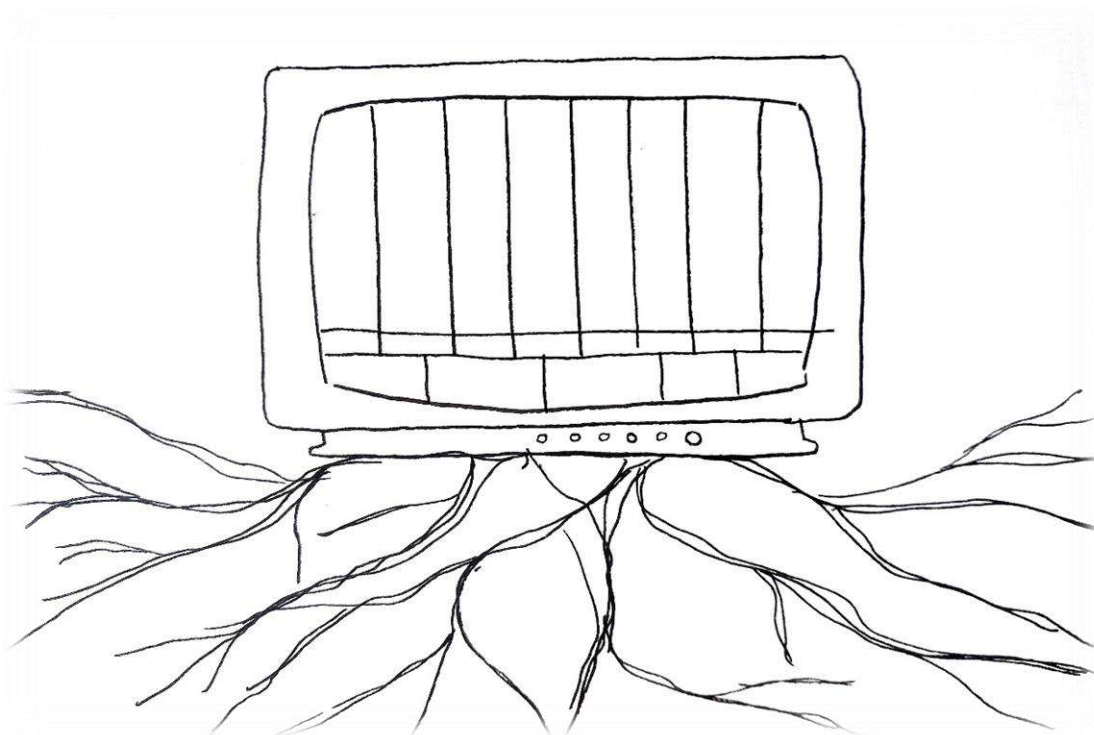
A criança aprende a formar seus próprios signos configuracionais principalmente por meio da observação do comportamento-de-fazer-signos-configuracionais de outras pessoas, por observar inicialmente que outras pessoas fazem desenhos, verificando então, a maneira pelas quais são feitos e as diversas formas que tais signos tomam em nossa cultura. Sim, *estamos dizendo que, sem modelos para serem seguidos, haveria pequeno ou nenhum comportamento de realização de signos visuais nas crianças.* (Brent e Marjorie Wilson in: Barbosa, 2003, p. 63)

Fiz isso numa folha em branco do livro... minha mãe ficou surpresa ao ver, não entendi muito bem o motivo da surpresa, mas percebi que tinha a ver com juntar um desenho e uma palavra da forma certa. Eu não quero insinuar com isso, que não precisamos de um profissional para alfabetizar alguém, mas esse processo acontece pela união de muitas coisas, do entorno social, da família, do acesso que temos aos materiais didáticos, aos livros, às canções da nossa cultura. Em tempos atuais, que tantas pessoas acreditam ser melhor educar uma criança fora da escola, é importante ressaltar que nosso entorno social contribui muito para nossa educação, mas é imprescindível a aprendizagem escolar para formar um cidadão. E como afirma Nóvoa

(2023), a escola é um espaço importante para aprender com o outro, pois a aprendizagem é um ato coletivo e não individual. Aprender em casa é importante, mas não o suficiente. E como o trabalho realizado numa sala de aula repercute, respinga, reverbera em outros momentos, tempos, pessoas e lugares.

A cultura popular se insere e permanece por gerações definindo o traço que desenhamos, a melodia que cantamos, como afirma Brent e Marjorie Wilson “a cultura da infância efetivamente transmite jogos e rimas de um século para o outro” (Wilson, 2003, p. 67). O espaço de tempo e lugar que temos para criar também conta, os momentos coletivos, ou sozinhos em que temos liberdade para criar algo sem supervisão de um adulto e sem a pressão de um prazo de entrega. E por fim, é possível constatar que já na época em que eu entrava na alfabetização, início dos anos 1990, não bastava ler apenas palavras, estávamos cada vez mais cercados de imagens e ler o mundo também dependia de compreender os significados que as envolviam.

Devemos aceitar o fato de que aprender como se comunicar com gráficos, música, cinema é tão importante como comunicar-se com palavras. Compreender suas regras é tão importante como fazer com que uma frase funcione. Estou falando sobre aprender a gramática, mas também sobre aprender como expressar-se (Lucas (2004) apud Hernandez, 2007, p. 24)



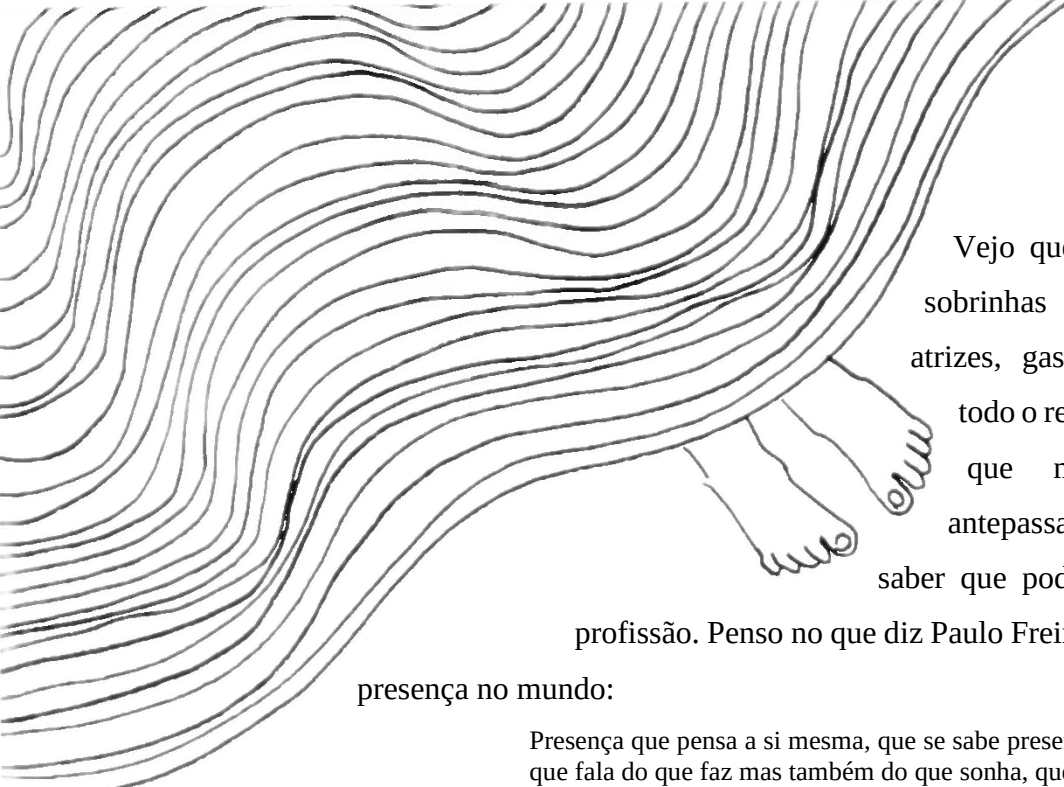
Além dos poucos livros didáticos que eu tinha acesso, boa parte das imagens que eu consumia eram da tv. Entre os programas preferidos, estavam “Glub glub”, dois peixinhos que assistiam a uma TV no fundo do mar, e essa tv reproduzia vários desenhos animados, e “Castelo ra-tim-bum”, ambos da TV cultura. A primeira vez que me lembro de ter visto uma leitura de

obra de Arte, foi nesse último programa que citei, a obra era “O Nascimento de Vênus” (1482-1485), de Boticelli. Os personagens do programa, olhavam a imagem, faziam perguntas, observações, a câmera enquadrava detalhes da pintura enquanto eles faziam suposições do que aquilo simbolizava, e descobriam o título e o autor da obra. Como professora questiono: será que neste programa, fazia-se uma leitura de imagem, seguindo o que se configura como *Image Watching*: descrever, analisar, interpretar, fundamentar e revelar? Como afirma Robert Willian Ott (2003).

Porém quando entrei na escola o que eu fazia na aula de arte era colorir desenhos mimeografados, desenhava no papel quadriculado letras regulares, de vez em quando tinha “desenho livre”, e às vezes eu pedia a professora que me deixasse ilustrar o texto que copiávamos no caderno. Frutos de um ensino tradicional. Era o que tínhamos e eu gostava mesmo assim.

Nessa mesma década, Ana Mae organizava o livro “Arte-educação: leituras no subsolo” (1997), Mirian Celeste publicava sua dissertação de mestrado “Não sei desenhar” (1992), Paulo Freire publicava “Pedagogia da autonomia” (1996). Fazíamos exatamente o que esses educadores estavam inquietos e dispostos a mudar. Quanto mais o tempo passa, mais eu compreendo a necessidade e urgência dessas mudanças. Hoje percebo o que um ensino em que a Arte pode ter mais protagonismo, fez com minha formação. Me trouxe onde estou agora pois me permitiu escolher a Arte como um campo de estudo e profissão. Ao meu redor percebo outras pessoas da minha geração, pesquisadoras da arte, fazedoras de cultura e que vieram da classe mais pobre e trabalhadora como eu, aprendendo arte nas poucas aulas da escola e nos poucos programas de Tv que tínhamos acesso. Sem ir à museus, salas de concerto e teatro. Justamente numa época em que Ana Mae (2014) afirmava que a maior fonte de imagens para crianças de escola pública era a Tv.





Vejo que na minha família, minhas sobrinhas sonham em ser arquitetas, atrizes, gastrônomas, musicistas. Com todo o respeito por todas as profissões que mantiveram firmes meus antepassados, mas é muito potente saber que podemos sonhar com qualquer profissão. Penso no que diz Paulo Freire sobre nossa consciência de presença no mundo:

Presença que pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valoriza, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. (Freire, 1996. p. 18)

Este educador me faz acreditar que é possível um mundo mais igual, com mais oportunidades. E talvez por isso é tão dolorido ver quando meus colegas de trabalho brigam e relutam por um modelo de educação tecnicista, esvaziando de sentido a leitura de imagens, e por consequência a leitura de mundo. Colocando a Arte num segundo plano, a estética num lugar de futilidade.

E isso me traz de volta ao que é essencial, e que na “espuma dos dias” vamos perdendo: Gente. Pessoas são importantes, e tornar a jornada delas mais leve, mais interessante, mais alegre, penso que é nosso dever como educador. A Arte é uma forma, uma ponte para essa caminhada. Read (2001), nos desperta para a afirmação que a arte está na nossa vida de muitas maneiras. Que é importante sentir, se expressar, vivenciar com o corpo, com a mente e com o coração. Também fala sobre a importância da relação entre professor e aluno. Aprendemos as coisas porque amamos, ou admiramos quem nos ensina, e quando ensinamos algo a alguém, a experiência do aprendiz é tão bonita de ver que aprendemos mais coisas ainda com ele, e vivenciamos esse ato amoroso que envolve a aprendizagem, onde é mais importante a pessoa do que o conteúdo que queremos ensinar.

Pois qualquer que seja o aspecto da educação que consideramos, e em qualquer estágio, a ligação estabelecida entre o professor e a criança é o fator de maior importância. O aumento da confiança, a eliminação do medo, a força unificadora do amor e da ternura – são estes com que o professor deve trabalhar. Não apenas a assimilação do conhecimento, aceitação da disciplina e a percepção do eu dependem do correto desenvolvimento desses processos psicológicos, mas, o que é ainda mais importante, também a integração do indivíduo com o grupo ou sociedade a que ele pertence. (Read, 2001 p 260).

Por um tempo, sonhei muito uma educação em arte que liberta e acolhe, depois achei que esse sonho era impraticável na educação formal. O desânimo, o desrespeito, a desigualdade, a frieza nos engolem. Então parece que somos muito pequenos diante de todo o sistema. Mas quando me deparo com esses educadores, apesar de perceber que estamos distantes e somos pequenos, sempre há uma brecha onde nos cabe o sonho, o sensível, cultivado pela arte, pelo brincar, ainda que em pequenos momentos na escola, ainda que andemos contra a pressa, contra o descaso, esse pequeno cultivo de sensibilidade entra dentro da gente e nos faz permanecer e ir além. Hoje eu acredito que podemos sonhar e que a mudança ainda que seja pouca, acontece. São frestas que nos permitem abrir espaço para ver um mundo com mais poesia, que não significa também tirar os pés do chão, mas nos faz reconhecer que somos desse chão, e que esse pó de que viemos é belo.

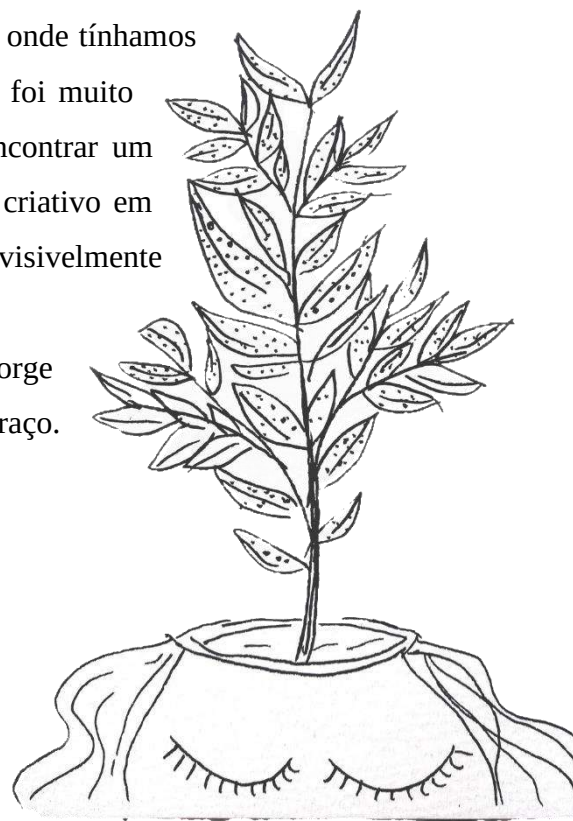


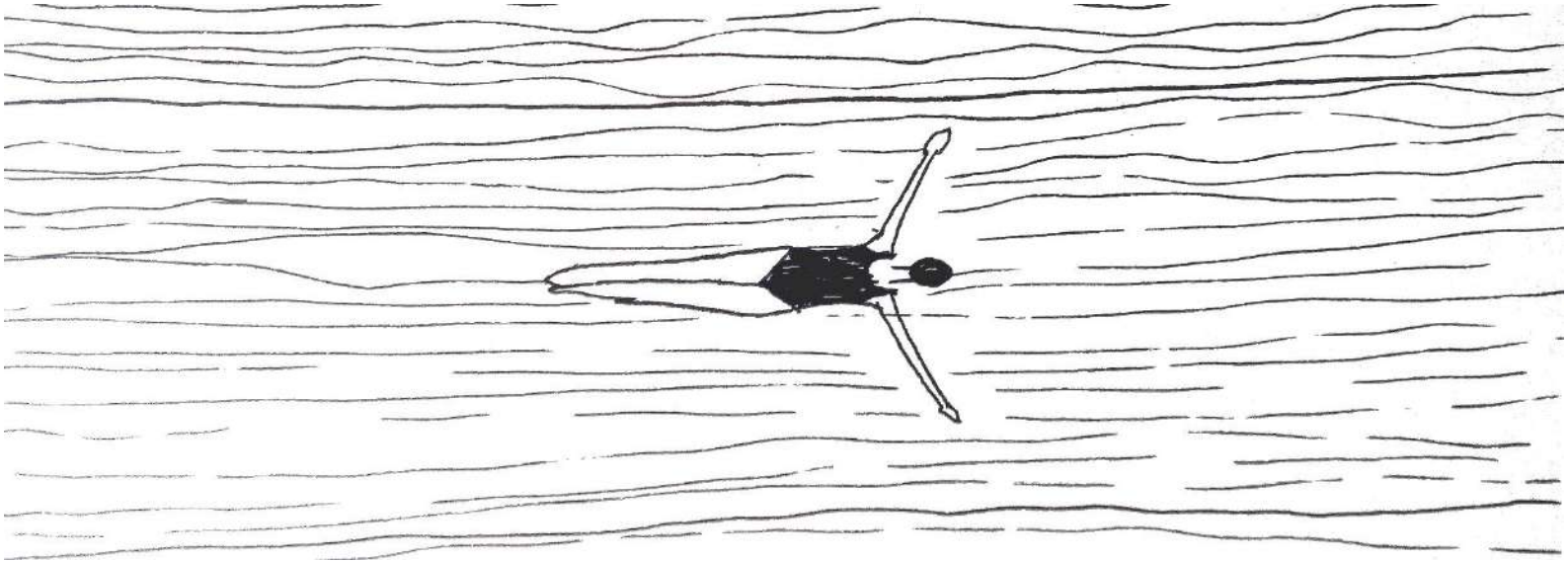
2. 2 O professor é uma pessoa

Durante o processo da pesquisa repenso minhas formas de encarar a sala de aula. Lembro de ações que não deram certo, ações que deram muito certo, momentos em que as aulas foram muito significativas para os alunos e para mim também. A experiência com a arte me parece uma coisa recorrente desde minha infância, sempre percebi maior facilidade em transmitir aos alunos as coisas que me afetaram de verdade, que me encantaram, como se por dentro da professora estivesse a criança, que se surpreende com a novidade. Ao ler o referencial teórico, ouvir os professores, autores que tive o privilégio de conhecer no início da graduação, fico pensando o quanto mudei, o quanto os conceitos que eu pensava ter apreendido, tem hoje, um sentido muito mais profundo. E encaro como um grande desafio perceber que não apenas eu passo por uma constante mudança, mas também esses autores, o mundo, a cultura, as pessoas. Esse referencial teórico se enriquece com o tempo, a biblioteca pessoal cresce a cada ano, mas percebo que o que ficou tatuado na minha memória foi o encontro com as pessoas.

Na graduação em Artes Plásticas, tive o contato com alguns professores que considero pilares no início desse trajeto. O primeiro é o professor Francisco Carlos Franco, que costumávamos chamar por Fran. Sua prática como docente era muito pautada na pedagogia desenvolvida e defendida por Ana Mae Barbosa e Paulo Freire, que hoje entendo ser uma educação progressista. Além de professor ele era artista plástico, e as histórias que contava, fora do cronograma de aula, eram encantadoras, na verdade, até pensávamos que era mentira. Até que em uma de suas últimas aulas para nossa turma, ele levou uma pasta cheia de fotos e reportagens antigas sobre os trabalhos que ele já havia realizado como artista. Era real então. Lembro-me que a aula dessa ocasião, já era do bacharelado, onde tínhamos que encontrar a nossa digital, nossa poética. O que sempre foi muito importante no meu processo de aprendizagem e ensino: encontrar um diálogo entre criar, aprender, ensinar. Perceber o potencial criativo em atitudes muito singelas. Além disso, ele era um professor visivelmente apaixonado por sua profissão.

Tive o prazer de fazer aula com Renato Palumbo e George Gütlich. Com o Palumbo, aprendi a soltar e a pensar o meu traço.





Uma vez ele me disse “você precisa ser mais espaçosa, usar mais gesto para desenhar. Você fica desenhando desse jeito, quase sem mexer a mão, como se tivesse medo de atrapalhar alguém”. Isso mexeu comigo, porque comecei a pensar não só minha liberdade no desenho, como também meu jeito de agir, sem querer ocupar espaço, querendo ser invisível, acostumada com uma narrativa:

[...] determinada pela hegemonia do homem branco, cristão e ocidental (europeu então e agora, sobretudo, norte-americano). Esta narrativa projeta-se na seleção de alguns conhecimentos escolares na qual o "outro" (aquele que não faz parte do "nós" hegemônico) é apresentado em posição de subordinação - pela qual há de ser civilizado e, portanto, justificadamente explorado e despojado de seus saberes. A partir disso é que, em grande parte, a visão que se apresenta na Escola sobre o conhecimento e os saberes é mediada pela ideia da dominação cultural que faz com que se veja/trate o outro como subalterno. Este outro seria o menino, a menina (crianças) e os jovens e, em parte, os docentes e as famílias. (Hernandez, 2007, p. 13)

Já com o George, eu adentrava a prática de ateliê. Eu mal sabia o que estava fazendo, lixando tábuas, pregando madeiras, usando ferramentas que eu nem sabia o nome, mas ao passo que ia fazendo, ia pensando, aprendendo, apreendendo. Começava a fazer sentido que quando a mão aprendia, aquilo se internalizava dentro de mim de alguma forma. Das referências teóricas dessa época, me acompanharam Rudolf Arnheim (2005); Heinrich Wofflin (2000); “Do espiritual na arte”, de Kandinsky (2015); “A vida das formas”, de Henri Focillon (2001), entre outros como Bachelard (1993) e Paul Valéry (1996), que vi apenas alguns trechos, porém compreendia bem pouco. Todo esse referencial era muito empolgante para o pensamento artístico, para a prática de artista, mas e para levar à escola, como fazer? Eu demorei bastante para achar essa chave e entender como lidar com a prática docente e principalmente como lidar com o outro. E a chave nem sempre é a mesma, pode variar para cada turma, cada época, cada pessoa. Até mesmo porque a realidade da escola é muito diferente, é como se a gente caísse no mar do esquecimento e não soubesse mais por que tinha chegado ali². Quando eu era professora

² Referência a obra “Hoje é dia de Maria – 2ª jornada, de Luiz Fernando de Carvalho. Minissérie exibida na rede Globo em 2005.

eventual³, lutando para não afundar nesse mar, me foi apresentado o livro *Explicando a Filosofia com Arte*, de Charles Feitosa (2004), que tinha uma linguagem muito acessível e me ajudou a dar aulas em que ao menos questionássemos o que estávamos fazendo na sala de aula e não apenas cumprir uma tarefa.

Finalmente eu passei no concurso para professor de arte na rede estadual e pensei que sendo titular da sala o diálogo e ações com as turmas seriam menos difíceis, mas foi mesmo uma boa ilusão. No fundo, acho que eu queria um manual de como dar aula. Demorei a entender que era um percurso que envolvia as escolhas que eu tomaria para cada situação, que envolvia responsabilidade nas decisões e muita escuta. Alguns colegas de trabalho me davam conselhos: “Você não pode rir, senão os alunos perdem o respeito, tem que ser firme, gritar com eles!” ou “ameace chamar a coordenadora, bate o apagador na mesa...” e por aí vai. Tentei tudo e continuei frustrada. Uma vez uma professora voltou de licença e eu percebi que os alunos tinham um encantamento por ela, e na minha inexperiência de professora nova eu perguntei o que ela fazia para ter esse retorno dos alunos. Ela simplesmente respondeu sorrindo que lecionava há vinte e seis anos. Fiquei animada e ao mesmo tempo angustiada com aquela resposta, porém isso me fez acreditar no percurso. Alguns meses depois eu fiz uma vivência sobre circo tradicional e maquiagem artística com os alunos da primeira série do Ensino Médio, e no momento que eu cheguei com as maquiagens de Teatro eles amoleceram uma pequena parte do coração e eu pude entrar. Eles também entraram no meu coração e comecei a escutá-los com mais precisão. Vi que o teatro era uma linguagem possível para chegar até eles, e



Figuras 9 e 10 - **Explorando olhares e desenho cego**. fotografias da autora, 2010.

Fonte: autora (2010)

³ Profissional da área da educação que atua temporariamente, de forma substitutiva no caso de ausências, afastamentos ou licenças dos professores titulares, na rede pública estadual de São Paulo.

mesmo tendo pouca afinidade com essa linguagem, achei que valeria à pena explorar um pouco mais para que os alunos pudessem desenvolver esse potencial artístico.

Depois foi a dança que entrou, a partir da formação para professores do programa Descubra a Orquestra na Sala São Paulo, onde a professora Isabel Bertevelli, inseria a linguagem corporal como forma de brincar e aprender a linguagem musical. Essa turma de Ensino Médio, após um ano, em uma das propostas de aula montou um musical abordando questões sobre feminismo, machismo, violência e sexualidade, que eram assuntos que eles realmente queriam falar. Fiquei orgulhosa e impressionada com o potencial criativo e a vontade de produzir mesmo sem recursos e apoio. Nunca posso deixar de mencionar essa turma, pois eles me ensinaram, com muita generosidade e disposição, a ser professora. “A educação de um aluno é, assim, sempre a auto-educação do professor.” (Read, 2001 p 325)

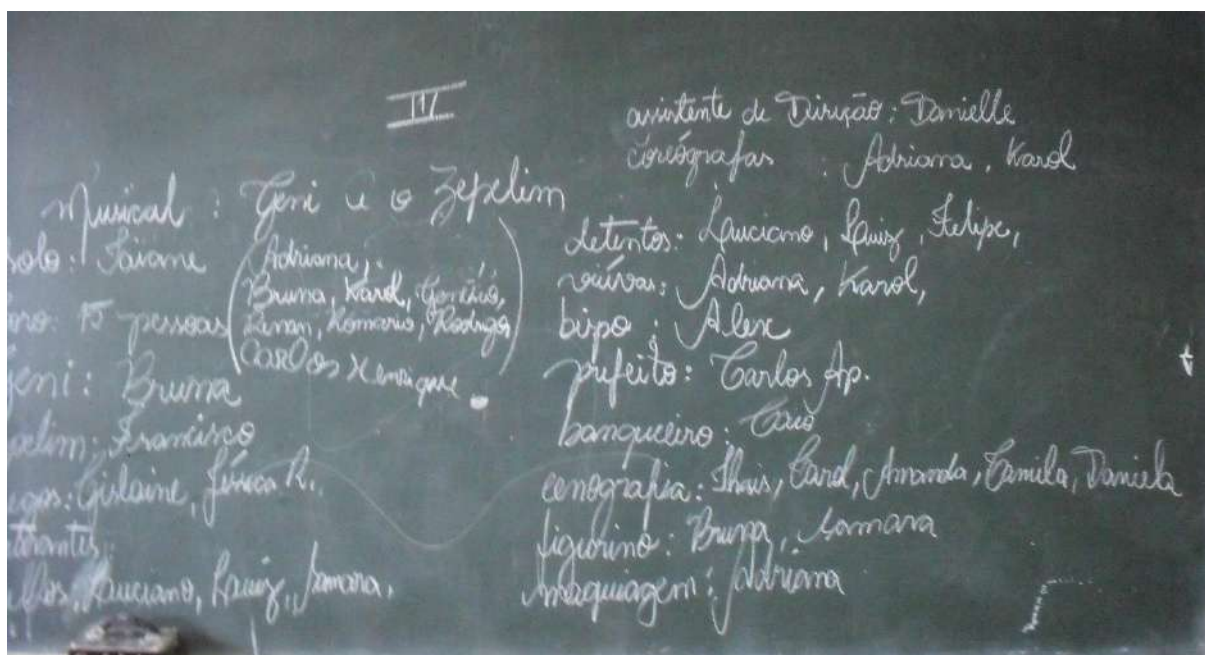


Figura 11 - Detalhe de roteiro elaborado em conjunto na sala. Fotografia da autora, 2010.

Fonte: autora (2010)

Eu cresci numa família que tinha apreço pela música, minha irmã mais velha me ensinou a tocar órgão e teclado, meus primos também eram musicistas na igreja, meu pai era apaixonado por som, além de ser técnico e fazer conserto de aparelhos eletrônicos em geral. O programa Descubra a Orquestra na Sala São Paulo, trouxe o universo da educação musical e potencializou o conhecimento que eu já tinha sobre música, mas não sabia como passar. Aprendia nesses cursos a trabalhar com o desenho, a pintura, a expressão corporal com o intuito de perceber, escutar e criar música. Esse aprendizado eu compartilhava com os alunos e ressignificava a minha prática. Nem tudo eles recebiam com a mesma empolgação que eu apresentava, e isso era importante para pensar o que eles realmente estavam entendendo, com qual linguagem se

comunicavam melhor. Outras vezes eles apresentavam soluções ou desdobramentos que eu não tinha nem imaginado, e a aula ficava mais rica, porque eles demonstravam mais flexibilidade onde eu era mais engessada. A partir desse momento eu me interessei em vivenciar mais as outras linguagens, pois eu lia bastante sobre, mas sentia que faltava experimentar na prática. Como base teórica eu utilizava livro “O ensino das artes – construindo caminhos”, organizado por Sueli Ferreira (2001). Por conta própria me matriculei numa academia de dança e fiz dança contemporânea. Fiquei nessa academia por sete anos dançando, fazendo cenários, performando, pensando a estética, conceitos e trocando com artistas e amigos muito especiais. Neste período conheci o Jabuticaqui, um grupo de artistas e educadores que pesquisava a cultura popular brasileira a partir do contato com o mestre Tião Carvalho, entrei nesse grupo e foi aí que realmente me encontrei como brincante. Comecei a reconhecer particularidades das linguagens artísticas no fazer e na fé do povo. Bordados, estandartes, fitas coloridas, passos, saltos, giros, aboios, cantos, toques, tambores, sopros, encenações, ritualizações. A partir dessa vivência, comecei a trabalhar a dança na escola a partir das danças populares brasileiras: Cacuriá, caroco, bumba-boi, coco, ciranda, jongo e congada. Um dia encontrei uma ex-aluna e ela me disse: “Saudade de quando a senhora era nossa professora e a gente quase não tinha aula...” Eu fiquei um pouco assustada com essa afirmação e ela prosseguiu: “a gente só brincava”. Agradei o



que encarei como um elogio, porém não deixo de pensar que existe uma problemática quando os alunos não entendem que a aula também pode ser prazerosa e que o brincar também é uma forma de aprender.

A pesquisa nesse grupo trouxe o encontro com mestras e mestres muito queridos, uma delas eu considero hoje como mestra, artista, professora e amiga: Ana Maria Carvalho. Eu via e ouvia essa mulher cantando e ficava maravilhada. Quando fui fazer uma vivência com ela, vi na prática uma educação sem violência e imposição. Aquilo que eu estudei nos livros, que os professores da faculdade falavam. Ela ensinava, cantava, dançava, e num momento as crianças faziam uma enorme algazarra que chegava a cobrir a voz dela. Ela não fez nada, chegou de mansinho, trouxe o boi para as crianças brincarem, os olhos delas brilharam, e de repente elas estavam na roda com os adultos, brincando e cantando. Ao final fomos jantar, ela preparou uma galinhada e disse que o alimento era muito importante para celebrarmos a vida e o encontro. Além do encanto que eu via na Ana como artista, vi o encanto nesse momento como professora. Desse dia em diante, nunca mais permiti que me dissessem na escola que eu precisava falar mais alto ou que eu precisava ser mais dura com os alunos. Existe uma relação na cultura popular entre mestre e aprendiz que não dá para explicar muito bem, mas é como se o mestre botasse a mão



no fogo pelo seu aprendiz e o aprendiz entendesse essa troca, os dois se doam por uma coisa que é maior e coletiva. Uma relação de amor e respeito nasce aí.

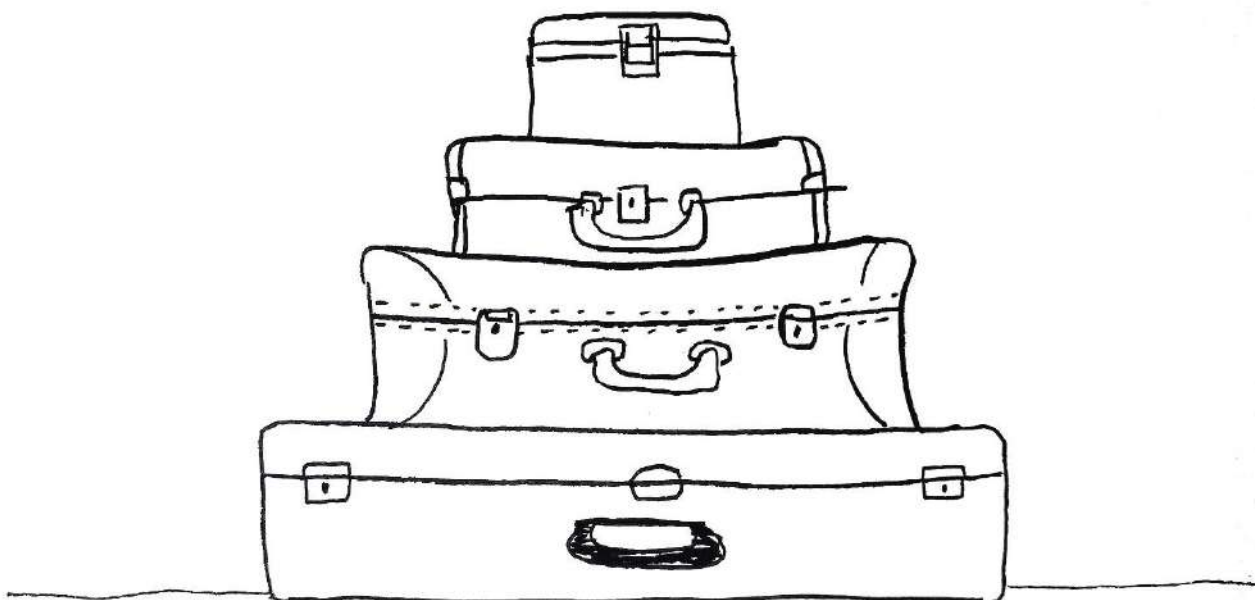
Durante esse tempo em que fiz dança, também conheci Camila Valiengo, a educadora musical mais forte e delicada que eu já vi e que pude ter o prazer de trabalhar. Ela me apresentou o mundo dos pequenos, a educação infantil, a educação do ser. No ateliê dela às vezes eu me via com tanta liberdade para propor, que não sabia como agir. Comecei a observar como era viva a aula de arte. Nós planejávamos a aula, separávamos os materiais, de repente a criança vinha com uma outra inquietação e mudava a aula toda, a Camila se mostrava desapegada daquele planejamento e parecia nem sofrer com a mudança como eu sofria. Nesse tempo ela



Figuras 12 e 13 – Ana (acima). Camila e Ambrósio (à esquerda).
Fotografias da autora, 2020. Fonte: autora (2020)

apresentou referências muito importantes como Koellreutter educador de Teca Alencar de Brito (2011), a educadora musical Lydia Hortélio, que trouxe grande contribuição sobre a cultura da infância e popular, Murray Schafer (1991), a psiquiatra Nise da Silveira (2015), que revolucionou o tratamento mental no Brasil, entre outros.

Ainda nesse período de sete anos, entrei em um grupo de teatro chamado Contadores de Mentira, um teatro de grupo focado no teatro antropológico. Comecei a entender e fazer paralelos entre o ensino e a rotina de um teatro de grupo: a preparação do espaço, a preparação do corpo, a concepção das obras, a montagem e desmontagem dos espetáculos... Nós em sala de aula, somos assim como os atores: atuadores. Temos que preparar a sala, conceber a aula, contracenar, dialogar, montar/desmontar e o principal: escutar. A escuta ganhava cada vez mais significado no meu percurso. Primeiro a partir da música, depois, do teatro. Participei de um dos encontros de contadores de histórias, o “Boca do céu”, e lá conheci uma professora muito aberta a troca de experiências que me indicou o livro “Acordais” que na edição que adquiri recebe o título de A arte da palavra e da escuta, de Regina Machado (2015) mas ainda assim explica a referência a cantiga de roda acordais, como um sentido do despertar. Passei a pensar também nas narrativas que construímos no dia a dia a partir das histórias de cada um, dos objetos que carregamos para aula, da história contida na pausa de uma fala a outra. Até então, eu trabalhava como professora na escola, e como artista nesses grupos que citei. Cheguei a fazer uma especialização em artes visuais na Senac, voltado para o artista e passei a estudar a obra de Bachelard (1993), “A poética do espaço”, também “ponto e linha sobre plano”, de Kandinsky (2005), e encontrar um diálogo entre essas obras e meu trabalho com desenho, com dança e com música. Mas o tempo passou e comecei a me inquietar de novo, como se algo



faltasse, então comecei outra especialização voltada para a educação em arte. Foi nesse período que o ateliê e o brincar começaram a ser temas cada vez mais presentes em minhas aulas. Experimentar os espaços, as matérias, deixar que o lugar nos guie, interferir nos espaços. Comecei a encontrar respostas na minha infância, observando a infância dos meus alunos e brincando com eles, nas memórias, nos meus ancestrais, como os achadouros de Manoel de Barros.

Transformar qualquer espaço num ateliê. Da mesma forma que quando somos crianças brincamos de “faz de conta que o quintal era uma floresta, a rede na varanda era um navio”, podemos na sala de aula, transformar as carteiras e cadeiras em uma cabana com um tecido, uma caixinha de fósforo vira um instrumento musical, a mesa da professora vira o palco dos nossos fantoches de meia e assim por diante, experimentar a maravilha de ver uma pessoa conseguindo desenvolver uma obra de arte, ver o brilho nos olhos da pessoa que descobre o potencial que tem para criar. Aceitei com menos sofrimento que nem sempre aquela aula que a gente pensa que vai ser maravilhosa, não causa nenhum estímulo nos estudantes, e precisa ser revista, ser totalmente transformada.

Ensinar é um processo vivo, é um diálogo, para existir diálogo precisamos exercitar constantemente a escuta, a percepção, a imaginação e leitura. “Quem primeiro precisa aprender a escutar é o educador” (MACHADO, 2015). Ler e escutar o que o aluno está dizendo de muitas



formas, com o olhar, com o gesto, atitude. Querer mostrar coisas que você acha belas, importantes, ou “desimportantes”, querer surpreender, acreditar, sonhar essas pessoas. Transver o mundo, como Manoel de Barros. E deixar que eles também lhe presenteiem e lhe surpreendam. Tudo já está dentro da gente, a educação e a arte nos ajudam a pôr para fora o ser singular e ao mesmo tempo plural que somos.

O encontro entre a professora e a menina só aconteceu porque me reconheço como pessoa, como gente, que erra, aprende, erra de novo, tenta de novo, desiste, volta atrás, revê, sonha, imagina, sente. Ler todos esses livros sozinha, sem o contato dos mestres que citei, não faria o menor sentido por mais incríveis que sejam. Mas o que de fato causou a compreensão foi o diálogo, a experiência, as tentativas, a admiração por quem me orientou, encorajou, provocou. Por mais que nos informemos, a informação não é suficiente, é necessário viver. Esse subtítulo se refere a publicação de Ada Abraham, porque me faz entender que o ato simultâneo de ensinar e aprender, não tem a ver com todos os dados estatísticos com que definem professores e estudantes. Tem a ver com identidade, história. Quando vejo as lutas do passado por uma educação melhor, me vejo, como se lutassem pela minha existência como pessoa crítica, sensível e criadora. E hoje também quero lutar, porque acredito, porque sonho, porque quero que os estudantes acessem a Arte e estejam conscientes de sua própria potência criativa, sua bagagem, e responsabilidade de escolhas como cidadão.



2. 3 Sonhar e despertar

Gostaria de percorrer um pouco sobre o ensino de Arte na contemporaneidade refletindo sobre as linguagens artísticas que acessamos. Como os meios de comunicação e a tecnologias transformaram o processo educativo e cultural. Pensar sobre mediação cultural, sobretudo em como trabalhamos em escolas públicas. Como lidamos, nós educadores, sendo uma geração que usufruiu de tecnologias analógicas em boa parte da vida, com as tecnologias digitais, a velocidade da leitura, a degradação do meio ambiente em que vivemos.

Comecei por um livro da Mirian Celeste e Gisa Picosque (2012) sobre mediação cultural. No segundo parágrafo que anotava minha cabeça já começava a criar perguntas e uma outra narrativa. Achei interessante pensar a mediação a partir dos textos dos alunos e involuntariamente começaram a vir a mente conversas que tenho com os alunos.

2.3.1 Digital e analógico



Figura 14 - **Datilografar o tempo.** Fotografia da autora, 2022.

Fonte: autora (2022)

Vou tentar também, usando as palavras das autoras, costurar esse tecido de como aprendi e me encantei pela arte e como compartilho e transmito esses saberes. Agora percebo uma distância considerável entre minha idade e a idade dos meus alunos e tento entender a diferença que isso faz no aprendizado. Essa realidade bateu quando eu falava sobre meios de divulgação da música e mencionei o rádio. Uma aluna disse “só velho escuta rádio!” Meio desconcertada constatei que sou velha em relação a eles que são adolescentes. Quando comecei a dar aula eu tinha em torno de 20 anos e meus alunos 16, 17... muito mais próximo. Mas além da diferença entre gerações, há uma mudança que a geração dos anos 80 e 90 passou: os meios de reprodução visual, audiovisual e mais um monte de coisas. Eu não

comprei discos como meus pais, mas eu lembro do toca discos. Eu usei muitas fitas cassetes, rebobinei a fita com caneta. Gravei filmes da tv pelo vídeo cassete, alugava fitas vhs legendadas. Tive CDs, ainda compro CDs. Na minha casa tinha máquina de escrever que funcionava, tinha uma apostila de datilografia. Havia muitas revistas, eu gostava de olhá-las mais do que ler seus

textos, gostava de recortar, a ponto de minha mãe esconder a sua tesoura de costura para eu não picotar todas as revistas. Minhas amigas e eu tínhamos agendas, que usávamos como diário, relicário, lugar de guardar versos, pétalas de flor, papel de bala, depoimentos de amigos, segredos. Tínhamos agenda telefônica, a gente rabiscava, desenhava na agenda enquanto falava ao telefone. Tínhamos álbuns de fotografia. Temos! Compramos filmes de 12, 24, 36 poses e víamos as fotos só depois de levar no laboratório para revelar. Escrevíamos cartas, escrever uma carta não é como mandar um e-mail ou mensagem, tem um espaço no tempo em que você se dedica a pensar no que vai dizer à pessoa, resumir os acontecimentos, mandar uma imagem... Gostamos de livros físicos, novos ou velhos, o cheiro e a cor das páginas. Como passamos esse legado adiante? Devemos passar ou guardá-lo numa gaveta do passado? Estamos razoavelmente adaptados às tecnologias digitais, mas será que atualizamos essa mudança no modo de ensinar e comunicar de verdade? Será que não estamos no mesmo lugar só que em multiversos diferentes?

Percebo os jovens e as crianças mais conectados nas imagens do celular, do Tablet, do computador... o formato mudou, e transformou nossa maneira de enquadrar o mundo. A Tv e o cinema no formato horizontal coexistem com a tela vertical do celular, com a fotografia quadrada do Instagram, enquanto vários filtros imitam os efeitos das imagens produzidas de formas analógicas. Vemos um mundo numa tela pequena com movimentos restritos a esse tamanho, o que não é considerado belo não precisa existir, pelo menos não na imagem. Também tem filtros que mudam as cores e as formas, ninguém mais vai à praia num dia nublado, colocamos um filtro e de repente o céu está azulado, um clima quente colore a areia, o mar refresca num azul verdejante e o forte contraste no nosso maiô e boné deixa tudo feliz. É menos real do que a fantasia da tv, mas está mais palpável a qualquer um criar essa miragem. Isso nos deu a oportunidade de agir como cinegrafistas, pintores, fotógrafos. Recriamos a realidade colocando nossa poética. Mas fazemos isso para revelar ou para esconder quem somos?

Há tempos estamos lidando com as mudanças tecnológicas na escola, passamos pelo mimeógrafo, retroprojeto, projetor de slides, xerox, televisão e vídeo cassete, DVD, CD, vitrola, toca-fitas, CD player, computador, notebook, projetor, tablet, bluetooth, nuvem e por aí vai... Mesmo assim muitos continuaram apegados ao quadro e giz e com muita dificuldade desenvolviam aulas ditas diferenciadas ao utilizar alguns desses meios tecnológicos. Estávamos sempre para trás dos jovens que demonstravam, muitas vezes, desinteresse em nossa prática que enfatizava o encontro, a oralidade, a mão na massa, pois eles já haviam nascido na era digital e não tinham na mesma conexão afetiva que apresentamos com nosso modo de vida tão analógico. Porém veio a pandemia e todos nós tivemos que nos reinventar e utilizar o mundo

digital como forma de comunicação e de ensino. Mesmo sendo bem analógica, não fui tão aversa as tecnologias como ferramenta de trabalho, e percebi no Instagram, uma boa opção para organizar e compartilhar as vivências com os alunos. A criação de uma página no Instagram serviu como ferramenta de estudo, armazenamento, exposição, reflexão para minha prática docente, e ressaltou ainda como, apesar da popularidade e facilidade em criação nessa rede social, não é um veículo acessível a todos.

A ideia de criar a página surgiu durante as aulas remotas, pois os alunos começaram a entregar alguns trabalhos muito bonitos e não tínhamos uma forma de expor e organizar esse material. Então a princípio o objetivo era a exposição dos trabalhos.



Figura 15 - **Olho**. Pintura com guache feita por uma aluna, 2021.
Fonte: autora (2021)

Outro fator que levei em conta para criar a página, é que as imagens acabavam se perdendo no computador e celular, pois eu recebia trabalhos por e-mail, classroom, WhatsApp... e a página foi uma forma de organizar, armazenar e expor, pois era possível ver a data da postagem, adicionar uma legenda à imagem...

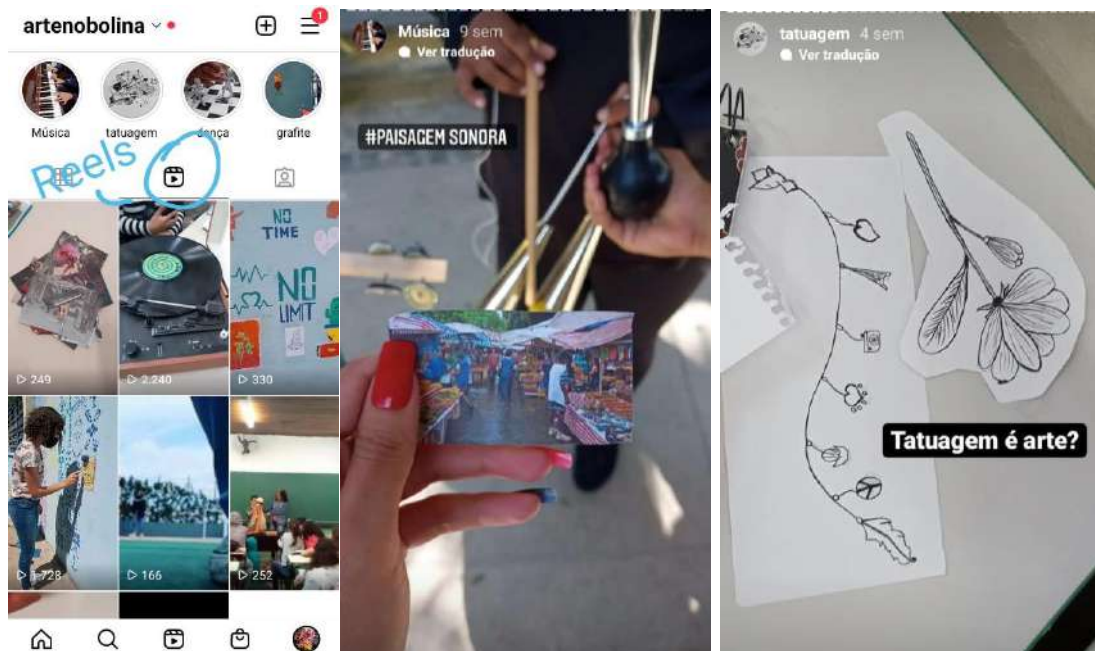
Vários alunos viram os trabalhos postados e ficaram inspirados a fazer também, e alguns alunos e professores de outras turmas também me marcavam para que eu pudesse repostar o trabalho deles. Os alunos que viam o próprio trabalho postado na página também sentiam que de alguma forma aquele trabalho havia sido valorizado.

Depois experimentei colocar algumas pesquisas que eles desenvolveram sobre arte, e apresentaram por meio do aplicativo Canva. E aí além de expor o trabalho, essa postagem virava um conteúdo que gerava conhecimento. Inclusive dos pais, irmãos, amigos que acompanhavam

a página. Também comecei utilizar para compartilhar algumas impressões dos alunos acerca das obras apreciadas.



Figuras 16 e 17 – Trabalhos feitos por alunos do 1º ano EM, em aplicativos de design digital, 2021.
Fonte: autora (2021)



Figuras 18, 19 e 20 – Vídeos e “stories”, 2022.
Fonte: autora (2021)

Quando as aulas voltaram ao modo presencial, comecei a explorar outras ferramentas como os “stories”, para registrar o processo das atividades que estávamos realizando. O “reels”

para registrar ou criar ações mais performáticas, e os “destaques”, para separar alguns temas estudados.

Percebi o Instagram como uma ótima ferramenta de aprendizagem, muito atual, que dialoga com diversos públicos, e que nos permite apreciar, aprender e criar. Também nos permite conferir as fontes de referência com facilidade, entrar em contato com entidades que promovem cultura, grupos artísticos, artistas e muito mais. Mas há também que se tomar muito cuidado e atenção com a utilização de imagens sem autorização, divulgação de informações falsas, faixa etária que estará acessando a essa plataforma, e por último: quem afinal, pode acessar o instagram?

Ouvi numa reunião de Conselho de classe da escola em que trabalho o caso de uma aluna que nem geladeira tinha em casa. Enquanto isso eu lia os textos e pensava sobre o meu projeto com tecnologias digitais e essa fala mexeu comigo. Com tantos avanços na tecnologia digital, em muitos lugares as pessoas carecem de coisas básicas. Ao mesmo tempo que precisamos exaltar essas boas práticas na escola, não podemos ocultar que elas não chegam a todos porque uma desigualdade estrutural ainda assola nossa sociedade.

2.3.2 Estesias e reverberações



Figura 21 - **Metamorfose**. Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

Discurso sobre as percepções e vivências que considerei marcantes no mar de encontro que é o processo de educação pela arte, partindo do conceito de estesia por Mirian Celeste e Gisa Picosque:

A estesia é como uma poética da dimensão sensível do corpo que suscita em absoluta singularidade uma experiência sensível com objetos, lugares, condições de existência, seres, comportamentos, ideias, pensamentos, conceitos. Quando tocados por essa experiência, somos convocados a agir e ao agir abrimos a possibilidade de fazer ou desfazer conceitos perceptivos gerando novas possibilidades de pensar e mover corpo, ideias e mundo. (Martins e Picosque, 2012, p 35)

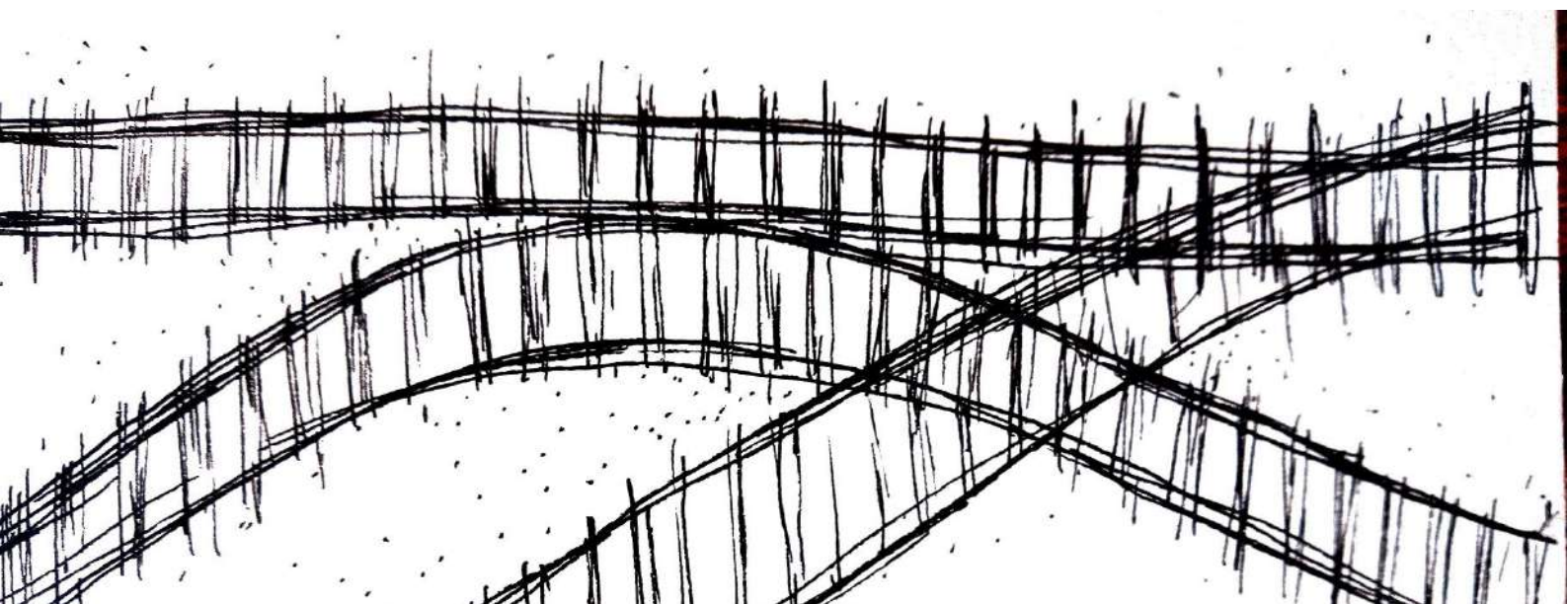
Mover o corpo, o pensamento. Estar presente e sentir que o encontro das sensações e poéticas de cada um interfere e cria mais significados e histórias. A partir da observação e da prática como educadora e educanda, escolhi compartilhar algumas situações dentro e fora de sala de aula de estesias.

Outro dia na aula, falávamos sobre o conceito de tempos líquidos e tempos sólidos do filósofo Zygmunt Bauman. Esse era um dos assuntos a serem desenvolvidos na turma de 3ª série do Ensino Médio. Bauman dizia sobre a sociedade que, a modernidade era marcada pela solidez, as pessoas queriam relações mais seguras e estáveis, enquanto a pós-modernidade vive relações líquidas, menos duráveis, como se tudo escorresse por entre os dedos. Uma aluna, Maria Luiza, falou sobre sua percepção em relação a cidade de São Paulo: “Para mim, São Paulo é uma cidade líquida. Toda vez que vou a São Paulo tudo está diferente, as lojas mudaram de lugar, as pessoas estão usando um estilo diferente, parece que nunca conseguimos alcançar”. eu comentei com ela que em contraposição, a cidade de Biritiba Mirim (onde ela mora e onde é nossa escola) é sólida. As coisas mudam vagarosamente e com muita resistência, como se fosse um tempo diferente, uma atmosfera densa aonde o novo não chega. Aquele desconcerto sobre o comentário do rádio veio à tona, compreendi que vivo entre tempos sólidos e líquidos. Isso foi fundamental para entender que tudo pode ser uma questão de tempo, de dar tempo à escuta, trocar conhecimentos com o estudante, ver de uma outra maneira, sob a ótica do adolescente.

Ainda sobre ver por outra ótica, penso nos desvios. Monica Guerra (2022) fala em seu livro “As mais pequenas coisas”, sobre a simplicidade e a necessidade de ampliarmos o olhar para perceber o invisível, percepções além da intencionalidade didática. Me lembrei do Confaeb em Juiz de Fora: “O invisível é o real não percebido”, tema escolhido a partir da poesia do escritor Murilo Mendes. Esse congresso ampliou meu olhar para além da rotina escolar em que as

coisas vão passando corriqueiramente, burocraticamente e conversei sobre isso com uma aluna do terceiro ano, a Larissa. Essa menina sempre teve uma sensibilidade que me cativou desde o sétimo ano quando foi minha aluna. Falávamos sobre os desvios, que no fundo, preparamos a aula, pensamos em como passar tudo didaticamente, mas é no desvio que o momento marcante acontece, é o caminho e não a chegada, é a conversa, a brincadeira, a descoberta, é sair da sala, se movimentar e não exatamente a paisagem de fora. Ficamos tão preocupados com o plano de aula, o conteúdo, o tempo e damos pouca importância aos desvios, que é realmente o que nos faz querer ir à escola. Muitos alunos falam que vão à escola porque querem ver os amigos, porque querem brincar na quadra, jogar ping-pong, comer a merenda e nos é ofertado tão pouco tempo para essa troca que gostamos: 20 minutos de intervalo. Ela sorriu. Achei que falei demais.

Outro dia, no final das aulas ela me disse: “Lembra que a senhora falou sobre os desvios, sobre como a gente aprende nesses momentos? Eu estava conversando com minha amiga, ela escolheu fazer Direito, e disse que isso tem a ver com suas aulas”. Fiquei surpresa, continuei ouvindo. “Ela disse que quando você dava aulas trazendo ritmos de matrizes africanas, fez ela abrir a cabeça para entender as pessoas com menos preconceito”. Me encantou a percepção da amiga da Larissa (que também já foi minha aluna) de que com uma aula de Arte ela podia ver o mundo diferente. Um reflexo que trouxe uma atitude. Também mexeu comigo a Larissa conectar um assunto ao outro. Uma sensação de atravessar, de concretizar, chegar na utopia, no sonho. Lemos e falamos tanto sobre leituras de mundo, mas é raro ver isso na prática além da sala de aula, e mais ainda, ver o processo de uma forma consciente. Estar consciente de que o que mudou sua opinião sobre algo foi uma vivência, um comentário, uma brincadeira, uma aula...



2.3.3 Aula com a Mirian Celeste

Mirian Celeste nos deu uma aula sobre o desenho na disciplina “A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola (Abordagens Metodológicas)”, ministrada pelos professores Pio Santana e Sidiney Peterson, no segundo semestre de 2022. Ela apresentou uma fotografia de uma criança desenhando com a uma das mãos na cabeça. Eu estava achando o assunto tão abstrato, a fotografia pouco expressiva. Mas é claro, não era um teatro, eram pessoas reais, em dilemas reais e cotidianos, como desenhar. Desenhar não é visto como um dilema em nossa sociedade, mas é. Desenhar aquilo que se está pensando, e o desenho sair do jeito que você quer. Uma coisa que não tem a ver somente com técnica, e treino, mas tem muito a ver com expressão. Com a capacidade de fazer com que o outro compreenda sua expressão, sua mensagem. Vamos contornando essas questões no dia a dia de tal maneira que não damos ouvidos a essas frustrações do estudante não conseguir passar a mensagem que ele queria. Porque o desenho pode ficar bonito, poético, dramático, exato, mas às vezes não era bem aquilo que era para sair. Parece que carregamos isso a vários níveis de expressão e além de não acharmos os traços, começamos a não encontrar as palavras para dizer exatamente a nossa ideia, e não tem a ver só com palavras escritas corretamente, mas com o que elas querem dizer, com o que elas representam. Não é sobre perfeição, é sobre posicionamento. Pôr para fora aquilo que está dentro. Vejo tanto no desenho como na escrita, um exercício de pensamento, dar contorno ao pensamento.

2.3.4 Boi de cofo

Estava fazendo um “boi de cofo”. O cofo é um tipo de cesto de palha muito usado no Maranhão, e por isso existe esse termo “boi de cofo”. Apreendi sobre ele com as toadas que permeiam a cultura do bumba-meu-boi. Apaixonada que sou por essa cultura, estava fazendo um boi com um cesto, a cabeça de bucha e os chifres com a própria alça do cesto cortada... O boizinho que carinhosamente chamei de Caramelo, para podermos brincar durante as vivências de boi. Talvez por acaso, ou porque o boi chama mesmo para brincar, uma criança do bairro ouviu os tambores soando e quis participar. A avó o trouxe. Os dois entraram na roda, e a criança, chamada Thiago, entrou de miolo⁴ num boizinho de papelão chamado “Esperança do Povo”. O boi Caramelo ainda não estava pronto, mas ficamos tão encantados com o Thiago

⁴ Miolo é a pessoa que dança por baixo do boi nas brincadeiras de bumba-meu-boi maranhenses.



Figura 22 – **Boi Caramelo e as luzes da cidade.** Fotografia da autora, 2023. Fonte: Autora (2023)

querendo brincar que resolvemos trazer o boi Caramelo para a roda mesmo inacabado. Thiago brincou de miolo no boi Caramelo, mas achou que era muito pesado, mesmo assim, não desistiu da dança, continuou brincando no boi de papelão, imitando o bailado do miolo que estava no boi Caramelo, fazendo uma linda evolução dentro da roda. No fim da vivência, ele se apoiou junto a nós no parapeito da laje e disse “Mogi é tão linda!”. Não foi exatamente com essas palavras, mas foi bonito assim. Aquilo ficou ecoando dentro de mim, do porquê de gostar de fazer boizinhos de todos os tipos: de cofo, de papelão, de sacola, de caixa de leite. E a criança, num momento inesperado, aprendendo a brincar boi, porém aprendendo muito além disso, no coletivo, no bailar junto...

São para mim, as grandezas do ínfimo que

Bachelard (1979) menciona em “Poética do espaço”, são as miudezas que encantaram Manoel de Barros, é aquela frase todinha na realidade “O homem só é inteiro quando brinca”, do Shiller.

2.3.5 A pulga atrás da orelha

Quando ficamos presos ao nosso passado, com nossas maneiras de ensinar não conseguimos colocar com verdade coisas que são importantes e que inclusive discutimos hoje na educação. Muitos de nós aprendemos a partir de uma perspectiva colonizadora e ainda hoje ensinamos por essa perspectiva. Quantos professores não fazem até hoje, trabalhos de leitura e releitura com aquela coleção de livros de pintura de uma editora popular que trazia boa qualidade de imagem, mas priorizava artistas europeus e homens? Claro que são válidos para o ensino de Arte, mas no final quando perguntamos aos alunos o que eles sabem sobre arte, eles respondem sobre pintura, Monalisa, expressão de sentimentos, museu... não percebem que o grafite do muro no caminho para a escola, o pagode cantado pela família no domingo, a batalha de rap que acontece todo sábado na praça, o cortejo da congada pelo bairro, a escola de samba na avenida e muitas outras referências também são manifestações artísticas.

Precisamos estar em constante busca, como educadores, do que a arte contemporânea está falando, não para preencher as aulas com coisas divertidas e atuais, mas para problematizar e contextualizar nossa existência. Promover o encontro entre o acesso às mídias que os alunos têm e o ensino de arte na escola. Por isso acho de grande importância, quando instituições como a Pinacoteca, por exemplo, cria um material para professores ressignificando o próprio acervo e as novidades que chegam na arte. Nos ajudando a trazer para sala de aula questionamentos que fazem abrir a cabeça para a quantidade de imagens e sons que consumimos diariamente de forma passiva. Li no livro de Dias e Irwin (2023) sobre artografia, que o professor pesquisador mobiliza mais a aula e potencializa a prática porque ele também quer saber, também pergunta. Acho que todo professor devia manter essa chama da inquietação, a pulga atrás da orelha. Não dá para encarar a aula preparada como fase terminada, ela é só o começo. Faz parte do nosso trabalho pesquisar, querer ir além e querer que o aluno também vá além.

2.3.6 Aqui estamos e reparem bem

Com o tempo, deixei de visitar exposições, preferindo o cinema, apresentações musicais ou teatrais, feiras de artesanatos, livrarias, ruas, praças... Uma coisa me irritava em exposições feitas em galerias e museus, um tipo de soberba, como se o que estivesse exposto nesses lugares



Figura 23 - Detalhe de bordado de Artur Bispo do Rosário. Fotografia da autora, 2022.
Fonte: autora (2022)

fosse algo superior, destinado a um público que se acha melhor que os outros, como se eu não tivesse o direito de frequentar aquele lugar, como se precisasse sempre estar pedindo desculpa por ser da periferia da Grande São Paulo, por não ter um sobrenome importante na sociedade, por não ter crescido no meio artístico; mas me despi desse preconceito, pois sei que não posso generalizar dessa forma, apesar de saber que a arte foi por muito tempo reservada à elite. Ter essa consciência também me faz ver que precisamos colocar diante de nossos alunos essa questão, que devemos oferecer esse acesso, para que a

história muda, para que todas as camadas sociais possam desenvolver um olhar sensível e crítico em relação às imagens que nos cercam.

[...] ensinar não se esgota no “tratamento” do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (FREIRE, 1996, p. 26)

Nas aulas de “Poéticas e processos na criação em artes”, com a Patricia Grandini, disciplina que cursei no 1º semestre de 2022 durante o mestrado aos poucos me desarmeí. Fizemos duas visitas a espaços culturais. A primeira foi a exposição “Amazônia”, de Sebastião Salgado, no Sesc Pompéia, que já amoleceu meu coração um pouquinho mais. A segunda foi depois da última aula, essa me arrebatou, e com o relato desse momento, finalizo esse capítulo, que narra um pouco da minha trajetória como aprendiz e professora atravessando o Ensino de Arte no Brasil.

Percebo que cheguei até aqui mais aberta, mais curiosa e com mais coragem. Coragem para falar de minhas origens, de onde vim, o que penso, como ensino, como aprendo e como invento. Durante a aula falamos sobre lugar de fala, professor artista, e a Patricia nos presenteou com um retrato impresso em preto e branco. Um autorretrato, para bordar, costurar, traçar linhas, pontos, caminhos. Escrevi, bordei, em linha vermelha: “Aqui estou”. A expressão maior do que vivi até o momento era isso, estar. Achei tão bonito, sensível e gratificante a Patricia escolher uma prática com linhas para fazer antes daquela exposição, que senti meu coração costurado a muitas histórias e pessoas. Depois fomos a exposição de Arthur Bispo do Rosário, no Itaú Cultural, uma exposição cheia de enlazes, linhas, bordados, e um casaco bordado pelo artista escrito “Eu vim”, senti que se conectava com o que eu havia feito e



Figura 24 - **Autorretrato.** Fotografia bordada da autora, 2022.
Fonte: autora (2022)

validava o que acredito. Me dou ao prazer e a coragem de acreditar no sonho, acreditar que somos importantes, independente do nosso tamanho. Com passos curtos, lentos, mas persistentes, caminhamos descalços em um mundo muito duro, mas deixamos nossa marca, nossos pontos, a linha da nossa história, uma história por muito tempo silenciada, mas cada vez mais cantante, mais bordada e riscada. A história dos esfarrapados, como diria Paulo Freire (2021), descobrindo-nos, e nos dando conta da nossa luta e de nosso direito de sonhar.



3. O ESTADO DE ATELIÊ



Figura 25 - Ver. Fotografia da autora, 2020.
Fonte: autora (2020)

Neste capítulo, desenvolve-se o conceito de ateliê. Uma passagem por sua história na Arte e na história da própria humanidade. Como passa desse estado físico para um estado mais fluido, de ação. Ao longo do tempo se transformou num lugar elitizado, desvinculado do artesanato, da cultura do povo, mas a educação trouxe um novo olhar para esse estado de criação renovando o sentido de coletividade e democracia. Revelo ao longo do texto, ateliês do cotidiano de adultos e crianças, percorrendo um caminho do quintal de casa a sala de aula, para dar espaço ao projeto de ateliê no capítulo seguinte.

Como referencial teórico e prático tomei como ponto de partida a obra de Richard Sennett (2009), Renata Meireles (2007), Stela Barbieri (2021), Mônica Guerra (2022), Fabiana de Barros (2019), a abordagem de Reggio Emilia, a pedagogia Waldorf, os artigos de Marta Facco (2017) e Paola Zordan (2023). O material disponibilizado nos sites de algumas escolas que me inspiraram, assim como artistas e educadores. Os encontros com mestres da cultura popular e espaços independentes de resistência onde o fazer cultural é respiro e nutrição.

3.1 O Ateliê ao longo dos tempos



Ateliê é uma palavra de origem francesa “atelier”. Ao fazer uma breve consulta na internet para saber qual a forma correta de escrever, encontrei no dicionário online Conceito.de, que ateliê é uma forma que nossa língua adotou para escrever essa palavra emprestada da língua francesa. Isso já me chama a atenção, quer dizer que a palavra ficou tão íntima da nossa língua que encontramos um jeito de escrevê-la para que fique mais compreensível, mais pertencente. De maneira geral, é o lugar onde o artista trabalha com as mãos. Que artista? quem é o artista que trabalha com as mãos em algum lugar? É possível perceber que é um local de trabalho. Pode ser uma pessoa sozinha, pode ser um conjunto de pessoas. Pode ser também uma atividade, ou seja, uma ação que se realiza de forma prática, com as mãos, com o corpo. Complemento com o que diz Marta Facco em seu artigo :



[...] designa um estúdio, lugar de práxis Reflexões sobre o ateliê como lugar/espço em processos de criação em Artes Visuais ou laboratório/labor. Local de trabalho, de criação e experimentação, onde a incubação de ideias, o ócio, também é essencial para o desenvolvimento da conduta criadora. (Facco, 2017p. 215 - 216)

Podemos dizer que a história do ateliê começa na Idade Média, com as guildas, que eram oficinas onde os jovens entravam para aprender algum ofício, como afirma Sennett (2009), começando por tarefas bem simples até atingir habilidade técnica para executar coisas mais



Figura 26 - **O rei e o arquiteto supervisionando o canteiro de obras na construção de uma catedral.** Desenho de Mathew Paris, 1240-50.
Fonte: A História da Arte E. H. Gombrich

complexas. As atividades variavam entre diversas artes manuais. O trabalho coletivo realizado na guilda, não era necessariamente um lugar pensado para criar arte, mas um lugar para aprender a desempenhar um ofício. Estava ligado ao comércio e ao trabalho. Como afirma Zordan (2019), empreendimentos familiares poderiam fazer parte de uma guilda. Todos os membros da

família podiam contribuir de alguma forma tornando-se o espaço, uma mistura de residência e trabalho. Esse espaço ficava geralmente próximo ao canteiro de obras onde acontecia o processo de aprendizagem, a troca de saberes, técnicas, estilos em prol de um bem coletivo, como por exemplo a construção comunitária de uma catedral. Já no século XV, com o crescimento das cidades e do comércio, o ateliê ganha o termo *Lodge*, que significa loja, e abrange maior quantidade de pessoas.



Figura 27 - **Membros da oficina de Rafael trabalhando na Loggia.** Relevo em estuque, Vaticano, 1518.
Fonte: A História da Arte, E. H. Gombrich.

O ateliê do artista surge no Renascimento com uma diferença: não bastava seguir passo a passo, como um método, a criação das obras, como faziam as guildas, era necessário que

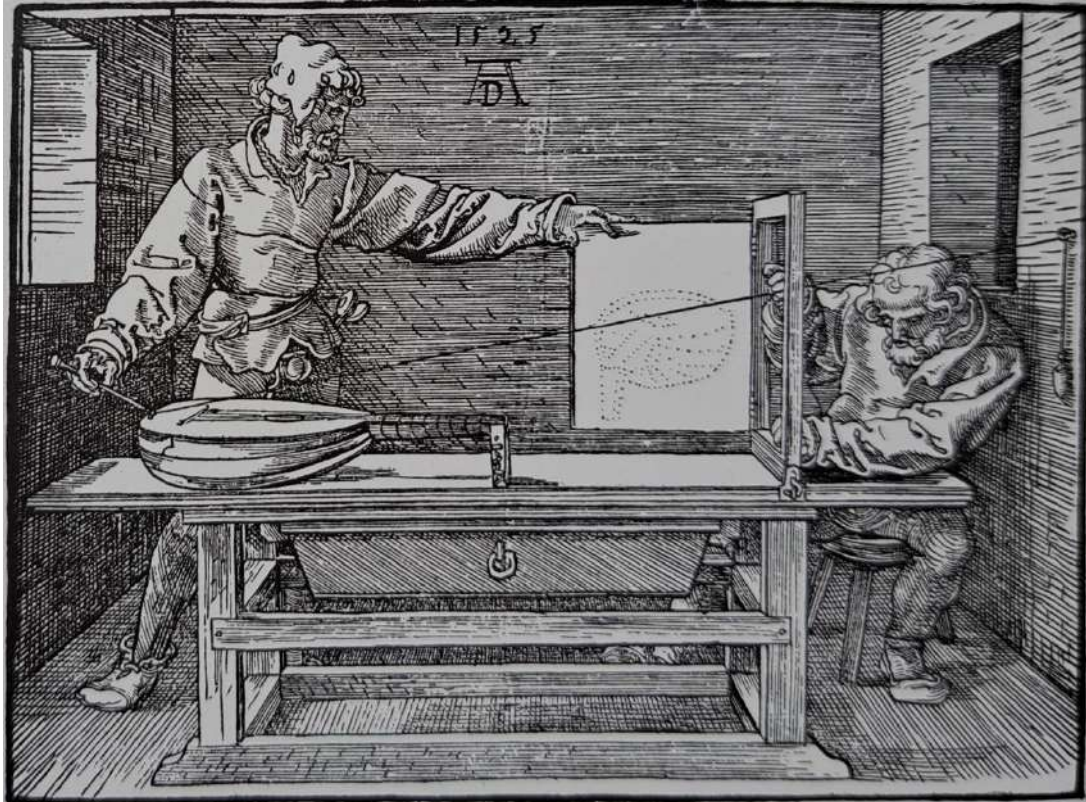


Figura 28 - **O pintor estudando as leis do escorço.** Xilogravura de Albrecht Dürer, 1525.

Fonte: A História da Arte, E. H. Gombrich.

houvesse originalidade no trabalho do Mestre, e que seus aprendizes conseguissem perceber e executar os elementos que caracterizavam essa originalidade. Tratava-se de um trabalho mais solitário, que, porém, valorizava a criatividade. Além do sinônimo de oficina que o ateliê trazia das guildas medievais, com o renascimento ele ganha também o sinônimo de estúdio, de acordo com Paola Zordan (2019). Artistas como Michelangelo e Da Vinci, estudavam anatomia, a natureza, as paisagens, a física e mecânica das coisas. A palavra “estúdio” tem a ver com estudo. Como esse mesmo ambiente era o local onde ficavam expostas as obras encomendadas, ou que poderiam ser vendidas, era também um lugar de exposições, semelhante ao que entendemos hoje como um museu. Começa a surgir aí, uma separação entre artistas que estudam e são letrados e artesãos, que não são letrados.

No século XVII, com a instituição das academias de Belas Artes, essa distinção entre os ateliês-estúdios dos mestres letrados e dos ateliês-oficinas dos que aprendem e exercem seu ofício empiricamente e coletivamente apresenta conotações políticas. Neste período, é estabelecida uma divisão de classes com contornos bastante demarcados, valorizando-se a erudição daqueles que têm acesso aos tratados acadêmicos. (Zordan, 2019, P. 57)

No século XIX além do lugar de estudo e ofício, o ateliê se transforma no lugar de encontro. O encontro entre artistas, filósofos, poetas, intelectuais que se reúnem para pensar, discutir sobre arte e sociedade. Um lugar de trocar experiências e experimentar. Nessa época,



Figura 29 - **A Escola de Modelos ao Vivo na Real Academia.** Pintura de Johann Zoffany, 1771.

Fonte: A História da Arte, E. H. Gombrich.

como afirma Facco (2017), o ateliê é um lugar mais íntimo, dentro de casa, tomando parte de quase todo o espaço, se misturando com a casa.

No século XX, com a obra de Marcel Duchamp, “A caixa verde”, o ateliê ganha outro caráter físico: o da mobilidade. O ateliê assume a forma de um lugar móvel, podendo ser transportado a qualquer lugar com o artista. Nessa mesma época, de acordo com Zordan (2019), os grandes museus e salões de Arte, que comportam obras de arte em grandes dimensões, faz com que aquele espaço do ateliê, intimista e caseiro, se torne lofts, galpões... Nos anos de 1960 e 1970, com as ações performáticas do grupo Fluxus, ainda é possível transmutar o estado do ateliê para outro a partir da ação do artista. Qualquer lugar pode ser um ateliê. O artista é o agente



Figura 30 - **A caixa verde. Marcel Duchamp, 1934.**

Fonte: Gramatologia (2008)



Figura 31 - **O ateliê como arquivo, Paulo Bruscky.** Fotografia de Juan Guerra, 2004.

Fonte: Bienal.org

transformador desse espaço, ele carrega o ateliê por onde for, não exatamente como Marcel Duchamp fez com a caixa, mas porque o artista transforma o ambiente com sua ação e intenção poética. No final do século XX também surgem os ateliês-escola, ateliês-galeria, ateliês-obra de arte, como um conceito de em aberto. E no século XXI, o ateliê ganha o conceito de exposição. Em algumas mostras os ateliês são reconstituídos como espaços expositivos como o de Bruscky na 26ª Bienal de São Paulo, aponta Zordan (2019).

A constante mudança do ateliê ao longo dos tempos me faz pensar em como esse conceito foi se desenhando em nosso imaginário, e quais são os lugares que buscamos, seja na infância ou na vida adulta, como espaço de criação, refúgio, convívio e inspiração. Onde é o espaço que desempenhamos o ofício que modela nossas emoções, nossos pensamentos? O lugar onde o labor é também prazer?

3. 2 Ateliês do cotidiano: Quintais, oficinas, garagens, bagagens e carrinhos

Ao olhar o percurso dos artífices e artistas ao longo da história, percebemos que o artífice é a criança que procura material no meio da mata, na roça, na cidade, que modela e monta suas peças com barro, gravetos, constrói suas casinhas e suas máquinas engenhosas com folhas, pedrinhas, galhos, gravetos, cuidadosamente selecionados na natureza, ou com as

tampinhas, latas, garrafas, sacolas, botões, arames, objetos em que geralmente o adulto não vê utilidade.

O artífice é também o adulto que ensina essas sutilezas e “desimportâncias”, que tão bem servem nossa imaginação criadora, esse adulto que ensina a fazer pião, corrupios, barquinhos, bодоques e tantas coisas mais. O ateliê não precisa ser um lugar distante da nossa vivência, elitizado, romantizado e intelectualizado. É o nosso quintal, o terreiro, aquele cantinho preferido que não serve para nada, que não tem nada, mas onde gostamos de brincar. Nossos esconderijos e cantos preferidos. Um lugar do nosso coração que na imaginação ganha proporções imensas de aventura e beleza. Elenquei alguns cantos do nosso cotidiano como ateliês que despertam a sensibilidade, criatividade, lembranças e as singularidades de cada um.



3.2.1 Eletrônica Ger-Som



Figura 32 - **Entrada da oficina.** Fotografia de Cleusa Oliveira, meados de 1990. Fonte: Cleusa Oliveira

Todo mundo chamava de oficina, o espaço em que meu pai consertava os aparelhos eletrônicos, porém conversando com meu tio, que é técnico em eletrônica também, ele disse ter repensado essa palavra quando chegou um cliente certo dia e disse, “Ah então aqui é seu ateliê?” E finalmente ligou essa palavra ao seu espaço de trabalho, o espaço onde ele concentra mãos e cabeça para criar/trabalhar.

Eu me lembro bem da oficina do meu pai, os objetos, as prateleiras, as luminárias. Até o nome era criativo: GER-SOM, por muito tempo eu acreditei

que o nome dele se escrevia assim. Dos objetos: a bacia de peças, a lupa, a lanterna, o conjunto de gavetinhas de madeira, os pincéis para limpar peças, para mim sempre foram objetos do brincar que se tornaram matéria de poesia. Quem atravessava a cortina que separava o balcão

de atendimento da mesa de trabalho descobria um espaço que inspirava o estudo, a organização, a curiosidade.

Meu tio seguiu a profissão inspirado por meu pai e dois primos seguiram a mesma carreira. Depois de adulta eu pensava não ter seguido o mesmo rumo, mas talvez seja uma questão de perspectiva. Segui minha profissão gostando do silêncio da oficina – laboratório – ateliê. Interessada nas miudezas, nas mini cidades que existiam dentro dos aparelhos eletrônicos, conhecidos também como placas de circuitos. Com afeto pelo trabalho manual.

Movida por uma necessidade de resolver as coisas, as questões do dia a dia.

Percebo que a criatividade é acessada de muitas formas. Para Ostrower (2007), uma das premissas da criação é a percepção consciente. Há teorias que veem a consciência como um fator negativo e limitador. Mas isso se deve ao fato de vivermos numa época em que o consciente é reprimido, manipulado, massificado e enrijecido, que se caracteriza como uma deformação do consciente. Nos processos de conscientização do indivíduo, a cultura influencia a visão de vida, orientando seus interesses, suas necessidades de afirmação, propondo formas de participação social.

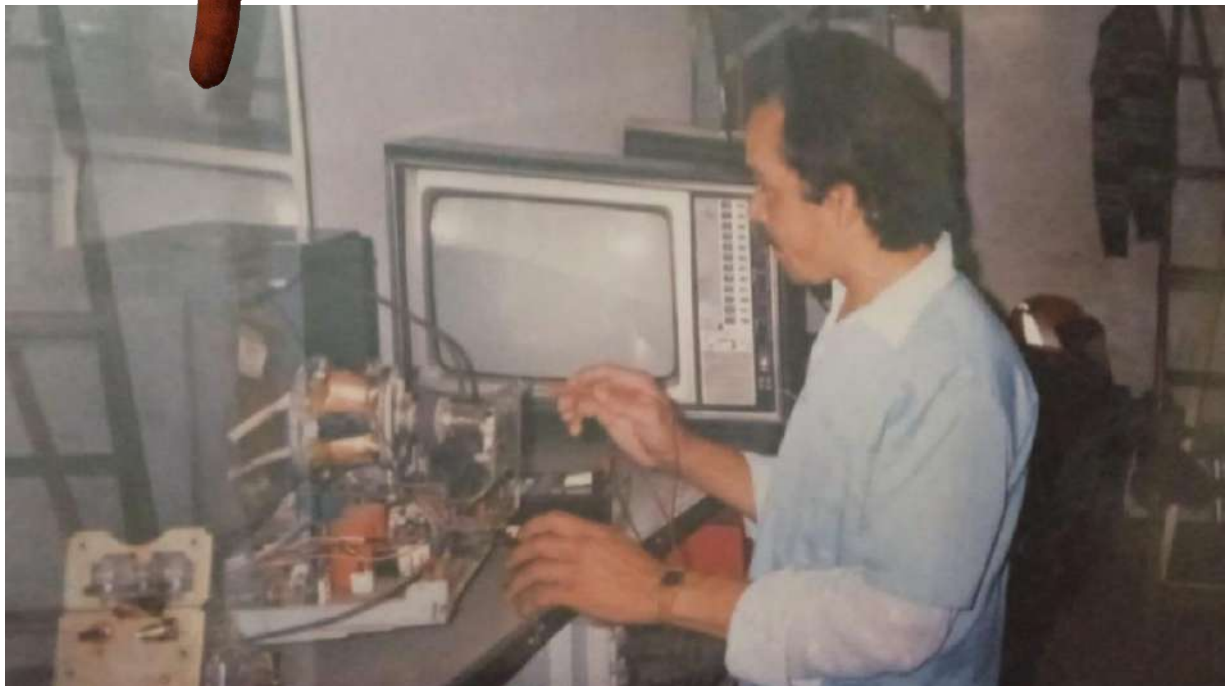
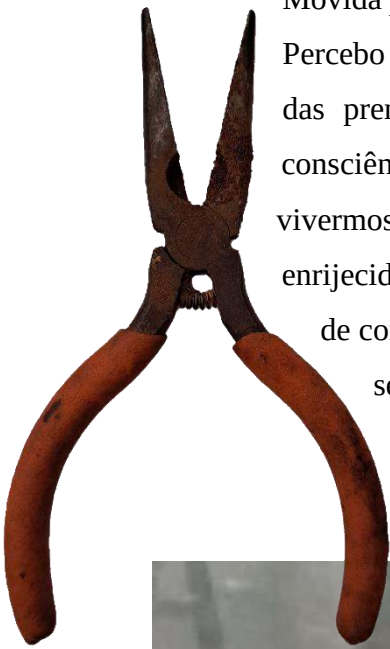


Figura 33 - **O interior da oficina.** Fotografia de Cleusa Oliveira, meados de 1990.
Fonte: Cleusa Oliveira

3.2.2 Cantos

O ateliê já é aquele quintal ou cantinho que brincamos e descobrimos como fazer as coisas, montar robôs com materiais que iriam para o lixo, criar receitas de bolo com barro, aprender uma nova forma de pular corda, um passo novo, criar cabanas... Nessa criação, o indivíduo reproduz a sua cultura local, recorre aos saberes universais, transitando entre o novo e o ancestral, como afirma Meirelles (2007).



Quando criança,

qualquer canto vira fácil um ateliê, porque tudo é um faz de conta. A mente não fica trabalhando sozinha, as coisas acontecem. É o lugar onde surgem os brinquedos mais improváveis, que não têm em lojas, pregadores, latas, tampinhas, chinelo... Inventamos, fazemos comidinha, construímos casas, dirigimos, vamos à praia. Vislumbro os vestígios de brincadeira dos meus sobrinhos enquanto conversamos entre os adultos ou na forma que eles organizam o espaço antes de irem embora.

Cada canto revela uma escolha, um afeto, uma forma de organizar o pensamento e o espaço, de separar os objetos preferidos, se proteger, se acolher e imaginar. As palavras de Rilke encontradas na obra de Stela Barbieri expressa muito bem esse sentimento:

Pois arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer um. Não destruir nada do que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto. Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos. E, de repente, ser realização, ser verão, ter sol. Sem que se fale disso involuntariamente. Nunca ter terminado. Nunca ter o sétimo dia. Nunca ver que tudo é bom. Insatisfação é juventude (Rilke apud Barbieri, 2021, p. 16)



Figura 34 - Cecília preparando comidinhas no quintal.

Fotografia da autora, 2021.

Fonte: autora (2021)





Figura 35, 36 e 37 - Brinquedos organizados pelas crianças ao fim da brincadeira. Fotografia da autora, 2021.
Fonte: autora (2021)

3.2.3 Garagens



Figura 38 - Garagem-marcenaria-museu-refúgio. Fotografia da autora, 2024.
Fonte: autora (2024)

O ateliê é também o nosso refúgio e relicário. “A experiência estética acontece ao longo da vida e nos marca. É uma bagagem que carregamos, uma experiência corporificada que nos traz deslocamentos e/ou perplexidades” (Barbieri, 2021, p. 14). Eu sempre passei alguns dias de férias com meus primos na Cohab I, em Artur Alvim, durante minha infância. Foi lá que meu tio me ensinou a andar de bicicleta. O apartamento era bem pequeno, pouco espaço para guardar coisas e não sei como cabia tanta criança porque todos os primos queriam passar as férias lá. Mas tinha uma garagem, e é sobre isso que quero falar. Os moradores do prédio tinham direito a uma garagem e a dele tinha porta, era fechada. E era lá que ele guardava seus tesouros, memórias afetivas. Depois de adulta, fomos lhe fazer uma visita e ele nos levou até lá. Lá ficavam as cadeiras de praia, o aparelho de som antigo, a bicicleta que ele usava para trabalhar e ensinar os filhos e sobrinhos a andar. Fotos antigas, livros, vinis. Um espaço, recanto e museu da própria história. Talvez por isso ele mantenha seus princípios e a memória de seus ancestrais tão fortes. Nos momentos de saudade, fragilidade, sossego é para lá que ele vai.

Outra garagem que destaco é a do Alessandro, meu companheiro, garagem-marcenaria. Ele começou sua formação como eletricitista, virou analista de telecomunicações, estudou fotografia e cinema por conta própria. Quando seu chefe cobrou que ele tivesse uma graduação para compor o quadro de analistas da sua área ele escolheu Artes Plásticas, na contra mão de todos os seus colegas de trabalho que escolhiam engenharia. Talvez sua afinidade pela arte e pelo fazer manual, o faça notável como uma pessoa criativa e esperta em seu trabalho. De vez



Figuras 39, 40 e 41 - **Detalhes da marcenaria da Marcenaria do Alessandro.** Fotografia da autora, 2024.
Fonte: autora (2024)

em quando ele some e quando vou a garagem encontro-o envolvido com uma diversidade de belezas que consegue produzir.

3.2.4 O quartinho



Figura 42 - A mesa de estudos da Vivi. Fotografia de Viviane Acerbi, 2024.

Fonte: Viviane Acerbi (2024)

Fomos a casa de um casal de amigos: Ricardo e Vivi. Eles moram num apartamento na Mooca. Os dois trabalham na área de informática e telecomunicações. Antes do jantar eles apresentaram a nova paixão deles: impressão tridimensional. Nos levaram a um quartinho que parecia um departamento de direção de arte de cinema, pelo menos como eu imagino. Naquele pequeno espaço eles realizavam um trabalho meticuloso, experimental, complexo, pelo prazer da descoberta, do aprimoramento das formas. Além do quarto, o banheiro se tornou também um laboratório, com resinas, óleo, tintas... Ricardo cria estruturas que vão sustentar as peças a serem impressas, Vivi faz a pintura final, uma busca pela imagem fiel à real, seguindo a cartilha de seu professor, mas criando seus próprios métodos de estudo. Para conseguir a sequência de matizes perfeita, ela pinta as cores num papel, escaneia e imprime em preto e branco, se o degradê estiver certo ela sabe que as cores têm a pigmentação correta.

Sobre o processo criativo, Ostrower (2007) nos leva a compreender que a finalidade do nosso fazer é poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não é apenas um relaxamento ou esvaziamento, uma forma de imaginar ou substituir a realidade. Criar é a própria realidade. Criar representa viver de maneira mais intensa e presente.

Aquele quarto ficou na minha mente, claramente é o ateliê da casa deles, que ganhou importância e espaço a ponto de se expandir pela casa. É um lugar de trabalho que se mistura com lazer, “[...] os ateliês dizem sobre a vida e a identidade de cada um” (Facco, p. 226).

Considerando esse quarto como o ateliê do casal é possível enxergar que ele revela as atitudes e escolhas deles em outras esferas da vida, como lidam com as situações da vida pessoal e profissional, ainda que seja uma prática não relacionada diretamente com o papel que desempenham na sociedade.



Figura 43 - **O banheiro que virou laboratório.**
Fotografia de Viviane Acerbi, 2024. Fonte:
Viviane Acerbi (2024)

3.2.5 A cozinha



O que você pensa quando pergunto: onde é o coração da casa? Eu penso na cozinha. Não importa quão bonitos e confortáveis sejam todos os lugares da casa, o melhor lugar é a cozinha. Lugar de segredos, de confidências, de ideias. Laboratório de experimentações, de truques, de sensações, sabores, cheiros. Lugar onde se cria pratos, mas também onde se mantém receitas de tradição. A cozinha é onde a magia acontece. Um estado permanente de ateliê, pois tudo ali

Figura 44 - **O coração da casa.** Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

conclama a um saber: ordem, método, memória, prazer, cuidado, encontro. Na cozinha se encontram as gerações de família, as datas especiais como a ceia de natal, os bolos de aniversário. E dias corriqueiros que acabam se tornando especiais, como o dia que se faz bolinho de chuva.



Figuras 45, 46 e 47 - **Experimentar, cultivar e nutrir**. Fotografias da autora, 2020. Fonte: autora (2023)

3.2.6 A lavanderia

Lavanderia-laboratório. Um lugar com tanque, prateleiras, varal. Também onde guardamos produtos de limpeza, solventes... Pendurar gravuras, peças de estamparia para secar, guardar tintas, argila, pincéis... Guardar objetos interessantes que ainda temos a esperança de servir para alguma coisa. Tudo isso junto com a roupa estendida no varal e com a máquina de lavar trabalhando e dando ritmo ao nosso trabalho.



Figura 48 - **Lavanderia-ateliê**. Fotografia da autora, 2017.
Fonte: autora (2017)

3.2.7 O jardim

O jardim, assim como a cozinha, desperta o sentimento de cuidar e nutrir. Eu poderia ter escolhido o quintal, mas parece que um jardim envolve um cuidado estético, um paisagismo, afeta adultos e crianças e o jardim pode ser um vasinho cultivado na janela, ou um quintal de vó cheio de árvores frutíferas e verduras. Você trabalha a terra, aduba, rega, e ela te devolve flores e frutos e às vezes lhe pede paciência, tempo e lhe vem com enigmas: plantas que definham, pragas resistentes, descobrir tempos de poda, adubação, plantas que não toleram vento, plantas que preferem sol, plantas com muita sede,



Figura 49 - **Minijardins**.
Fotografia da autora, 2020.
Fonte: autora (2020)



plantas espaçosas, plantas que nascem no vão. Lugar do trabalho e do descanso. Lugar das grandezas do ínfimo, de encontrar achadouros da infância. Lugar da observação, da delicadeza, da paciência para o crescimento.

Na minha infância minha mãe tinha um canteiro pequeno. Eu realmente achava que aquele canteiro era maior que o mundo. Um jardim, um quintal, seja do tamanho que for, abriga as aventuras da infância e nossas primeiras aventuras como exploradores no mundo. O interesse pelas ferramentas, pelas pedrinhas, pelas texturas e pelas cores. Colocar mãos e pés na terra. Descobrir outros seres: formigas, besouros, minhocas, borboletas, passarinhos, ninhos... Um jardim é um universo e ele pode ser de qualquer tamanho.



Figuras 50 e 51 - **Quintal de vó**. Fotografias da autora, 2021. Fonte: autora (2021)

Encerro esse pequeno tratado dos ateliês cotidianos com uma fala de Monica Guerra: “sempre, em cada pessoa e em cada lugar, há potencialidades a serem reconhecidas, apoiadas, valorizadas, retribuídas, demonstrando confiança no que há para se criar condições para aquilo que pode se tornar” (Guerra, 2022, p. 17). Para mim é uma forma de perceber que a Arte é

próxima. Temos a necessidade de aprimorar nossos afazeres assim como a nós mesmos. A criatividade é um lugar acessível e não depende de inspiração divina, mas de como escutamos e acolhemos nossas ideias, nossa identidade e vontade de marcar o tempo e espaço como a humanidade vem marcando desde a pré-história.

3.4 O interesse e as inspirações



Figura 52 - Mesa preparada para impressão de gravura. Fotografia da autora, 2016.
Fonte: autora (2016)

O interesse pelo ateliê surgiu da prática no laboratório de gravura, do ateliê do professor George Gütlich e artistas referenciados por ele: Evandro Carlos Jardim, Willian Kentridge, Peter Greenaway, Kandinsky. O ateliê do George parecia uma pintura barroca, tudo parecia cenário, objeto de cena, e de fato era. Brinquedos dos filhos

dele, materiais de encadernação da esposa, latas de óleo e ferramentas de gravura viravam temas de pintura. Já o laboratório de gravura da faculdade eu comecei a frequentar em

2006, durante as tardes antes do horário de aula pois os assistentes do professor fizeram um projeto para estudar e movimentar aquele espaço. Lá a gente gravava, imprimia, quantas vezes fosse necessário e possível, e falávamos pouco. Era um ambiente do fazer, das artes manuais. A

gravura nos exigia método, disciplina, cuidado em tudo: na limpeza do papel, na entintagem, na limpeza da chapa, no corte com a goiva, na pressão com a colher de pau para imprimir

manualmente uma xilogravura, no corte do estilete. Aquele lugar tinha cheiro de água rás, papel e até



hoje esse cheiro me traz de volta a lembrança de fazer gravura. Na minha visão o ateliê ainda não tinha um ligação com a educação, e quanto mais eu me aproximava do magistério mais me distanciava do ateliê.

Mesmo sem conectar a prática do ateliê ao ensino de Arte na escola, eu criava aos poucos minhas predileções poéticas e estéticas. “O educador, como todo ser humano, carrega no corpo suas experiências, que são indissociáveis da prática cotidiana, e trazem algo único para ela”. (Barbieri, 2021, p. 14)

Via o cinema como uma importante linguagem para trabalhar com os jovens e como forma de entender o mundo e a vida. Nessa época assisti ao filme “O fabuloso destino de Amélie Poulain”, e entre muitos filmes que assisti na vida, esse guardei num potinho dentro do meu coração. A trilha sonora, as cores, as delicadezas e a metáfora da infância guardada numa lata antiga escondida num buraco na parede. Há uma frase nesse filme “Tempos difíceis para sonhadores”, com a qual me identifiquei e carreguei comigo a poesia de guardar em latas, maletas, caixas, as memórias valiosas que poderiam trazer conforto, respiro e coragem para seguir sonhando.



Figura 53 - **Instalação feita pelos alunos do Ensino Médio.** Colagem de fotografias da autora, 2010.
Fonte: autora (2010)

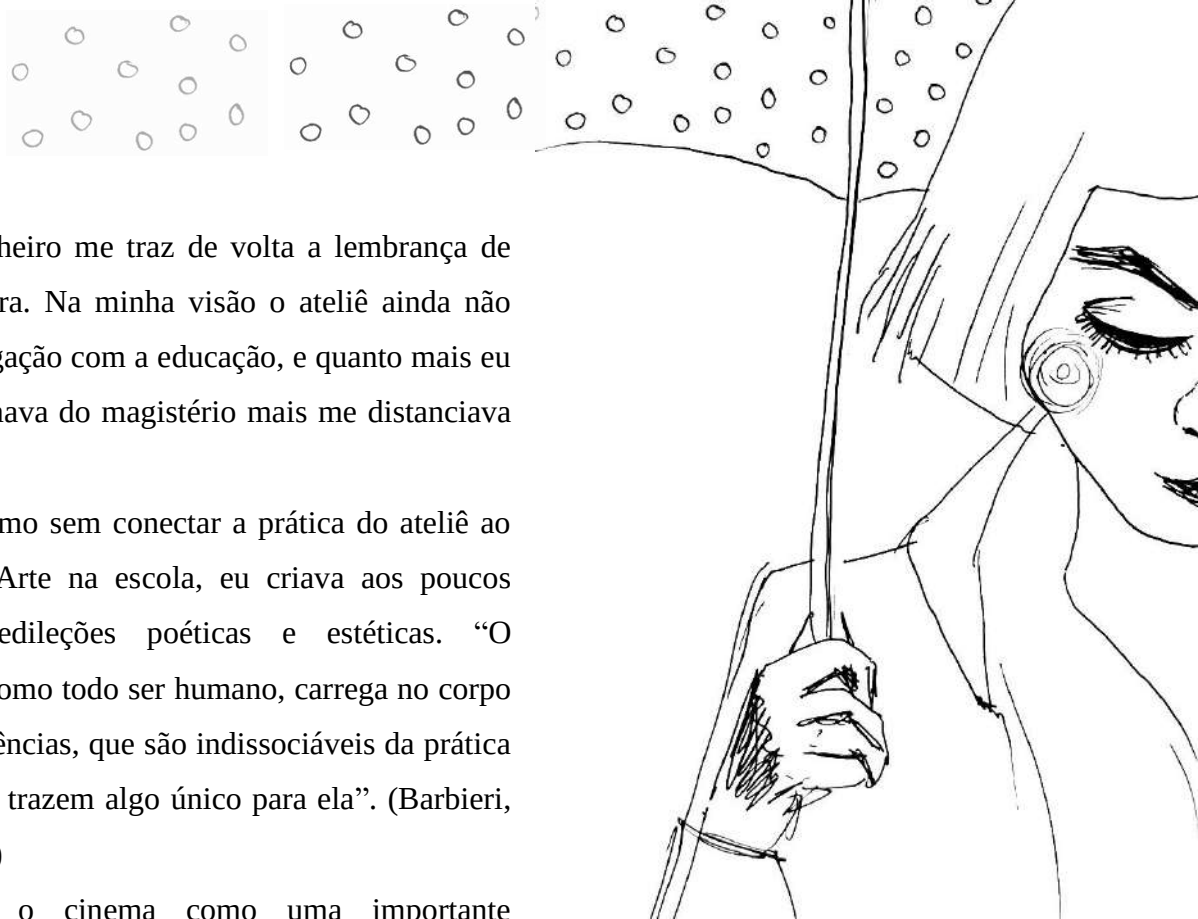




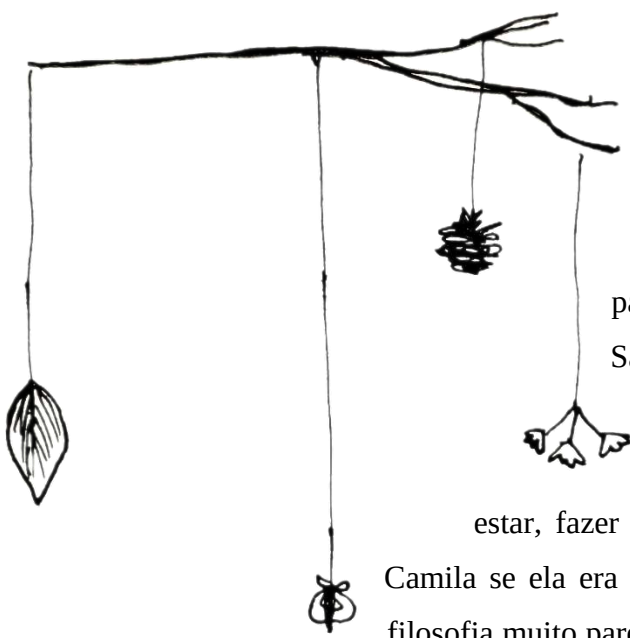
Figura 54 - **Experimentação plástica com as crianças da musicalização no Ihu.** Fotografia da autora, 2014.
Fonte: autora (2014)

Depois da graduação trabalhei no Ihu – Ateliê dos Sons da Camila Valiengo. Comecei a perceber esse espaço como um lugar não só de criação, mas também de educação e do brincar. O ateliê Ihu oferecia aulas de música para vários instrumentos, e musicalização, que era onde as crianças desenvolviam habilidades musicais e aos poucos escolhiam o instrumento que tinham mais afinidade. Também oferecia aulas de canto coral e prática de banda. Diferente das escolas de música convencionais que conheci, no Ihu finalizávamos o ano com um sarau onde os alunos escolhiam o repertório para apresentar caso se sentissem à vontade para isso. E ao longo do ano várias atividades, como a “Super Aula”, oficinas de férias com ações diversas



Figura 55 - **A poesia de Manoel de Barros na minha estante.** Fotografia da autora, 2021.
Fonte: autora (2021)

como, pintura, artesanato, improvisação e composição, unia alunos e professores que não tinham contato na rotina de estudos. Camila também se preocupava com a formação dos educadores do espaço e tínhamos encontros semanais para conversar e aprofundar sobre nossa prática. Foi numa dessas ações formativas que conheci um pouco da poesia de Manoel de Barros. Depois de ler o livro *Memórias Inventadas* (2008), me interessei em levar essa poesia para a escola de modo a ativar a criatividade e trazer o olhar para a simplicidade, as pequenas coisas, a importância do ser.



Tive o primeiro contato com uma escola Waldorf ao participar de um círculo musical na escola Rudolph Steiner em São Paulo. Da lousa aos objetos colocados na janela, e as galochas organizadas em fileiras no jardim de infância, tudo parecia um lugar da Arte. Nessa época surgiu o encanto por estar, fazer parte de um ateliê. Várias pessoas já haviam perguntado à Camila se ela era professora Waldorf pois seu ateliê tinha um aspecto e uma filosofia muito parecida. Mas era o puro amor à Arte e à educação que afinavam essas semelhanças.

A escola Waldorf foi idealizada por Rudolph Steiner, na Alemanha, e hoje sua pedagogia se espalha por vários lugares no mundo. Propõe a educação do maternal ao ensino Médio e tem como foco o profundo conhecimento do ser humano e de sua evolução. A criança e o jovem desenvolvem um pensamento autônomo a partir do encorajamento e exercício das suas capacidades manuais, artísticas, intelectuais e físicas.

Ao longo da minha trajetória como professora, a vida sempre me proporcionou encontros com a escola Waldorf. A primeira foi trabalhando com a Camila. Na pandemia conheci o trabalho de Estefi Machado, por meio do Instagram. Ela divulga em sua página trabalhos feitos com krafts, papéis e elementos da natureza, demonstrando a mais pura beleza da união entre a simplicidade, a criatividade e a sensibilidade. Ela e seu filho foram educados na escola Waldorf, e isso é bastante evidente em seu trabalho. Durante o mestrado com a Patricia, minha orientadora, pude dialogar e aprender um pouco sobre essa filosofia, pois seus filhos se formaram nessa escola. Também conheci a professora Rennée, da área de medicina veterinária na Unesp, e na ocasião em que fizemos uma oficina de carvão, ela falou sobre seu envolvimento com a escola Waldorf na educação de suas filhas e dos seus alunos que também passaram por ela. Pude perceber que de fato, eles tinham uma liberdade e sensibilidade ao tratar todos os assuntos, sobre as pessoas, sobre a matéria...



Figura 56 - **Mesa de reuniões na Casa Buriti.**
Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)



Figura 57 - **Roda de brincadeiras com as professoras da Casa Buriti.** Print de vídeo feito por Pamela Gadelha, 2023. Fonte: Pamela Gadelha (2023)

educadores, mestres e artistas falam sobre a importância do brincar. Realmente era essa a revolução que me faltava e ativou um gatilho de estudar sobre educação em arte. Em 2017 comecei a fazer um curso de especialização em Arte chamado A arte de ensinar arte, coordenado por Ana Tatit, que ressaltava muito a prática e o brincar. Pela primeira vez ouvi falar sobre Reggio Emilia, o termo atelierista, ouvi falar sobre a Oca, a Casa Redonda, conheci o Ateliê Binah e me reencantei com o ateliê, trabalhar nessa perspectiva. Comecei a reconhecer que muitas práticas estavam presentes na

Me interessou nessa escola, o cuidado com a pessoa acima de tudo. Um respeito e entendimento pelos tempos, pelo ambiente, pelos temperamentos. Mas uma coisa me incomodava, apesar de toda a sensibilidade artística que essa pedagogia envolvia, achava-a muito distante da cultura popular brasileira. Felizmente tive um outro encontro, dessa vez atuando na formação de professoras da Casa Buriti, uma escola Waldorf que começou um trabalho recente em Mogi das Cruzes. Pude compartilhar com as professoras algumas vivências sobre a cultura brasileira a partir da pesquisa e vivência que faço com o boi, o cacuriá, as caixeiras.... Encontramos muitos pontos em comum e me alegrou saber que hoje a pedagogia Waldorf questiona o lugar da cultura brasileira em suas diretrizes de ensino.

Em 2016 assisti ao documentário “Tarja Branca: a revolução que faltava” em que vários



Figura 58 - **O filme que me faltava.** Fotografia da autora, 2016. Fonte: autora (2016)



sala de aula. Isso ativou uma vontade de ousar mais, sair do convencional, tanto por perceber que eu estava me acomodando, quanto por ver que havia muitas possibilidades dentro do brincar e criar coletivo. Um período de fazer cabanas na sala, catar pedrinhas no jardim da escola, contar, cantar, experimentar. Pela primeira vez em muito tempo, nasceu no meu coração um carinho e uma vontade de dar aula que ultrapassava o medo e o cansaço em lidar com pré-adolescentes. Eu queria oferecer a experiência, o contato, a brincadeira, criar situações de encantamento, alegria e surpresa da mesma forma que eu experimentava quando estava em alguma manifestação da cultura popular, no teatro, fazendo arte... Eu estava disposta a experimentar novas possibilidades na sala de aula não só porque estava pensando em chamar a atenção dos alunos, preencher o tempo deles, mas porque eu queria que se sentissem vivos da forma que eu me sentia quando fazia algo criativo, coletivo. Como coloca Monica Guerra “[...] uma experiência deve ser habitada e vivida antes de ser proposta aos outros [...]” (Guerra, 2022, p 24).

Ainda nesta especialização conheci o ateliê Binah. Esse ateliê fica em São Paulo, na Vila Romana. Construído por Stela Barbieri e Fernando Vilela. Um espaço de invenção, investigação, imaginação, poesia e encontro. Um espaço com várias salas, escadas e paredes móveis. Lugar que convida à experiência. Nas prateleiras muitas coleções: brinquedinhos, pedras, tampinhas, conchas, lápis, palitos... em outra sala livros, muitos livros. Lá eles desenvolvem formações para professores, ateliês para crianças, saraus, apresentações musicais, recebem escolas públicas e privadas e tem projetos para irem às escolas também. Na ocasião em que visitei, foi a convite da Stela para a nossa turma de especialização. Ela e sua equipe havia nos dado duas aulas e a terceira foi no espaço Binah. As ações se dividiram em alguns momentos: roda de conversa, uma mesa de experimentações com aquarela e frutas, outra mesa onde usávamos óculos com gelatinas coloridas e desenhávamos nossos objetos pessoais com as canetinhas de acordo com a percepção da cor através dos óculos, e um espaço para brincar com tecidos e blocos de madeira, criando assemblagens, instalações... Para arrematar, uma cadeira rodeada de objetos sonoros, onde você se sentava e tomava um “banho de canto”.

Acessando o site do espaço descobri que o nome Binah vem da cabala e significa portal de encontro e entendimento. Certamente lá eu tive um encontro com a arte e a educação. A oportunidade de experimentar como aprendiz e depois discutir as questões que surgem da prática e das sensações como pesquisadora e professora. Para mim, esse foi o encontro, que multipliquei para o contexto escolar em que trabalhava.

Durante essa especialização fui contagiada por outros dois espaços que ainda não pude conhecer pessoalmente, mas tive contato com pessoas que fazem parte deles: A Oca e a Casa Redonda.

A Oca Escola Cultural, fica localizada em Carapicuíba em uma aldeia jesuítica fundada em 1580, que é patrimônio histórico. O projeto da escola começou em 1996 por profissionais da educação que buscavam uma educação brasileira, pensando no aluno como um ser integral, valorizando suas raízes através das manifestações artísticas da cultura brasileira, da infância, da família, da comunidade, visto que ela é formada em sua maior parte por migrantes e trazem em suas bagagens a história e os saberes de muitos lugares do Brasil.

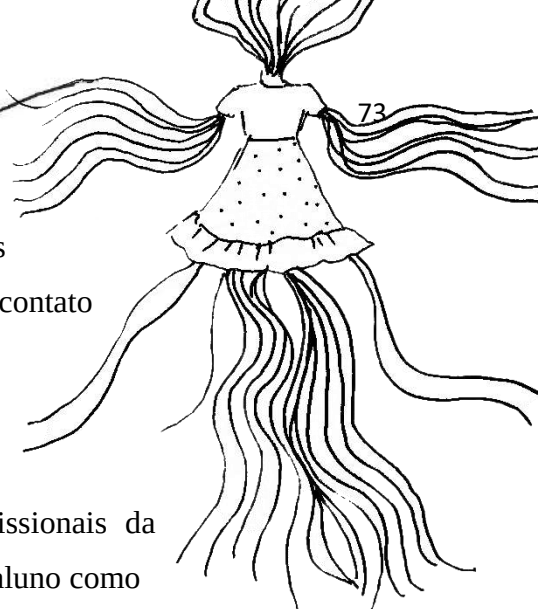
A escola Casa Redonda, usa do sentido primordial da palavra escola, que do grego, skhole, significa tempo livre, segundo informações do próprio site. Tempo livre para brincar, estar e vivenciar a natureza. É um espaço redondo, rodeado pela natureza, também em Carapicuíba, e foi idealizada pela pedagoga Maria Amélia Pinho Pereira, conhecida como Peo. Essa escola atende crianças de 2 a 6 anos oferecendo um verdadeiro quintal de acolhimento, descoberta, encontro e brincadeira. Foi considerada pelo Mec referência de inovação e criatividade na educação da primeira infância.

Todas essas referências me levaram a conhecer a abordagem Reggio Emilia. Via sempre pessoas usando o termo “atelierista”, falando sobre Reggio Emilia e achava que era alguma educadora como Lydia Hortélio e Peo. Então descobri que é na verdade uma cidade da Itália.

Após a Segunda Guerra, em 1945, os italianos precisaram reerguer as cidades bombardeadas, e Reggio Emilia, localizada no Norte da Itália foi reconstruída com os próprios tijolos das casas em ruínas pelas mãos e braços da comunidade. Enquanto reconstruíam suas vidas, precisavam de uma escola que pudesse acolher suas crianças, então os pais venderam alguns cavalos e um tanque de guerra deixado pelos alemães e começaram a construir uma escola. Na entrevista com Gandini (2016), Loris Malaguzzi, o primeiro professor dessa escola, conta sobre o entusiasmo, o desafio e a luta pela construção de um novo modelo de educação: “O que ocorreu em Vila Cella foi apenas a primeira fagulha” (Edwards, Gandini e Forman, 2016, p. 57). Me apego a essas palavras: a primeira fagulha, uma fagulha é o que precisamos. Uma fagulha nos faz saber da necessidade de mudança.

No site Desafios da Educação, encontrei que os principais fundamentos dessa abordagem são:

A criança é protagonista das ações e o professor observa e auxilia no crescimento e desenvolvimento de suas expressões.



O ambiente é um elemento fundamental no processo de aprendizagem.

O desenvolvimento da aprendizagem acontece de forma coletiva. Se aprende melhor junto.

Ética, estética e política são norteadoras das ações realizadas na escola.

Criatividade, imaginação e invenção andam de mãos dadas.

O registro é um processo de avaliação e uma forma de valorizar o processo de aprendizagem.

A participação da comunidade faz parte do desenvolvimento da criança.



Figuras 59 e 60 - **Registros furtivos do mundo dos pequenos da minha família.** Fotografias da autora, 2020-21.
Fonte: autora (2021)



O período de realização desse curso me trouxe muitas perspectivas. Eu me senti como uma esponja absorvendo de tudo que a arte e a cultura podiam me

oferecer. O olhar para o fazer cultural de certa forma se voltou a educação. Em 2017 produzi junto a alguns artistas parceiros um espetáculo chamado Oi de Boi, que trazia ao público infantil, o imaginário da cultura brasileira em torno do bumba-meu-boi. A peça contava com muitas miudezas e a história se desenrolava sobre um mapa do Brasil que pintei sobre um tecido. Ao final da encenação nós compartilhávamos com as crianças um livro feito por nós com a história que acabaram de presenciar, o livro era composto de um kit de materiais de papelaria para a criança continuar, compor e inventar a história a partir de sua vivência.

A pesquisa para essa produção teatral infantil me levou a explorar nas artes plásticas as miniaturas, as caixas, sacolas de feira,



carrinhos, bonequinhos de papel, tecido, massinha... coisas que compõem hoje meu trabalho artístico e docente. Nesta pesquisa conheci o teatro de caixeiros da Cia Dita Cuja, de Ribeirão Pires. Um grupo de teatro que contam histórias dentro de uma caixa, também conhecido como teatro lambe-lambe. Cria-se um ambiente intimista, nostálgico e poético.

Nesse mesmo ano, em viagem ao Equador com a peça Um incrível Homem pelo Averso, do grupo Contadores de Mentira, conheci o espaço do grupo La Rana Sabia, localizado no povoado de La Merced, em Quito. Fernando Moncayo e Claudia Monsalve, o casal que mantém esse



Figura 61 - **Teatro Lambe-Lambe**. Fotografia da autora, 2018. Fonte: autora (2018)



espaço, tem um trabalho muito sensível e divertido com teatro de bonecos. Eles estão há mais de 40 anos levando arte e entretenimento para as ruas e pesquisando a partir da caracterização dos bonecos, a diversidade do povo. Na década de 1980, as atividades do grupo se ampliaram para a criação de projetos comunitários de desenvolvimento artístico infantil, recreação e educação, segundo informações de PUCE (2014). Fernando é dramaturgo, historiador da arte, antropólogo e Claudia é artista plástica, inventora, dramaturga e bonequeira.

Num domingo impossível de esquecer, acompanhamos a dinâmica do espaço. Pela manhã assistimos uma apresentação de bonecos, depois prepararam um almoço para o público e estudantes que pareciam fazer uma residência artística. Conhecemos o espaço por completo, e ao fim da tarde, o casal nos convidou para um café em sua casa, ocasião em que Claudia nos ensinou a fazer bonecos com palitos de fósforo. Esses que se encontram sentados no alto da página.



Figura 62, 63 e 64 - Detalhes do Espaço La Rana Sabia. Fotografias da autora, 2017.
Fonte: autora (2017)

Como proposta de trabalho final dessa especialização, junta a mais seis mulheres, montamos um carrinho com materiais artísticos a partir da investigação das memórias afetivas, do brincar e da integração entre as linguagens artísticas. Demos o nome de “Catadoras de Memórias: um ateliê ambulante de achadouros da infância”. Fizemos uma intervenção na Paulista num domingo e a partir daí eu já estava totalmente contaminada pela ação poética, performática, artística e docente. Era hora de transver a escola.

Em 2020, veio a pandemia. Como em todo lugar buscamos maneiras de levar a escola para dentro de casa, mas que estrutura tínhamos para isso? Física, emocional, financeira? Todo mundo adoeceu. E ainda hoje vivemos essas sequelas. No período de recolhimento, assisti ao filme “Nise: o coração da loucura”. Até então eu não conhecia o trabalho dessa mulher incrível. Mudou minha forma de ver o outro, sobretudo num momento tão vulnerável. Mudou minha percepção sobre a necessidade da Arte e sobre a forma que as pessoas são tratadas nos setores públicos, principalmente quando se trata das camadas mais baixas, das minorias. Curiosamente, aquele jeito de manter todo mundo quieto, sem confusão, no lugar... é muito parecido com a forma que sempre fomos encorajados a agir com os alunos: quietos, enfileirados, sentados, sem música, sem barulho, sem risos... dá menos trabalho, mas dá certo para quem?

O ateliê do Engenho de Dentro, fazia parte do setor de Terapêutica Ocupacional, o qual Nise era responsável. Com o tempo, os pacientes produziam tanto no ateliê que ele foi ganhando mais interesse tanto artístico, quanto científico, segundo Nise da Silveira (2015). O ateliê de pintura era como se fosse uma casa para os pacientes, um lugar afetivo, Nise observava uma necessidade de pintar, fazer. Pintar era uma ação de defesa “contra a inundação pelos conteúdos do inconsciente” (Silveira, 2015, p.16). A autora ainda afirma que:

O atelier era um lugar agradável, amplo espaço com janelas sempre abertas deixando ver velhas árvores. O recinto do ateliê foi muitas vezes espontaneamente escolhido como motivo para pinturas, o que indica quanto este lugar era significativo para seus



Figura 65 - **Tocando sonhos**. Fotografia de Alessandro Silva, 2019. Fonte: Alessandro Silva (2019)

frequentadores. Ali o mundo externo era ameno. Num ambiente de aceitação e simpatia a livre produção de formas podia desdobrar-se sem a interferência de quem quer que fosse, médico ou monitor. (Silveira, 2015, p.16)

Foi no período entre pandemia e retorno às aulas presenciais que comecei a desenhar e entender a prática de ateliê na escola. Ver o ateliê como um espaço de acolhimento, de invenção, de cooperação e liberdade. Foi no período de recolhimento, de saudade, de perceber o que era realmente necessário, o que era possível, o que precisava ser reconstruído. O ateliê expande o conceito da sala de aula, como afirma Zordan (2019), aquela sala que parece mais uma cela, ganha outro aspecto, de mobilidade, liberdade, amplitude, cuidado de si e do outro, aprimoramento das habilidades e relações horizontais.

3.5 A escola como Ateliê

Usando a expressão de Loris Malaguzzi, uma fagulha me moveu a procurar espaços e estados de ateliê nos ambientes de aprendizagem que frequento. Busquei na fala de Stela Barbieri um conceito de ateliê mais amplo que abarcasse nossas inúmeras práticas entre o ideal, o imprevisto, a surpresa e os encontros. E a partir disso construí um ensaio de imagens sobre o estado de ateliê na escola.

Um ateliê não se restringe ao espaço físico, nem a arte, às obras de arte. O ateliê está em nossa cabeça, pode ser vivido em qualquer lugar, é uma maneira de olhar o mundo. Pode acontecer em uma boa conversa, em um encontro no ponto de ônibus com alguém que não vamos mais encontrar, olhando do alto de uma montanha ou simplesmente separando a gema da clara enquanto cozinhamos. São estados de uma presença simbólica e sensível diferenciada, de abertura para o que estamos vivendo. O estado da arte/ estado de ateliê é um estado de percepção, de movência no mundo, um estado laboratorial; é o que nos traz vitalidade. É a potência de sermos afetados, de perceber nuances. (Barbieri, 2021, p. 18)



Figura 66 - Sacolas, cestos, carrinhos. Colagem com fotografias feita pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)

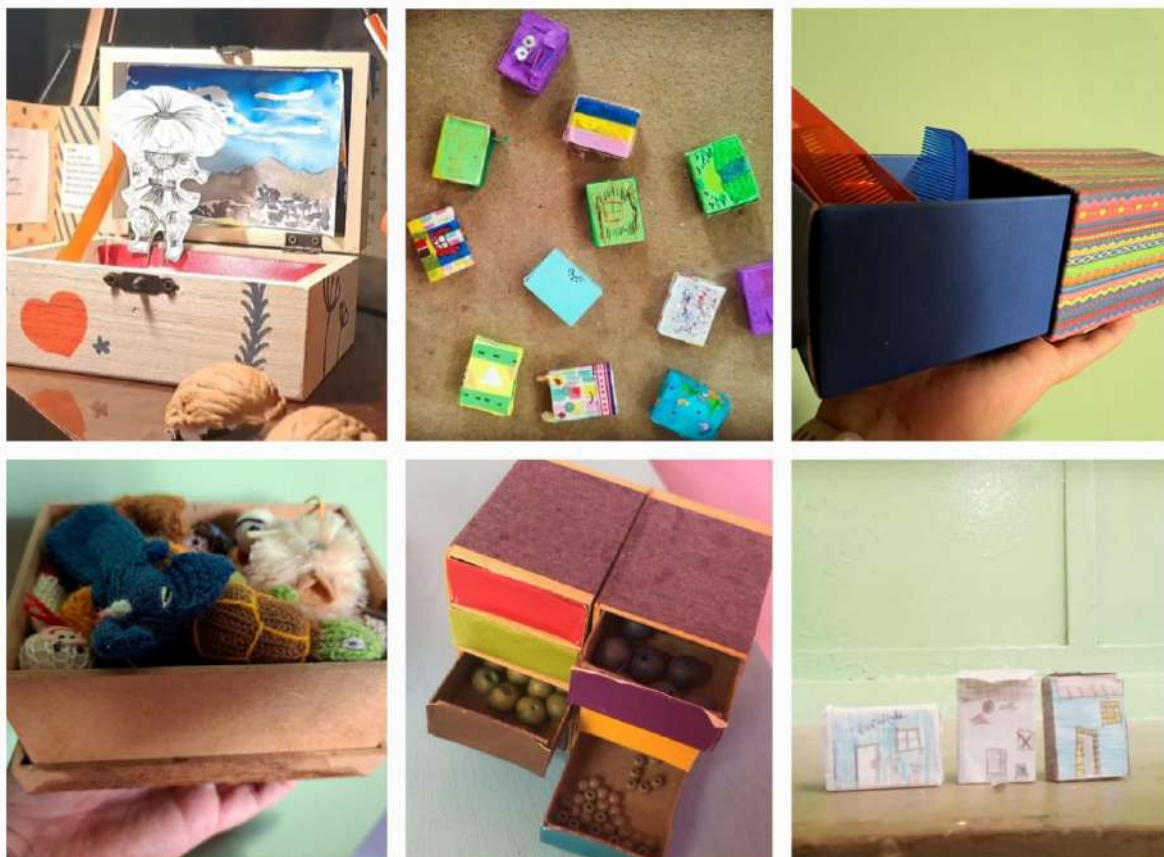


Figura 67 - Caixinhas levadas para a sala de aula e feitas pelos alunos. Colagem com fotografias feitas pela autora, 2024. Fonte: autora (2024)

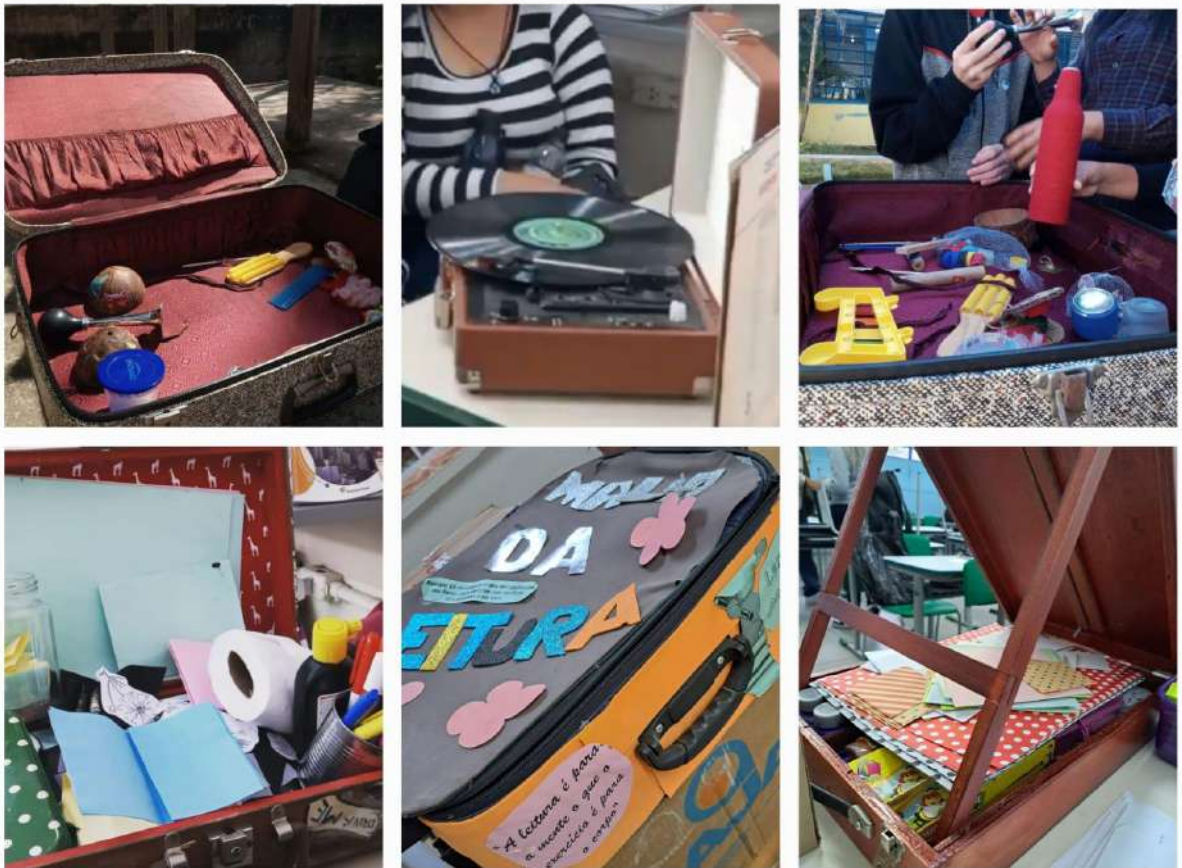


Figura 68 - **Maletas que viajam pela escola.** Colagem com fotografias feitas pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)

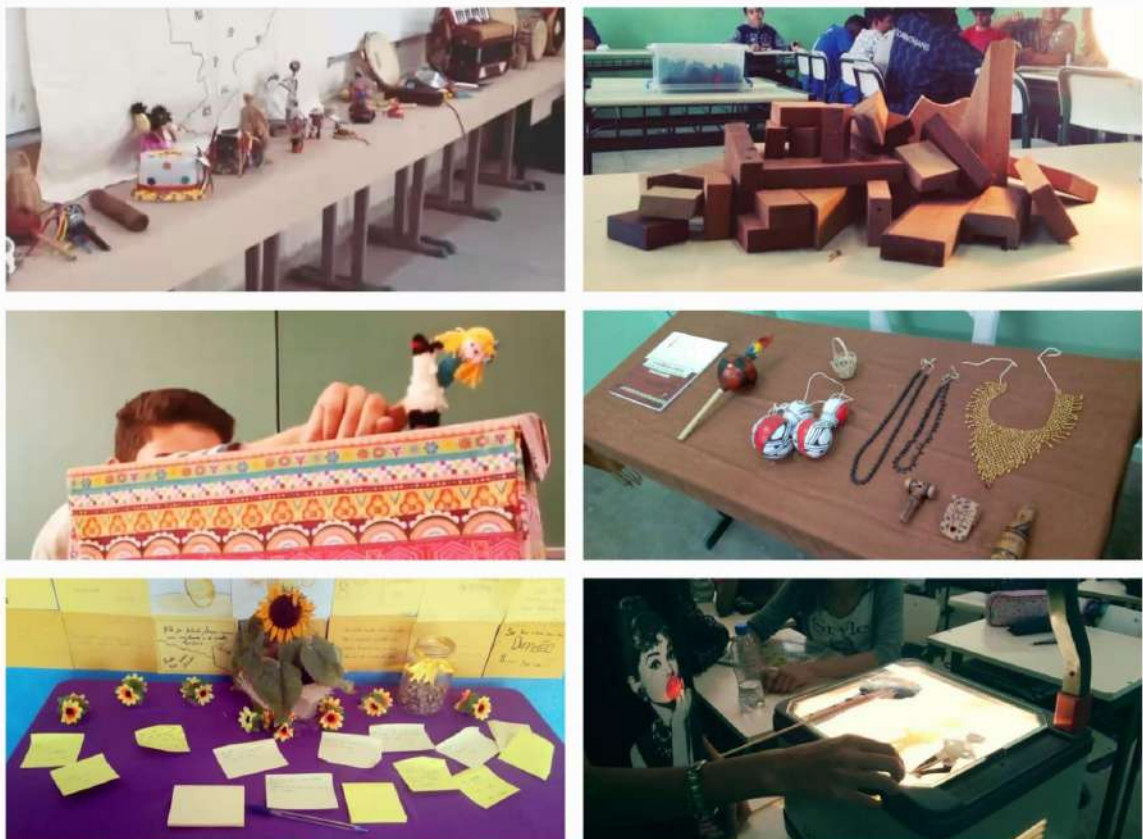


Figura 69 - **Mesas de ver.** Colagem com fotografias feita pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)



Figura 70 - **Mesas de fazer.** Colagem com fotografias feita pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)



Figura 71 - **Mesas de experimentar.** Colagem com fotografias feita pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)



Figura 72 - **Espaços inventados**. Colagem com fotografias feita pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)

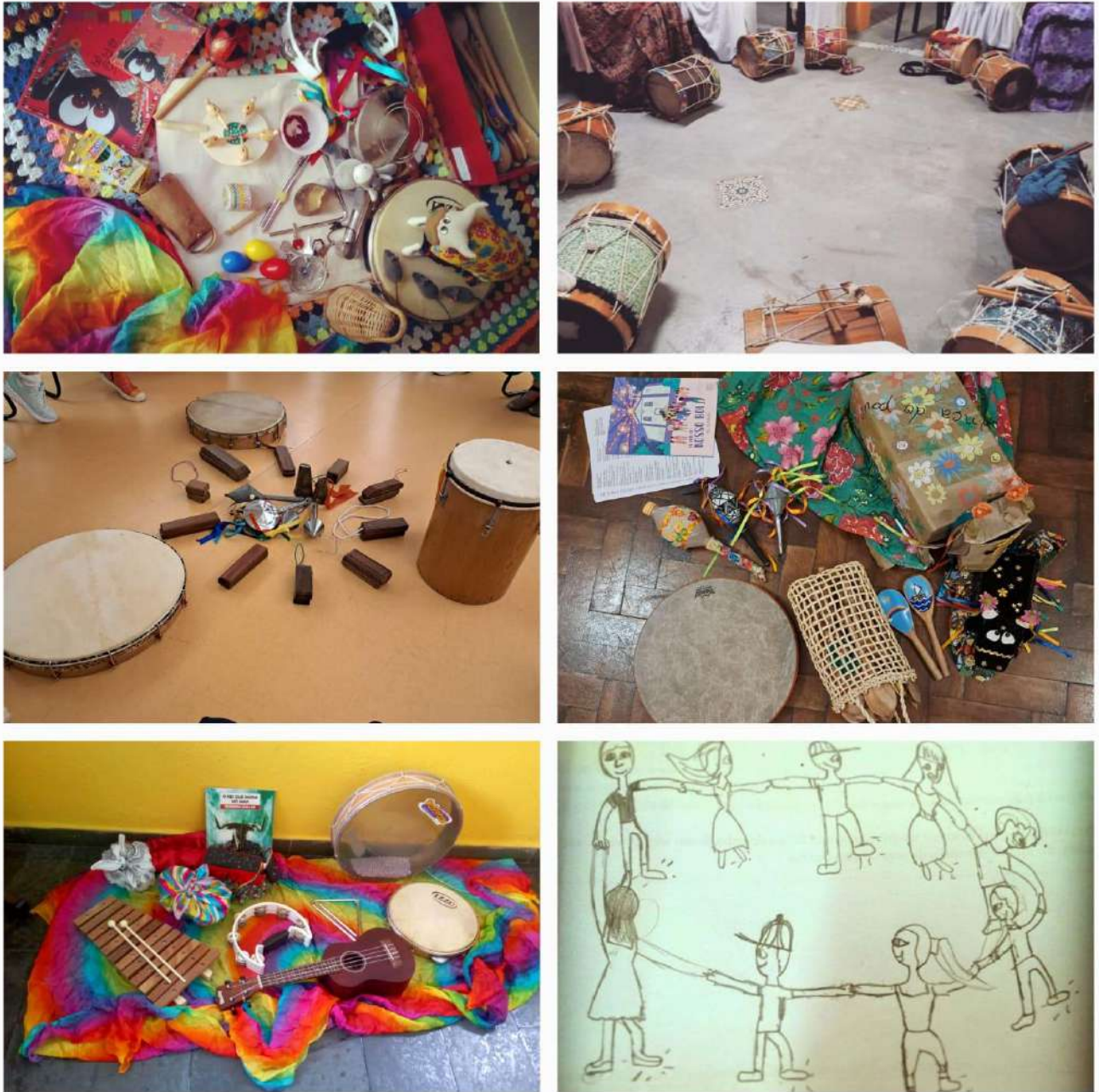


Figura 73 - **Rodas Sonoras**. Colagem com fotografias feita pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)



4. DIÁRIO DE BORDO OU, A PARTE DA PESQUISA QUE MORA NO MEU CORAÇÃO



Figura 74 - **Coração alumiado**. Ação expressiva com papel alumínio a partir da leitura de Dewey feita pela autora, 2022. Fonte: autora (2022)

A Pesquisa que se desenrolou até aqui começou a partir das inquietações na sala de aula, passou por aprofundamentos e estudos distantes da sala de aula real, porém a maior parte dela e os novos questionamentos que surgiram, aconteceram junto com a prática. Desenvolvi um projeto a partir da pesquisa sobre a prática de ateliê na escola. Escolhi as quatro turmas de 3ª série do Ensino Médio, que me foram atribuídas no ano de 2023, numa escola pública de Biritiba Mirim, lugar que lecionei por doze anos, para vivenciar e entender melhor sobre essa abordagem.

Durante as vivências que me propus realizar com os estudantes, entre muitas descobertas e constatações, precisei admitir que mesmo a minha visão de ateliê ainda estava muito condicionada a um espaço fixo, a um objeto. Eu imaginava construir um carrinho-ateliê que me permitisse circular pela escola, imaginei mesmo um carrinho cheio de materiais artísticos andando na escola. Hoje encaro mais como um estado do que somente um lugar, uma ação. Mais que um objeto imóvel, um indivíduo em sua necessidade, possibilidade e vontade de criar.

Noto também que, apesar de ter desenhado o projeto para o tempo médio de um bimestre, as proposições continuaram reverberando durante os meses seguintes até o fim do ano letivo. Reverberaram na postura dos alunos, nas coisas que ficaram mais gravadas neles e em como leciono, como o professor de arte leciona, como a aula de arte é tratada, como o professor de arte é tratado e que talvez a ideia de um carrinho para caminhar com os materiais pela escola, um ateliê ambulante, não tenha a ver só com o movimento, mas também com o espaço, ocupar o espaço, reivindicar, resistir.

Como forma de registro, além de fotografias, vídeos, escolhi o diário de bordo que me permite além de registrar, refletir, me expressar e criar imagens mais poéticas. É uma forma de pensar o trabalho e ao mesmo tempo dialogar e propor como artista e educadora. Esse diário está dividido em 6 linhas de pensamento: “Planos moventes”, que é a escrita mais objetiva, real e cronológica dos acontecimentos, dificuldades, ideias e frustrações. “Entretempos” é o que acontece no entorno, dentro, como os fatores internos e externos fora da aula influenciam a prática pedagógica e como o tempo age no amadurecimento das coisas. “Além da sala de aula” são as ações pensadas utilizando espaços diversos tanto como cenário, como tema e como formas de aprender. “Materialidades” conta com a matéria e o fazer, como pensam as mãos. “Ações poéticas”, como diz o próprio nome é quando a aula é poesia, imaginação, afeto, contágio. “Pedagogia da escuta” é a voz dos alunos, o compartilhamento das percepções de cada um.

encantada. O ateliê era de vidro, parecia uma estufa de orquídeas, tinha móveis feitos com pequenas peças de cerâmica. Vimos o forno onde era feita a queima. Conhecemos a Miha, ceramista e filha de Akinori Nakatani⁵. Ela dava aulas de cerâmica no Casarão do Chá. Esse momento ficou na minha memória. Gostaria começar o projeto com uma visita a um ateliê da nossa região.

Entrei em contato com Miha, expliquei a ideia do projeto e ela disse que não havia visitas no ateliê da família, porém era possível fazer uma visita no Casarão do Chá. A visita também precisava ser em um dia de semana, no horário escolar. Em dias de semana tinha um valor a ser pago para a pessoa que iria guiar os visitantes, 180 reais até 30 pessoas. Conversei com a diretora, ela gostou da ideia e se propôs negociar o ônibus com a prefeitura, e sugeriu que eu dividisse o valor da monitoria entre os alunos e caso o ônibus não desse certo eu devolvia o dinheiro aos que contribuíram. Kaori, faria a monitoria da visita. Combinamos para o dia 6 de abril às 8h30. Os alunos concordaram, ficaram animados, porém percebi que alguns não manifestaram o menor interesse. Desde o início orientei os estudantes que se tratava de parte da minha pesquisa, então respeitei os que não quiseram participar. Houve um tempo em que um programa chamado



Figura 76 - Detalhe de cerâmicas em miniatura expostas no Casarão do Chá. Fotografia da autora, 2023. Fonte: autora (2023)

“Lugares de Aprender” deixava essa vivência acontecer com mais facilidade. Havia transporte, lanche, íamos para diversos lugares culturais e o que víamos no passeio, desdobrávamos em outras aulas na escola. De início, a lista de interessados era de 43 pessoas, no dia do passeio, saímos em 20 pessoas. Mesmo alguns que havia pagado e levado autorização acabaram faltando. Esse é um impasse que não sei como lidar também, não posso garantir o comprometimento de todos os participantes. E foi uma pena porque havia alunos de outras turmas, interessados.

Na aula seguinte fizemos uma experiência muito significativa, poética, performática, dinâmica... pelo menos tentei fazer com que fosse dinâmica, mas houve alguns contratemplos. Na primeira roda, um cachorro entrou para brincar com as fitas. Há sempre um cachorro entrando para ver quando fazemos uma roda, é impressionante. Não atrapalhou de todo, mas foi curioso. A reforma na escola, nos obriga a mudar constantemente de lugar, o barulho das

⁵ Escultor e ceramista japonês radicado no Brasil, um dos fundadores da Associação Cultural Casarão do Chá.

máquinas acaba dispersando os alunos. Uma das turmas estava fazendo prova, e não foi possível realizar a dinâmica com eles. No caso uma avaliação, dessas aplicadas pelo governo. Percebe-se que o tempo é curto, o espaço não nos convida a brincar, a fazer poesia.

Na primeira aula teórica reuni algumas considerações e imagens sobre como surge e se desenvolve o termo ateliê ao longo da história. Levei dois livros para que os estudantes pudessem olhar, um sobre ateliês de artistas contemporâneos no Brasil (2004), e um sobre Akinori Nakatani (2019). A aula fluiu razoavelmente bem, mas alguns problemas se apresentaram.

Na turma “B”, os estudantes não olharam os livros, porém a aula correu muito bem, pedi que eles se aproximassem para que ficasse mais fácil a conversa. Um questionamento que surgiu: “Os artistas utilizavam drogas quando se reuniam para criar e conversar sobre arte no ateliê?” “O potencial criativo necessita do uso de alguma substância?” Conversamos sobre este assunto desmistificando os preconceitos sobre o meio artístico e sobre as ideias de criação, geralmente tão associadas a algo sobrenatural, a uma inspiração que vem de um estado alterado da consciência. Acho importante que eles se sintam à vontade em questionar conceitos que acabam se mostrando tabus entre adolescentes e adultos.

Uma das salas tinha TV, porém os cabos que a conectavam com outros aparelhos e com Wi-Fi estavam inacessíveis. Essa era a turma “D”. Como eram poucos alunos, pedi que eles se aproximassem e mostrei as imagens da apresentação que preparei pelo tablet. Na hora pensei “por que eu não fiz uma versão impressa?” Mesmo assim foi possível realizar a aula e teve comentários muito interessantes. Uma das estudantes já pensou na possibilidade de um ateliê de minijardins e terrários. Também observamos o lugar da mulher tanto na arte e no ateliê como na sociedade, como somos vistas de acordo com nossa postura e nossa profissão.

Na turma “A”, a tv funcionava, porém percebi que não era o suficiente para concentrar a atenção da turma. A sala era muito grande, poucos alunos e a tv no alto da parede, acima da lousa, era pouco chamativa e até desconfortável de se observar. A disposição das carteiras enfileiradas na sala, também não convidava ao diálogo, mas espalhava os alunos para os fundos, que se dispersavam em conversas paralelas. Caberia reorganizar a sala em um semicírculo, que também demandaria tempo. Tempo que não temos, pois a aula dura 45 minutos.

A última turma foi a “C”. Ciente de que a Tv não era o suficiente para concentrar a atenção dos estudantes, iniciei a aula falando dos livros, pedi que se aproximassem, deixei o livro passando de mesa em mesa enquanto fazia a apresentação. As pessoas dessa turma, foram em maior número no Casarão do Chá e fizeram mais analogias com o que viram na visita e no livro, e com o conceito de ateliê. Conversamos sobre onde é em nossa casa, o lugar que

consideramos como ateliê e o que seria necessário para que a escola fosse um espaço de criação. O sinal tocou.

A mesma aula hoje eu faria diferente. Mesmo assim não chegaria ao ideal. O tempo de aula é tristemente curto, não temos a disposição toda a tecnologia que precisamos, a organização das salas de aula ainda é muito tradicional, e para finalizar, o maior agravante que tenho encontrado: a escola passando por uma reforma longa em todos os espaços. Estamos falando e sonhando sobre acolhimento, espaço de criação em um lugar que não nos acolhe. Nossa voz compete com o barulho de britadeiras, furadeiras e marretas.

Procurei fazer um cronograma em que as aulas ficassem mais dinâmicas. Um dia com mais teoria, outro mais prático. Usando a sala de aula e espaços externos na escola. Em uma das experimentações usamos alguns espelhos para trabalhar a percepção do olhar, e nessa aula pude perceber como cada turma tem suas características, algumas são mais apáticas, outras mais tímidas, umas são mais desinibidas e topam de tudo, outras questionam e se fecham. A turma “B” quase não experienciou a atividade, poucos se envolveram. Na turma “D”, tive a impressão de que participaram para que eu não ficasse chateada. Se envolveram um pouco mais, ainda que sem acreditar muito no propósito. A turma “A”, que normalmente é mais apática me

surpreendeu, apesar de já estarem cansados na 5ª aula do dia, se envolveram e brincaram, apenas tive um problema para que retornassem à sala, pois às vezes acontece de se aproveitarem da ocasião para “fugir” da aula. A turma “C”, na última aula, com pouco tempo, foi a que mais se envolveu, que fez considerações importantes, pensando sobre si, experimentando e brincando.

Elaborei uma apresentação sobre espaços que se utilizam da experiência do ateliê, do brincar e da “mão na massa” para a aprendizagem e formação do cidadão. Entre os espaços escolhidos estavam “Ateliê do Engenho de Dentro”, “Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro”, “Reggio Emilia”, “Ateliê Binah”, “Casa Redonda”, “Oca – Escola Cultural”, “Escola Waldorf”, “Escola Desembargador Amorim Lima”. Consegui apresentar a aula nas quatro turmas. Em algumas salas fiz a apresentação pelo powerpoint utilizando a TV e em algumas imprimi o powerpoint e apresentei as folhas impressas que foram circulando entre a turma.

Fiquei me perguntando se essa apresentação foi realmente necessária. Poucos demonstraram interesse de verdade. Eles querem uma



Figura 77 – **Cadê os estudantes?**
Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

escola diferente sim, porém parecem não acreditar na mudança, nem por parte do sistema, nem por parte da gestão, nem dos professores, e nem deles mesmos, que já estão prestes a sair. Confesso que às vezes não acredito também. É importante lembrar que no atual governo instaurou-se como diretrizes de ensino algumas apresentações prontas de cada aula, que devem ser ministradas em cada disciplina. Não posso dizer que era obrigatório o uso desse material, mas ele servia como um guia e praticamente toda a escola aderiu. Em poucas semanas, ninguém aguentava mais apresentação de powerpoint. Depois parei para pensar como eu me sentiria no lugar dos alunos, com 7 aulas apresentadas num powerpoint projetado na Tv. Quando a experiência deixa de ser experiência e vira repetição? Em um momento em que apresentava a uma sala, um professor interrompeu a aula para que os estudantes fizessem a inscrição para um evento ao qual haviam sido convidados. Mais uma vez lá estávamos nós, entre poucas pessoas, com folhas de sulfite nas mãos tentando sonhar uma escola diferente. Será que perdemos tempo com essa aula? Ou será que não devemos nos dar ao luxo de perder a oportunidade de problematizar nossas ações, nosso lugar, nossa sociedade?

Mesmo tendo pensado o cronograma com uma folga de tempo antes do fim do 2º bimestre, imprevistos surgiam dia após dia e quase não daria tempo de finalizar antes das férias. Percebi que um plano não é apenas para se seguir à risca, serve também para saber que existem os contratempos. Na música, aprendi que contratempo é um tempo que surge meio imprevisto dentro do pulso, um som que segue um fluxo diferente do padrão do pulso do compasso. E eu que sou tão aversa a padrões me deixei encantar por esse cronograma que pretendia seguir em frente passando por cima dos contratempos, dos desvios e dos aprendizados que surgiam nestes entremeios. Aconteceu que terminei a segunda semana bastante desgastada e desanimada.

Primeira aula do período: o problema da tecnologia, um bloco todo sem energia elétrica na escola por conta da reforma. Mais uma vez eu estava sem imagens impressas em mãos para ilustrar minha apresentação. No final das contas sobrou a imaginação. Mas não foi só isso que me deixou frustrada; poucos alunos se interessaram, uma apatia tomava conta da turma. A outra proposta, com os espelhos, consistia em algumas experimentações lúdicas, andando pela escola, buscando outros olhares com o espelho. Os estudantes saíram da sala com os espelhos para realizar a proposta e logo se sentaram pelos cantos mexendo no celular. Mas eu teria uma nova chance de tentar com as outras turmas na próxima aula.

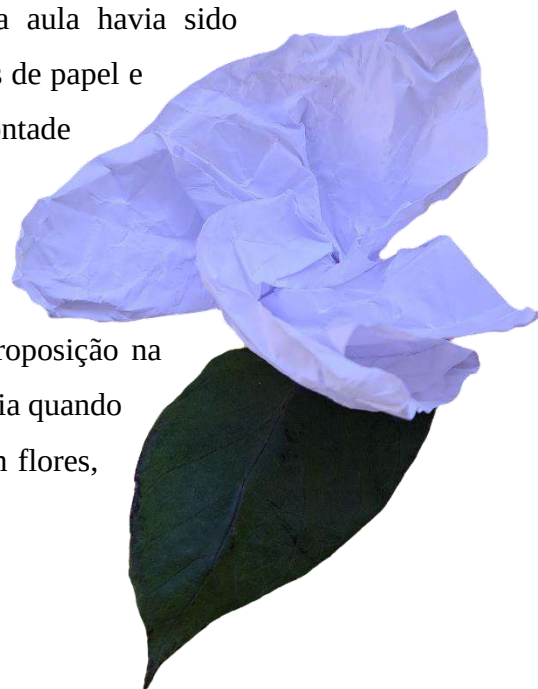
Segui para a quarta aula do dia em uma turma de 1º ano de EM. Reuni a pouca coragem que tinha e fiz a proposição “Desenhos de viver – Ações performáticas”, da professora e artista Lucimar Bello Frange. Os alunos começaram um pouco perdidos com a folha em branco e as instruções, de repente surge a primeira flor, e mais uma, e outra, todas com o mesmo tipo de



papel, mas nenhuma igual. A aula acabou. Fui para o 3º ano, dessa vez a TV e a internet funcionavam, consegui fazer minha apresentação, mesmo assim, poucos se interessavam, alguns até dormiam, a sala grande com poucos alunos. Reparei que aquele problema da sala muito numerosa que sempre reclamávamos se resolveu e mesmo assim não conseguimos fazer uma aula como esperado. Eu falava sobre lugares que inspiravam, modelos de educação mais acolhedores, libertadores, mas ninguém parecia querer sair da gaiola. Contudo vi, que um olhar se iluminou, e esse olhar continuou aceso na minha mente, um lampejo de esperança e continuidade.

Sexta aula, novamente o 3º que desprezou meus espelhos. Mesmo assim quando perguntei se tinham ideia da conexão entre os espelhos com o desenho da mão, um dos alunos respondeu: “porque estamos olhando para nós mesmos”. Lá não tinha energia, então iniciei minha apresentação explicando que assim que possível mostraria imagens dos espaços que estava falando. Se interessaram pelo Ateliê do Engenho de Dentro, alguns se impressionaram com a escola Amorim Lima. Li um poema do Rubem Alves, que encontrei na homepage da escola Desembargador Amorim Lima: “Há escolas que são gaiolas e escolas que são asas”, Felipe disse em tom desafiador, “porque a gente não pinta esse poema na entrada da escola?”, duvidando dessa possibilidade. Eu disse que era uma ótima ideia e Glaydson falou baixinho: “Como uma escola pode ser livre se temos um monte de muros e grades em volta?” “Essa é uma metáfora que teremos que derrubar, derrubar os muros”, eu disse...O sinal tocou.

Fui para a sala dos professores, a turma da última aula havia sido dispensada por causa da reforma. Eu fiquei com aquelas flores de papel e aquela angústia da nossa pequenez diante do sistema, uma vontade de plantá-las, resolvi colocá-las no muro da entrada lateral. Elas formaram um pequeno, mas muito pequeno arbusto comparadas ao tamanho do muro. Mas uma vontade de plantar mais e mais começou a brotar. Me decidi a seguir com a proposição na próxima aula com as outras turmas, e levei um balde de água fria quando soube que não haveria aula por causa da reunião de pais. Nem flores, nem ateliê: mais uma aula cancelada.



Cheguei desanimada em casa, perdida, sentindo que meu projeto escorria pelo ralo, conversei com meu marido, falei da minha descrença, refleti bastante, mas olhava as fotos das flores e dos estudantes olhando pelo espelho. Aquele olhar iluminado, aquela vontade de pichar o muro com um poema sobre liberdade. Por que eu estava tão preocupada com os números? Por que querer um projeto tão dentro da linha? “quem anda na linha é trem de ferro”, dizia Manoel de Barros, senti que as estantes do meu pensamento sofriam um reboiço novamente, os conceitos, paradigmas caíam. Caíam as datas, caíam os planos, caíam as estatísticas, porque brotavam flores brancas por todos os lados. Entendi que a verdadeira ação performática se iniciou com a primeira flor, que era isso: uma vontade incontável de esperar.

Uma das proposições envolvia o desenho de observação. A ideia inicial era que trouxessem objetos que representassem o ofício deles ou dos familiares, para refletirmos sobre o trabalho de cada um. Houve um pequeno intervalo de tempo entre a proposição e a realização devido a feriados, reuniões, aulas desmarcadas e eles acabaram não trazendo os objetos para a aula. Com a descaracterização da proposta inicial, achei que a proposta perdeu um pouco de sua potência. Cheguei a realizar apenas com duas turmas. Depois decidi encerrar a ideia.



Figura 80 - **Carrinho de catador encontrado no caminho da escola.** Fotografia da autora, 2022. Fonte: autora (2023)

Para adentrar ao universo dos catadores e conectá-la a ideia do ateliê ambulante na escola, levei alguns poemas do Manoel de Barros, algumas imagens de Catadores, carrinhos, objetos. Lemos os poemas e conversamos um pouco sobre a poética de catar coisas, das desimportâncias citadas por Manoel de Barros, do ofício dos catadores, que ressignificam o uso das coisas. Os estudantes falaram pouco e eu fiquei com a sensação de que não tinha necessidade daquela aula. Que a prática dava mais sentido a poesia e aos símbolos do que a leitura daquelas imagens e dos poemas. Não sei... fiquei com a impressão de que falei demais. Talvez como o poeta, eu devia “Usar a palavra para compor meus silêncios”.

As aulas pensadas para o espaço externo, pátio, corredor, jardim da escola se tornaram um laboratório ao ar livre. Estar fora da sala de aula parece desconfigurar a ideia que temos sobre o papel que devemos empenhar. Turmas que se mostram mais apáticas dentro da sala, são participativas fora, turmas ativas com seus cadernos na sala ficam tímidas e incomodadas sem as carteiras e cadeiras, alunos brincam como crianças, pessoas de outras salas, funcionários e cachorros participam da aula. Quando nos propomos a sair do espaço convencional, é um passo que a gente dá em direção ao aluno. Parece que você liga o botão da escuta e da participação no estudante do ensino médio. Hoje eu me pego achando um absurdo quando eles vêm com esse papo de tomar sol. Aí eu me lembrei do tempo que eu estava no ensino médio e gostava de ficar mais no intervalo para poder ficar no sol. Mas o que eu acho que incomoda nessa ação, é que parece que estamos numa prisão, e será que não estamos mesmo numa prisão? Às vezes eu sinto que só cumprimos ordens dentro da escola, todos nós. Não estou dizendo que tem que ter mais ou menos disciplina. O que quero dizer é que parecemos anestesiados com todos os anos em que vivemos sem nos sentirmos livres na escola. Dá uma impressão de que tanto faz, só queremos terminar o dia e sair de lá.

Ainda pensando a aula como um laboratório, gostaria de proporcionar uma experiência semelhante a que temos quando vamos à feira. Talvez pensar a aula como uma instalação, ou melhor “instalar a ação”, uma experiência além do sentido da visão, que permeasse ancestralidade, origem, singularidade e diversidade ao mesmo tempo. Coisas que estão ao nosso redor, que representam nossos gostos e afetos. Que imagens poderiam surgir dessa experiência? Pedi para algumas turmas que, quando fossem à feira, fizessem uma escuta ativa, com gravações, imagens, anotações, para adentrarmos nesse ambiente. Eles não se lembraram, pelo menos essa foi a justificativa. A cada dia percebo que se torna mais difícil pedir uma tarefa para se realizar fora da escola.

Planejei montar em algum lugar da escola uma instalação representando a feira, utilizando um projetor, uma caixinha de som para reproduzir os sons e imagens da feira. Uma

sacola de feira com alimentos bem característicos do lugar e aroma marcante para criar no ambiente a sensação de estar na feira. Era uma instalação simples e rápida de montar eu imaginei. Pedi à equipe gestora um espaço na escola para realizar a instalação e a resposta foi NÃO, por conta da reforma. O único espaço disponível a vice-diretora desaconselhou pois era um lugar de passagem e os alunos iriam acabar estragando a obra. Na verdade, seria a grande vantagem montar algo no espaço que todo mundo circule, e pessoas além das minhas turmas pudessem vivenciar a experiência. Por outro lado, também compreendo o problema de conservação do patrimônio e qualquer objeto diferente da rotina escolar, mas eu estava disposta a trabalhar com esse risco e com a busca de um modo de aprender mais ativo, e o problema foi justamente estar sozinha nessa ideia. É difícil construir um pensamento diferente, uma escola diferente, porque os educadores com quem trabalho já têm uma opinião formada de que as coisas devem ficar trancadas ou guardadas para ninguém mexer. Tive que pensar em como fazer esse laboratório da feira em uma única aula de 45 minutos, contando com montagem e desmontagem e levar de uma sala para a outra.

Uma vantagem desse semestre foi a lista de materiais que fiz com a outra professora de Arte e finalmente foi contemplada com a maioria dos itens, como duas caixas de lápis de cor aquareláveis de 24 cores que caíram como uma luva para essa experiência da feira, poder observar e criar cores de uma forma mais rápida do que a aquarela pois eu teria pouco tempo em cada turma. Acabei optando apenas pelo lápis de cor por conta do tempo de aula. Além dos lápis levei para a sala um rolo de papel Kraft de 1,40 de largura, pincéis, água, uma sacola de feira com vários alimentos e temperos, tábua de corte, faca, e papel canson cortado em tamanhos diferentes. Juntamos as carteiras formando uma mesa bem longa e forramos com o papel.

Juntei ao longo dos meses muitas caixinhas de papelão, papel. Uma aluna me presenteou com muitas caixinhas de bijuterias vazias o ano passado. Ela não sabia desse projeto, e nem estava nas minhas turmas desse ano, e isso tornou a voluntariedade do ato muito especial. O ato de querer ajudar, de reaproveitar materiais, espontaneamente, “sem valer nota”. Nessa proposição eu já caminhava para o final do projeto que havia desenhado que era fazer um ateliê móvel a partir do repertório que cada um formou ao longo do bimestre. Levei algumas caixas que considero como um tipo de ateliê. Levei um tecido preto para forrar a mesa, preparei alguns vídeos das caixas que não conseguiria levar para escola e levei o guarda-saudades⁶. Com caixas de diferentes tamanhos cada turma teve experiências singulares. Algumas não demonstraram muito interesse e de repente apareceram com trabalhos lindos, potentes. Outras devoraram as

⁶ O guarda-saudades é abordado nas ações poéticas, mais adiante neste capítulo.

caixas, pegaram várias com bastante ímpeto em transformar, com muitas ideias, até iniciadas, porém não finalizaram as propostas. Teve turma com muitas ideias interessantes não colocadas em prática. Pessoas que iniciaram o projeto na escola, levaram para casa para terminar e não retornaram com as caixas.

Coloquei de forma objetiva no papel, alguns pontos para mover a ação expressiva: Material necessário, temática, funcionamento, relato da experiência. Conforme eles responderam esse primeiro momento, levei para a sala os materiais solicitados. Mesmo assim, como cada um desenvolve sua poética, alguns materiais são muito pessoais e tentei não interferir muito no processo de cada um, ajudar sem pressionar. Porém fiquei ansiosa e curiosa em ver o que ia sair. Receosa em não sair nada. Surpresa com as ideias que eles lançaram. Encantada com as delicadezas que surgiram. Distraída pensando em como finalizar esse processo. Mas é o fim? “A ‘conclusão’ não é uma coisa distinta e independente; é a consumação de um movimento” (Dewey, 2010, p.113).

4. 2 Entretempos

4.2.1 Pausa

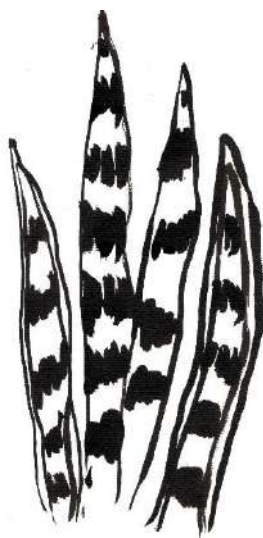
Um silêncio é o que eu trouxe até agora dentro do peito depois do ocorrido na escola da Vila Sônia. Um silêncio dolorido e desesperançado, feito um bloco de concreto muito malfeito, com muitas arestas. Não tem nada a ver com minha pesquisa, será? Se fez a gente querer parar, esvaziar os sentidos da nossa prática, chorar... Como falar de sonho? De brincar? De leveza? Se o lugar que estamos hoje é cada vez mais duro, frio, sombrio... é praticamente um pesadelo.

Uma professora foi assassinada fazendo o seu ofício de educar. Todo mundo morreu junto com ela e quem não morreu já estava morto há muito tempo. Além do horror de ver a notícia enchendo todas as redes com essa tragédia, tivemos que seguir nosso trabalho como se nada tivesse acontecido. Somos invisíveis... Há tempos falamos da violência nas escolas, que carecemos de um ambiente acolhedor, que nossas mentes estão adoecendo... e no final somos

só mais um dado, mais uma notícia que todo mundo vai esquecer num piscar de olhos. Somos ignorados de tantas formas, violentados diariamente a ponto de eu pensar que um assassinato acontecer na escola não tem a ver com a minha pesquisa.

Eu fui digerindo aquela notícia ao longo do dia com assombro, e esse assombro cresceu dentro de mim e tirou meu sono. Eu dormi pouco, e sonhava que na escola fazia uma coisa muito boa, uma coisa que deixava nos deixava empolgados. De repente ficávamos com medo porque seríamos notados e tentariam nos matar... esse sonho ficou se repetindo nessa noite mal dormida. Acordei desanimada e fui para a escola, sem vontade, sem coragem... quase concluo que deveria ter faltado. Mas fui. Até que um aluno perguntou se eu estava bem, respondi que não, que estava atordoada com o acontecido, mais três alunos começaram a conversar comigo, me animei para a aula. Falar sobre corpo e espaço. Eles interagem, faziam brotar aquela vida dentro da gente. É por isso que eu continuo, e por isso concluí que não foi de todo perdido o dia. E é por isso que luto por um lugar melhor, uma condição melhor, para nós, não só para mim.

4.2.2 O ofício⁷



O que a arte pode transformar? O que a educação pode mudar? Paulo Freire diz que a educação não transforma, a educação transforma pessoas e pessoas mudam o mundo. Quando falo da minha profissão nessa sociedade capitalista que busca lucro financeiro a todo custo, parece que escolhi duas profissões duvidosas: sou professora e sou artista. Sou artista educadora. As últimas semanas tem me feito desacreditar do meu ofício, há sempre uma violência travestida de muitas coisas, moral, pudor, segurança, normalidade, rotina, modernidade, fatalismo, emergência, utilidade... faz-nos acreditar que não somos necessários, que somos futilidade. Isso aos poucos foi nos adoecendo. Mas esse duplo ofício de educar e criar, me coloca em movimento. Às vezes eu fico confusa, dividida entre dois caminhos, mas a nuvem da confusão se dissolve e os caminhos se encontram lá na frente.

⁷ Os desenhos que costuram esse texto surgiram da performance que realizei na abertura da ocupação “Ivone e Nise: um reencontro”, em abril de 2022, durante a Roda de Samba.



Enquanto preparava o projeto do ateliê para iniciar com os estudantes, uma amiga, cantora e atriz, me convidou para participar de um projeto sobre Dona Ivone Lara e Nise da Silveira, eu hesitei por medo de me perder no tempo da escrita, mas não pude resistir a proposta de adentrar no universo de duas mulheres tão incríveis. Aceitei. Não era nada além do que eu já fazia: desenhar em cena, como eu fazia com o carvão na obra “O Incrível Homem Pelo Averso”. O projeto “Ivone e Nise: um reencontro”, de Pamella Carmo e Mariana da Matta, tratava-se de uma ocupação unindo o universo da música, das artes visuais e da poesia, propondo uma revisita ao trabalho de Nise e Dona Ivone na clínica Engenho de Dentro, que aconteceria no Sesc de Mogi das Cruzes, em comemoração ao aniversário de Dona Ivone Lara. Minha participação seria durante o show de abertura da ocupação.

Há tempos carrego a vontade de trabalhar algo sobre a Nise. Nem imaginava que essas duas mulheres tiveram um longo tempo de trabalho juntas, também conhecia pouco sobre as canções de Dona Ivone. Mas propus a Pamella, que minha performance não fosse com o carvão e sim com Nanquim e aguada, pois acho que a água dialoga bem com o subconsciente, com o mundo dos sonhos, com as emoções. Pamella me disse: “Que interessante Van! Tem tudo a ver, a dona Ivone era filha de Oxum”. Na cultura afro-brasileira, Oxum representa a mãe, o elemento água. Senti a partir daí que algo já estava escolhido, a gente só precisava pôr para fora.

Durante as semanas que se seguiram, eu ouvia as músicas de Dona Ivone, para entender melhor esse universo. Ela cantava, era compositora, tocava cavaquinho, num mundo de tão pouco espaço para a mulher negra. Ouvia com admiração, até o dia em que ocorreu o atentado à escola da Vila Sônia, e eu ouvia a canção no fone de ouvido “...*me armo de samba e poesia, eu não sei odiar...*” e isso de certa forma me confortou.

Comecei o projeto em meio a esse pesadelo que passava a assombrar as escolas. E a primeira ação era a visita ao Casarão do Chá, um passeio muito agradável, de compartilhamento de afeto e conhecimento. A noite me encontrei com a Pamella, e ela me disse que eu podia ler uma carta, falar um pouco sobre minha participação no dia da abertura. Me lembrei do poema que move meu coração de professora no momento: “Cada um só cresce se for sonhado”.



Mais ataques continuaram acontecendo em várias escolas do país. Os estudantes começavam a faltar em massa, o medo tomava conta, a polícia na porta, a escola em reforma, e nós, tentando sobreviver, e viver com afeto. Um desalento tomava conta de mim. É bem aí que eu sinto que o mundo é muito grande, e eu muito pequena, que o esforço é para pouco retorno e não vale a pena. Fui ao show da Fabiana Cozza, em homenagem a Dona Ivone Lara: *“O que trago dentro de mim preciso revelar/ eu solto o mundo de tristeza que a vida me dá / me exponho a tanta emoção/ nasci pra sonhar e cantar...”*



Chegou o dia da abertura da ocupação. Eu já estava incerta em ler o poema, não era nada sobre a Nise nem sobre Dona Ivone, não era sobre arte, eu não sou atriz, estava sem coragem. Disse a Pamella que não ia falar, só desenhar. Mas a música ecoava dentro de mim: *“O que trago dentro de mim preciso revelar”* ... A roda de samba contava com a participação de outros amigos artistas além da Pamella e da Mariana, e três mestras guardiãs das tradições populares: as “Pretas Bás”. Um ambiente acolhedor, cheio de objetos simbólicos, memórias, cores, aromas, eu tentava com urgência, registrar aquela emoção, aquela beleza com a tinta que dançava leve sobre o papel. Os olhares, os cantos, os toques, o tecer... Quando chegou minha vez de ler a carta, percebi que fazia todo sentido: o poema, estar ali, estar na escola, fazer arte e educar, acreditar, sonhar. O choro quis tomar conta, fiz uma pequena pausa e continuei com a voz trêmula, os olhos querendo chorar, mas isso que eu trago dentro de mim, eu preciso revelar. Outras pessoas se emocionaram, eu disse que escolhi aquele poema porque desde que li, ele me atravessa, e cada dia faz mais sentido, apesar do absurdo que o nosso mundo nos traz, precisamos sonhar para que as pessoas possam crescer e ser esse sonho. Uma professora e amiga

que assistia me falou: “Estamos falando de caminhos, respiros e saúde mental também né? Precisamos cuidar da nossa esperança de seguir vendo poesia nas existências.” A arte é também um processo de cura, de conhecimento, de fortalecimento da nossa identidade. Ela é necessária. E todo o desejo de criar, de dialogar, me expressar com a arte, tem a ver com o sonho e necessidade de educar, de descobrir, de entender o que é ser humano. Eu me encantei com o poema primeiro, porque senti que eu fui sonhada por outros educadores. Agora me reencanto porque quero sonhar um mundo para os outros do jeito que para nós agora não é possível.



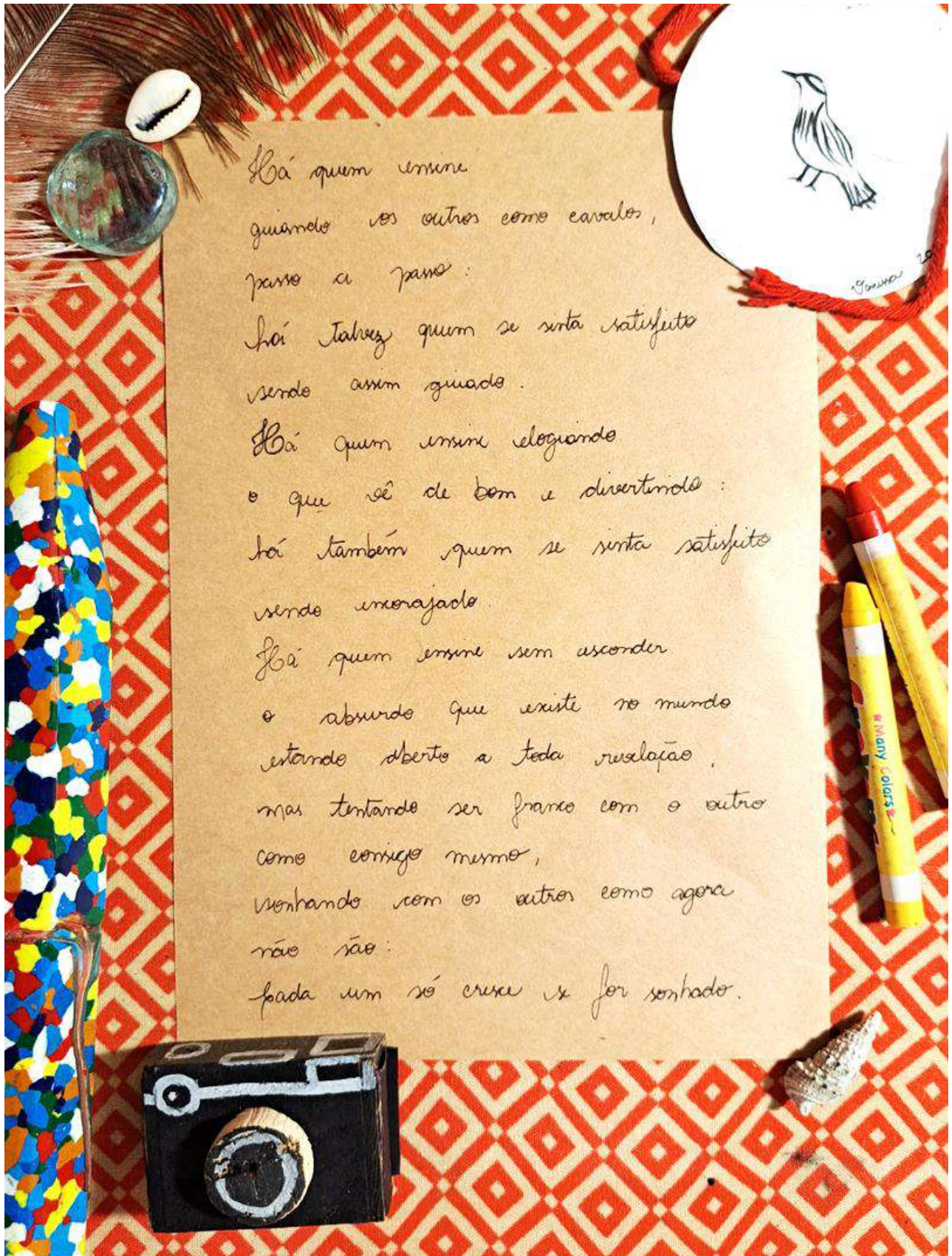


Figura 81 - **Matéria para poesia.** Fotografia da autora, 2024.
 Fonte: autora (2024)

4.2.3 Um dia antes do passeio na vida de uma professora ansiosa

Hoje é 5 de abril, amanhã farei 36 anos, e estou fazendo um bolo gelado, não pelo meu aniversário (mas secretamente é). O bolo é para o piquenique que vamos fazer amanhã depois da visita ao Casarão do Chá. Eu estou muito ansiosa, cheia de paranoias, com medo de dar alguma coisa errado, porém esperando que seja muito significativo também. Mas eu quero falar sobre o bolo. O bolo gelado de coco. Aquele que a gente embrulha em pedaços de papel alumínio. Eu peguei a receita do livro “Minha mãe fazia”, da Ana Holanda, um livro de receitas delicioso de ler, com uma relação afetiva com a comida, o cozinhar. Normalmente eu pego a receita em um site bem rápido na internet, mas eu tinha certeza de que nesse livro teria esse bolo com sabor de infância, porque ele é mergulhado numa calda de memórias, de festas, de aniversários, casamentos, confraternizações na escola.

A primeira vez que me atrevi a fazer esse bolo, digo que me atrevi porque cozinhar é um desafio para mim, não é meu forte, mas de uns tempos para cá parece que tem funcionado... às vezes. Deve ser porque cozinhar precisa de paciência, tempo para que os ingredientes ganhem sabor, textura... bem, mas a primeira vez, foi para o aniversário do Alessandro. Não teve festa, foi só o bolo mesmo. Ficou delicioso. Eu fiquei até surpresa. Ele amou, lembrou do bolo que a mãe dele fazia, fiquei feliz que ele tenha gostado a ponto de o sabor tocar seu coração.



Figura 82 - **Um dia especial.** Fotografia da autora, 2021.

Fonte: autora (2021)

A segunda vez que fiz foi para o aniversário do meu pai, quando ele fez 67 anos e quis comemorar aqui no ateliê, na minha casa. Dessa vez eu não o enrolei no alumínio, como pedia a receita. Fiz numa forma redonda, desinformei, furei bastante com o garfo, joguei a calda por cima e depois cobri com coco ralado. Deixei gelando e pedi que o Alessandro trouxesse algumas flores do campo. Ele trouxe astromélias. O restante da calda do bolo fizemos geladinho. Minha família adorou, era o tipo de bolo que eles gostavam, massa

comum, com coco. Meu pai ficou muito emocionado. Quem diria, a filha mais desajeitada nos cuidados do lar, capaz de fazer um bolo tão gostoso. Foi o último aniversário dele. Foi puramente por vontade de fazer algo especial, fazer o melhor que eu podia, com as minhas

mãos. Eu não queria comprar um bolo. Queria dar o melhor de mim fazendo aquela alquimia dar certo. “O artífice representa uma categoria mais abrangente que a do artesão; ele simboliza, em cada um de nós, o desejo de realizar bem um trabalho, concretamente pelo prazer da coisa benfeita”. (Sennett, 2009, p. 164)

A terceira vez foi para o aniversário da Neide. A Neide é minha mãe e irmã de coração. Acho que ela foi a pessoa com um amor mais próximo de mãe que eu senti quando saí da casa dos meus pais. Então era muito especial que eu fizesse aquele bolo para ela. Dessa vez segui o tradicional, embrulhado no papel alumínio.

Então aparentemente eu faço esse bolo em ocasiões especiais, como um aniversário. Porque apesar de ser uma receita simples (nada mirabolante, que vá ocupar o seu dia inteiro, exigir ajudantes...), o preparo dele conta com certa antecedência, o cuidado no fazer, a espera, o tempo, é que vão fazer com que esse bolo seja gostoso. Não dá para decidir de repente, que no café da tarde vamos comer bolo gelado como fazemos com um bolo de fubá. E pude observar o cuidado com que o fiz hoje. Recortar o papel alumínio, cortar o bolo em quadradinhos, mergulhá-lo na calda e deixar a calda entrar na superfície aerada da massa, colocá-lo no papel alumínio com cuidado, e embrulhar. O som do papel alumínio, a mão a moldar as bordas para o pedaço ficar bem fechado. Fiquei pensando se não era melhor, mais fácil comprar um pronto, de alguém profissional. De fato, seria mais fácil, mas não carregaria a importância daquele momento. O momento em que nos demoramos em algo para que ele fique bom, para que ele fique bom para você e para o outro. Enquanto me ocupava nessa magia de transformar os ingredientes em alimento, pensava na lista que os alunos fizeram para combinar o que cada um levaria. Percebi que para além da importância de visitar o espaço, estava o compartilhar dos alimentos juntos, alimentos que eles escolheram preparar para levar. Celebrar a vida com o alimento. Isso me comove, me move a fazer um bolo, mesmo que não seja a minha especialidade, mas é o melhor que posso fazer. E ver que um ateliê não se faz só de pintura... se faz com panela, colher de pau, tigela, papel alumínio.

4.2.4 Mês de maio

"Quando chega o mês de maio o vento faz mudança e faz me inspirar..."

Esse é o início de uma toada de mestre Humberto de Maracanã. A sabedoria de um homem da vida rural, da vida em comunidade, de alguém que olha o seu batalhão e entende a

necessidade, as limitações e o talento do seu povo. Sempre aprendo com os mestres. Todos eles, da academia e da vida. Mas os da vida, nos dão um caminho muito livre na aprendizagem. Parece de início, que não se pode questionar, que são verdades cristalizadas. Mas depois de um tempo a gente entende. Como se eles falassem por metáforas, vão dando pistas, e quanto mais amadurecemos, mais desvendamos as pistas. Faz todo sentido, com o espírito brincador que tem um mestre da cultura popular, que ele não dê o conhecimento pronto e dissertado, temos que descobrir com o tempo, com a percepção das sutilezas. Temos que teimar e errar por muitos anos seguidos até entender.

O mês de maio no Maracanã, é quando começam os ensaios do Boi. É quando os cantadores compõem novas toadas para brincar. Eles escolhem esse mês porque é o mês da mãe. No mês de maio o boi renasce para começar a brincar, no mês de junho ele é batizado para sair e vadiar em outros terreiros, no mês de agosto ele morre, e o ciclo se completa. Agosto, o mês da morte, é o mês do pai. Fico pensando como isso está relacionado com muitas coisas, sobretudo quando o povo observa e se orienta pelos ciclos da própria natureza.

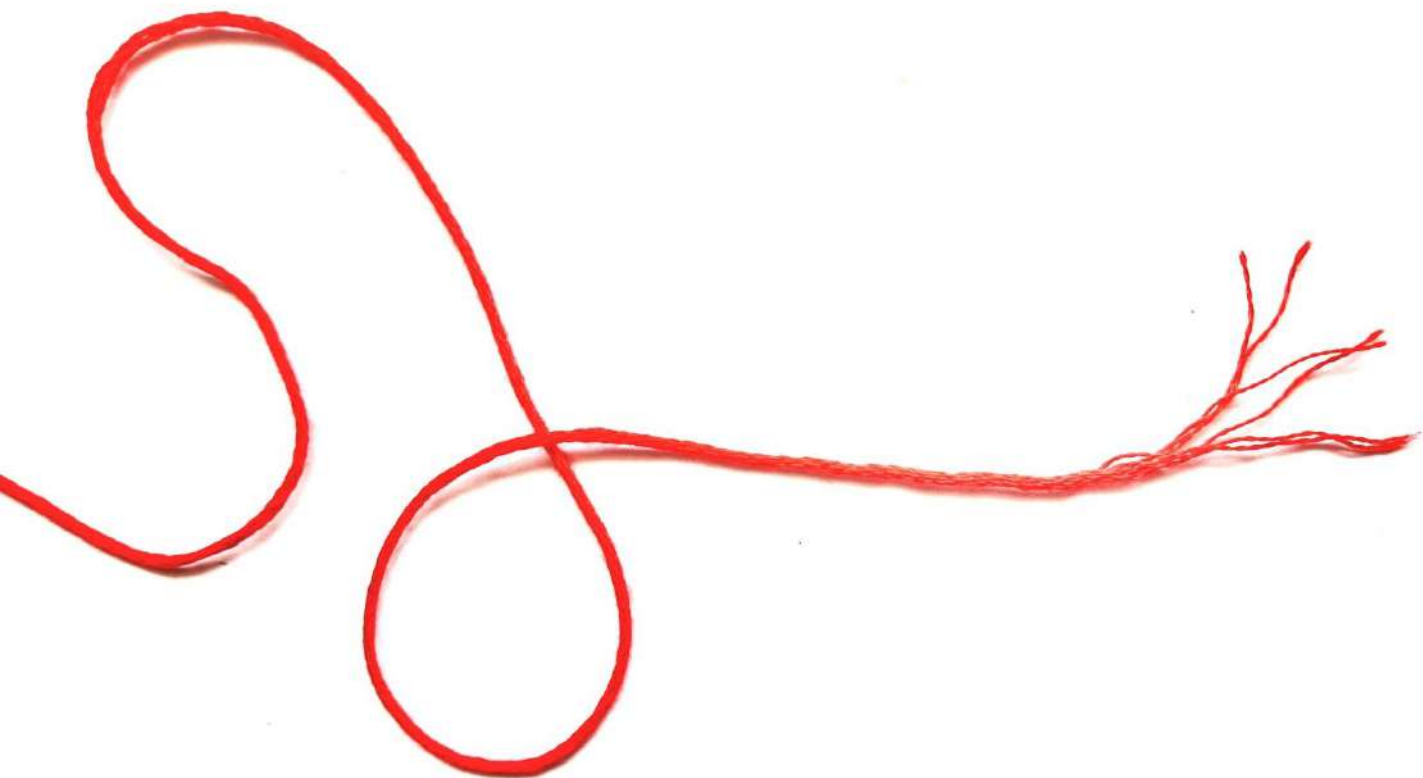


Figura 83 - **Cor de acolher**. Colagem de fotografias do outono feitas pela autora, 2024.
Fonte: autora (2024)

Esse ano comecei a perceber que o mês de abril é um mês muito tenso para mim. É um mês que percebo não estar dando conta dos projetos que fiz, uma angústia do tempo passando e das coisas não se concretizando, o cansaço que toma conta. Enfim, hoje percebo que é um mês de reavaliação. Mas também é outono, onde temos um sol laranja e quente. Uma época de amadurecimento, dos frutos, da terra, de recolhimento para algumas plantas. E reparando bem, essa época entre maio e junho é um tempo acolhedor. De celebrar a colheita, os frutos, o alimento cultivado com cuidado e que a natureza nos dá. Tempo de se reunir em volta da fogueira, com música, dança, conversa, estrelas...

Sempre gostei do outono porque tem um vento gelado, mas ameno, que chega no fim da tarde, ou que apanhamos no início da manhã. Depois descobri que o outono tem uma luminosidade laranja que tingem tudo que toca e torna os ambientes acolhedores, bucólicos... agora percebo também que esse tempo de outono tem a cor de laranja em muitas outras coisas, na fogueira, no açafrão da terra, no limão cravo, nas abóboras, nas laranjas, nos cosmos do quintal. E talvez isso ajude a aquecer e aquecer nosso ser para o inverno que se aproxima. Nos convida a olhar com mais generosidade os nossos feitos, ainda que incompletos, mas feitos.

Não sei se é isso que o vento de maio anuncia no Maranhão que o mestre Humberto cantou, mas de qualquer forma, olhar para a natureza com demora, sem pressa, como um caracol que está constantemente indo a algum lugar, nos ajuda a olhar para dentro também.



4.3 Além da Sala de Aula

4.3.1 Aula de piano com Rafaela

A Rafaela é minha aluna de piano particular há alguns anos. É uma menina muito doce e criativa. Ao passo que ela cresce eu acompanho seu desenvolvimento no piano e nas ideias, pois ela traz muito mais do que o estudo da semana anterior. Me traz histórias, pinturas, bonecos de massinha, inquietações, colagens, tudo nessa mistura mesmo. E esses dias estávamos falando sobre intervalo em música, que é uma distância entre dois sons em relação à frequência sonora, porém ela estava associando ao intervalo de tempo, como o intervalo que temos na escola e pronto! Entramos no assunto da escola. Conversamos sobre como é bom o intervalo na escola e ela me veio com a seguinte afirmação:

- Acho que a gente devia ter aula só do lado de fora da escola.
- E quando chovesse? Eu perguntei.
- A escola é coberta!
- E quando chegar o frio?
- Usamos cobertas!
- Ou podemos fazer uma fogueira! Completei.

Não é só para Rafaela esse tormento de estar sempre na sala de aula. Eu percebo, ao longo dos anos, muitos estudantes que querem estar lá fora. Claro, que há nessa vontade, um pouco de fuga das atividades diárias, mas há também o respiro, o movimento, a ampliação dos olhares, dos encontros. E mesmo o tempo livre das atividades? O ócio? Dentro da escola, não é também um aprendizado? Só caminhar e observar.

Voltamos do intervalo no tempo ao intervalo musical, e Rafaela entendeu a distância entre dois sons no piano.

4.3.2 Piquenique

Pensando na fala da Rafaela lembrei de um delicioso piquenique que fizemos na semana da criança com os alunos em 2014. Nessa época eu lecionava nos sétimos anos, e a proposta de uma das professoras para a semana das crianças, foi um passeio a pé até a quadra coberta, (que era um espaço comunitário da cidade, onde as pessoas se reuniam para brincar, praticar esportes etc.) fazer um piquenique quando chegássemos lá e passar a tarde brincando. Sobre o passeio a pé Zavalloni (2020), ressalta com convicção a oportunidade de os estudantes se conhecerem

melhor e aprenderem a respeitar os diferentes ritmos de cada um. Descobrir um mundo novo nos imprevistos da jornada.

Esse dia foi tão memorável, que estabeleceu um vínculo entre várias pessoas, professores e alunos, entre turmas diferentes. Os alunos levaram lençóis para forrar o chão e dividimos em roda nosso alimento, num gesto importante de cumplicidade, companheirismo, generosidade, sob um dia quente e ensolarado de outubro. Brincamos de descer um morrinho de grama correndo, escorregando, rolando, deitamo-nos no chão e ficamos olhando o céu, as nuvens, conversando, sonhando. Neste dia, felizmente, eu levei a câmera fotográfica e pude guardar esses sorrisos. Voltamos no final da tarde, cansados e felizes. As relações estabelecidas, o contato com a natureza, as brincadeiras, o cuidado ao caminhar, observar ao redor, são aprendizados impossíveis de se realizarem na sala de aula e que fizeram toda a diferença no ano letivo dessas turmas.

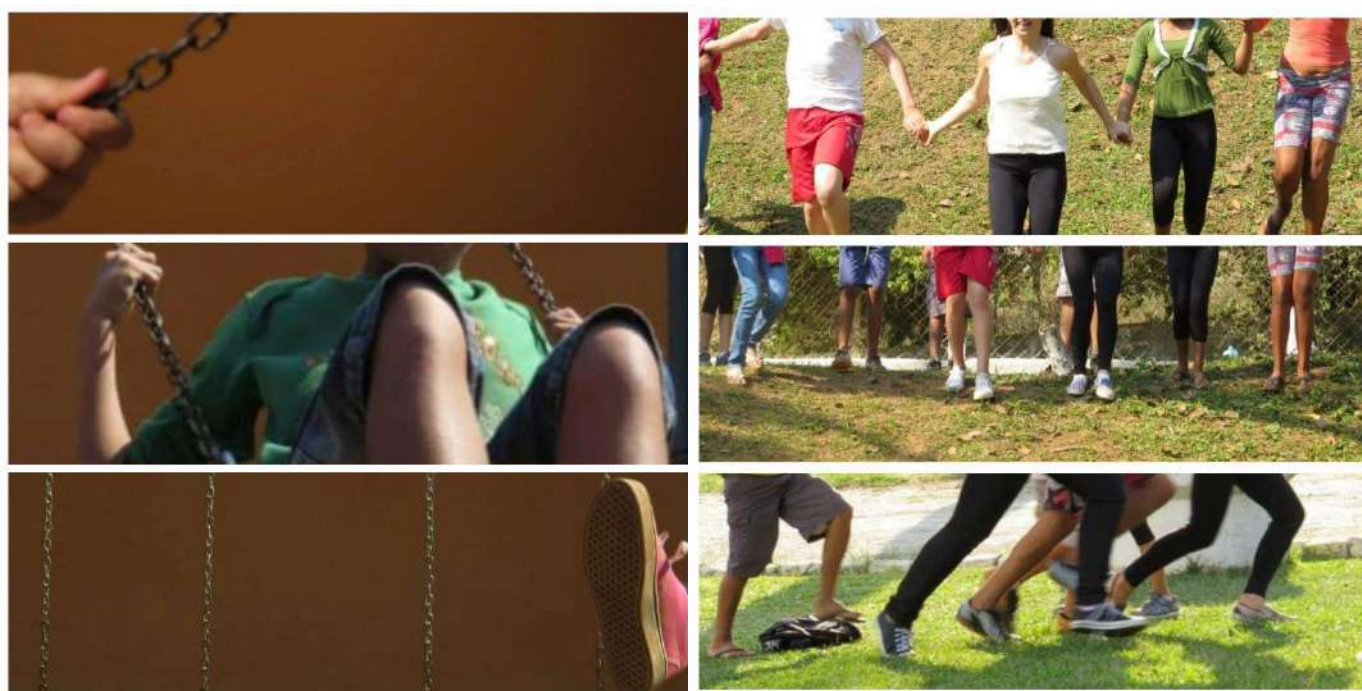


Figura 84 - **Dia de Brincar**. Colagem de fotografias feitas pela autora, 2024.
Fonte: autora (2023)

4.3.3 Cortejo de Carnaval



Figura 85 - **O carnaval tem seus direitos.** Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

O carnaval de 2023, pós pandemia, despertou muitas reflexões. Eu estava ansiosa, preparando fantasias, pensando o que fazer em cada dia, além de ensaiar o “Bloco do Baralho” com o Jabutিকাqui⁸. Esse ano decidimos sair pelas ruas da Vila Natal, onde fica atualmente nossa sede, levar a brincadeira para a rua, como fizemos no ano anterior com o boi. Saímos na quinta à noite, que antecedia o final de semana do carnaval. Éramos doze pessoas, com fantasias, improvisadas, estandarte, cartas de baralho espalhadas pela roupa, confete, cantando, tocando tambor, ganzá, cavaquinho... As pessoas abrindo as janelas para olhar, os portões... cachorros latiam, enlouquecidos com o barulho. Fomos em cortejo pelo bairro, as pessoas filmavam, paravam para ver, algumas maravilhadas, outras descontentes. Mas fazíamos a folia voltar às ruas... Na verdade eu nem sei se já houve algum carnaval nesse bairro. Tem escolas de samba próximo ao local, bloco de rua... não sei. Paramos na frente da casa da dona Lucia,

⁸ Jabutিকাqui é um grupo de apreciadores, pesquisadores e brincantes de cultura popular brasileira, fundado em 2006, na cidade de Mogi das Cruzes – SP.

uma maranhense que conhecemos no ano anterior, por conta do nosso primeiro cortejo com o boi. A casa dela dava de frente a uma rua sem saída, bem tranquila, e ali nós brincamos por quase uma hora. Eu cantava enquanto os fofões saíam para chamar as pessoas com um mamulengo na mão, imagino o quanto aquele momento era surreal para as pessoas da Vila Natal. Aquilo não era samba, nem axé, nem funk, era o quê? Até que uma criança muito pequena apareceu na esquina, vestida de super-homem, os pais logo atrás. Não quis entrar para a brincadeira, mas ficou ali olhando. Fiquei imaginando o que ela estaria pensando, será que era o seu primeiro carnaval? Concluo com minha vivência de brincante e imaginação voadora, que ela se fantasiou para ir ver o carnaval, numa surpresa e uma urgência de que o carnaval acontece na rua da casa dela e não só na televisão.



Figura 86 - **Bloco do Baralho**. Aquarela feita pela autora, 2023.

Fonte: autora (2023).

Continuamos em cortejo, as pessoas sorrindo das sacadas, dos portões, meio sem entender quem era aquele bando, dona Lucia, filha, neto e cachorro seguiram juntos. Fomos até o cantinho da dona Clara, um bar, e lá as pessoas nos recebiam encantadas e boquiabertas, na Tv passava futebol, a banda que tocava no local parou para festejar. Cantamos, dançamos e brindamos a alegria de viver. O carnaval é do povo, é da rua. E se não ocuparmos esse lugar, a cultura, a infância e a arte vão perder o seu espaço. Reclamamos da violência, da frieza, da injustiça... Reclamamos da falta de sensibilidade, da falta de opções para acessar a arte... Então vamos para as ruas, reclamar com canto, com cores, com bailados pelo asfalto. A construção

da compreensão que a criança e o jovem têm da cultura e da educação depende do imaginário que formamos nesses momentos simples e tradicionais, que aos poucos foram roubados pela ilusão do capitalismo.

Nos dias que se seguiram, continuamos a sair para pular carnaval. E as imagens de carnaval são tão belas e inusitadas, pessoas na rua, no trem, no supermercado, fantasiadas. Corpo e pele a mostra sem muita preocupação com os padrões de beleza. Confete e purpurina aparecem dentro da sola do sapato, na orelha, no cabelo e não sabemos de onde vieram. Longe de achar que só tem coisa boa no carnaval, sabemos que há uma face obscura de miséria e violência humana. Mas é inegável que existe uma urgência em viver. Seja para sair às ruas, para descansar em casa, desligar do trabalho, viajar, se relacionar com outras pessoas, assistir na televisão...

Aliás eu cresci com a imagem dos desfiles de escola de samba que passavam na televisão. Só fui sair para pular carnaval quando já era adulta. Mas eu fui aprendendo aos poucos com minha família a prestar atenção no samba-enredo, na comissão de frente, nas fantasias, meu coração pulsava junto com a bateria e eu achava isso uma experiência única. Aprendi sobre história vendo escola de samba, vai ver é por isso que se chama escola, porque é um lugar e tempo do aprender, e talvez seja por isso também que tenha conquistado meu coração desde pequena, porque é um aprender com arte. Tínhamos nossas predileções como os times de futebol: em São Paulo, a Nenê de Vila Matilde, a Gaviões, no Rio, a Mangueira. Lembro de



Figura 87 – **As janelas se abrem para o carnaval**. Aquarela da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

passar madrugadas acordada com minha irmã esperando a verde e rosa desfilar. Hoje percebo que eu já estava comemorando o carnaval. E que realmente existem muitas maneiras.

Meu último dia de carnaval foi na Vila Santa Inês, Zona Leste de São Paulo. Um dia memorável numa comunidade muito simples. Entre ladeiras e ruas estreitas, as janelas se abriam, os sorrisos apareciam ao som do afoxé, da capoeira, do samba reggae. As pessoas vivendo em comunidade, cuidando das crianças e dos idosos. Os cabelos crespos em penteados bonitos, potentes, mostrando resistência, o canto ecoando pelas ruas com o som dos tambores. Num momento olhei para cima e uma mulher assistia pela janela, atrás dela, um lustre muito chique, contrastando com a imagem de um lugar tão simples. Me lembrei da casa da irmã Lourdes, que tinha um lustre parecido. Também numa casa muito simples, mas ela escolhera uma peça para ornamentar a casa. Uma sensação boa me invadia, de que a arte existe nos lugares, em todos os lugares! De me identificar com aquele lugar, de me sentir acolhida, segura. Passamos por um período tão duro e insensível, mas as janelas se abrem novamente. Existem as frestas.

4.3.4 O sucateiro



Figura 88 - **Caminho de casa.** Fotografia da autora, 2023. Fonte: autora (2023)

Voltei a pé da prática de yoga. No percurso do Alto da Boa Vista para Vila Natal, decidi fazer um caminho diferente. Queria passar por uma rua estreita e tranquila, com casas antigas e ervas daninhas crescendo pelos cantos. Subindo ofegante a ladeira, cheguei a esta rua pitoresca e dei de cara com um carrinho cheio de sucatas, onde um homem cantarolava “Olha o sucateiro passando na sua rua” ... Consegue imaginar, quando eu digo que ele estava cantarolando? Talvez não seja essa palavra, porque sua voz ressoava pela rua, ele estava cantando o seu ofício, não estava apenas gritando ou falando. Sua voz tinha um ritmo, uma melodia. Carregava além do carrinho de sucatas,

memórias, lembranças, uma nostalgia de quem vive na cidade, de quem nasceu no final do século XX, mas hoje anda apressado no século XXI. Dei bom dia, ele respondeu sorrindo e

seguir seu ofício alertando “panela velha, aparelho quebrado, não jogue fora, o sucateiro está passando” ... Não em lembro exatamente as palavras, mas era um alerta muito poético e simples de que consumimos, talvez mais do que precisamos. No carrinho lembro de ver uma tv antiga, de tubo, lembro da oficina do meu pai, lembro da poesia de Manoel de Barros, lembro da canção de João do Vale, que ouvi na voz da Ana e do Tião Carvalho, “*todo mundo canta a sua terra*” ... Fiquei com vontade de voltar e perguntar seu nome, fazer uma fotografia, fiquei com receio de ser invasiva, de deixá-lo constrangido e fotografei na memória. Ao longo do caminho fui observando as coisas e “catando” para guardar no meu carrinho de carregar poesia. Fiquei criando na imaginação, um passeio para levar os alunos para catar essas belezas da terra deles também. Inevitavelmente eu penso na responsabilidade que é estar com eles e proporcionar essas vivências, e principalmente na responsabilidade que é, sabendo e conhecendo tudo isso, omitir e apenas seguir o conteúdo da apostila, ver os dias escorrendo enquanto eles se mostram entediados na sala de aula, e animados fora dela.

4.3.5 Visita ao Casarão do Chá⁹

Tenho certeza de que sair do lugar comum, respirar ares novos, mudar, é uma boa maneira de aprender, porque ao nos deslocarmos, mudamos nosso ponto de vista, temos tempo para um respiro, o caminho ajuda a pensar.

Ao mesmo tempo tenho muito receio de planejar um passeio. Medo de dar algo errado, alguém se perder, se machucar, os contratempos... Corre-se um risco sim, mesmo assim acho que o risco vale a pena pela experiência, aprendizagem, o contato estabelecido pelas pessoas..., mas o medo de não dar certo é acompanhado por outros fatores. Na escola em que eu trabalho, não temos um programa que possa garantir transporte e alimentação para esses tipos de projeto, dessa forma sabemos que nem todos terão acesso. A menos que arquem com os custos, ou consigamos alguma parceria ou patrocínio. Esta escola atende uma diversidade de estudantes do 6º ano do fund. II a 3ª série do Ensino Médio, onde muitos trabalham e vivem da agricultura local.

⁹ Antiga fábrica de chá em Mogi das Cruzes, projetada e construída pelo arquiteto e carpinteiro Kazuo Hanaoka. Hoje é considerado Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e promove visitas culturais, cursos de cerâmica e eventos culturais.



Apesar dos anseios, os estudantes me surpreenderam com um gesto delicado: organizaram uma lista com o que iriam levar para lanchar. Eu havia combinado que poderíamos fazer um piquenique no espaço externo do Casarão. Digo que me surpreenderam porque acabou sendo uma das partes principais do passeio, e a iniciativa de organizar a lista partiu deles.

Chegamos ao Casarão às 8h30 em ponto, horário que havíamos combinado. Kaori nos guiou até a entrada do Casarão. A primeira impressão que um dos estudantes verbalizou: “Nossa professora, você disse que não era um espaço muito grande, qual é a sua concepção de muito grande então?”

Kaori apresentou o Casarão, falou sobre sua construção, história, arquitetura. Sobre as influências orientais e ocidentais na forma de construir. Sobre como as folhas do chá eram colhidas, secadas, enroladas, fermentadas e queimadas. Um processo que envolvia principalmente o fazer artesanal e o tempo. Não chegamos a conhecer de fato, o ateliê de cerâmica, que era meu

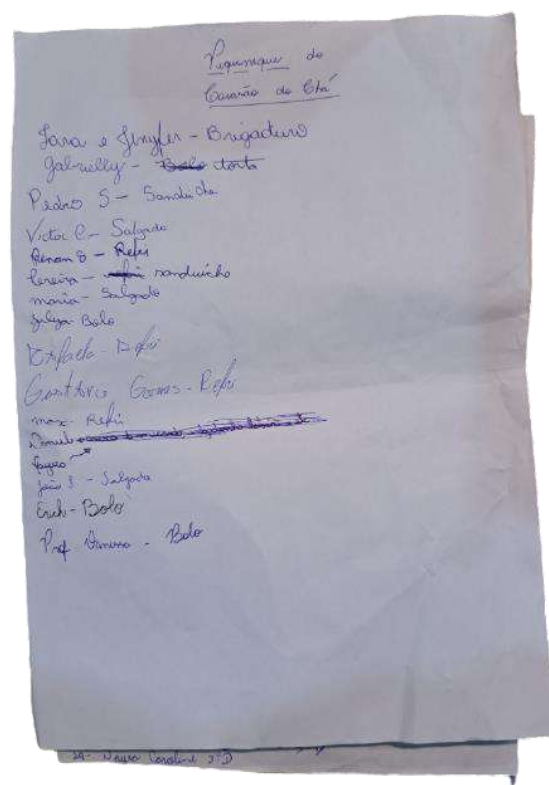
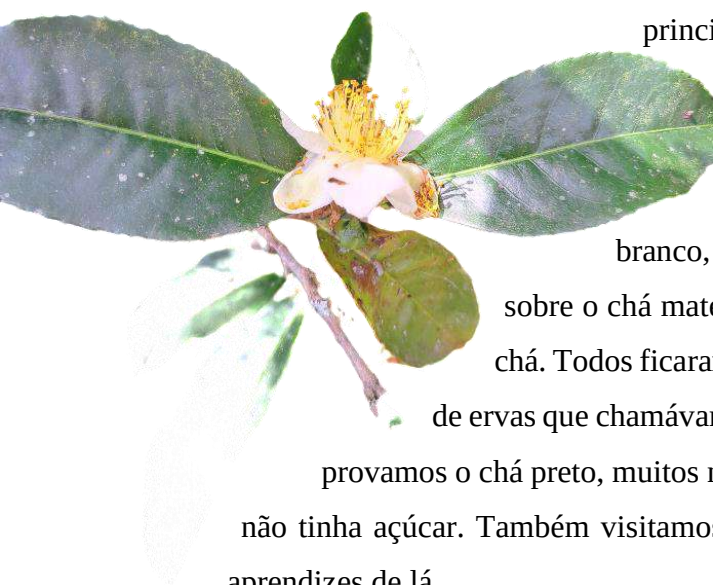
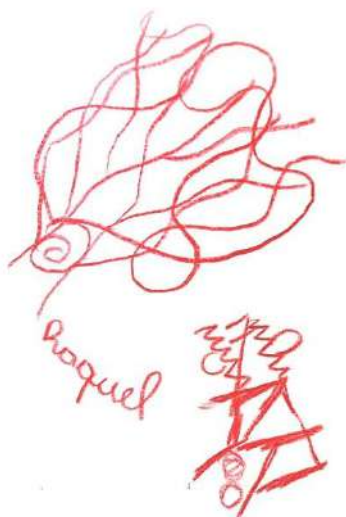


Figura 89 (acima) - **Bem-vindos!** Fotografia da autora, 2023. Fonte: autora (2023).
Figura 90 (ao lado) - **Lista para o piquenique.** Fotografia da autora, 2023. Fonte: autora (2023)



principal desejo, mas pudemos perceber que o lugar era impregnado de escolhas artísticas. Depois nos levou para conhecer a verdadeira planta do Chá – *Camellias sinensis*. Disse que para cada chá, preto, verde ou branco, eram colhidas partes específicas da planta. Perguntei sobre o chá mate, e para o nosso espanto ela respondeu que isso não era chá. Todos ficaram boquiabertos e começaram a perguntar sobre uma série de ervas que chamávamos de chá e descobrimos ser apenas uma infusão. Então, provamos o chá preto, muitos não gostaram do sabor, não por ser diferente, mas porque não tinha açúcar. Também visitamos nesse momento, a loja de cerâmicas dos ceramistas e aprendizes de lá.



Figuras 91 e 92 - **Sabor limão**. Desenhos dos alunos a partir da experiência proposta, 2023.
Fonte: Estudantes do 3º C e 3º D

Terminada a visita guiada, fomos para o momento mais esperado: o piquenique. Rapidamente eles organizaram as mesas, separando-se em duas turmas. Insisti que permanecessem juntos, porém respeitei que estivessem enturmados como achassem melhor. Antes de começarmos a comer fiz uma experiência com o limão, de Joseph Albers, que consistia em espremer um limão, beber o seu suco e registrar graficamente suas impressões. Surgiram desenhos e expressões muito interessantes. E alguns deles disseram que o limão era melhor que o chá amargo. Se eu tivesse pensado antes na possibilidade de tomarmos o chá e registrar essa experiência, caberia muito bem no conjunto de momentos vivenciados naquele dia.

Começamos a comer e conversar. Eu me dividia entre os dois grupos, e apesar de se separem, o espírito de compartilhamento acontecia. Eles convidaram Kaori para lanche com eles, fizeram uma marmita para o motorista, com um pouquinho de tudo que haviam levado e

trocaram alimentos entre os dois grupos. Um dos estudantes percebeu que na outra mesa havia poucos salgados, fizeram um pratinho e levaram para eles. Um gesto bonito de observar, estar atento ao outro, cooperar.

Ficamos um tempo livre para andar pelo espaço, fotografar, conversar, ir ao banheiro – outro lugar que eles apreciaram muito (risos) – disseram que era um lugar macabro. Fomos embora muito agradecidos, e no ônibus, pedi que cada um dissesse uma palavra sobre aquele dia. Chegamos na escola, pontualmente às 11h30, horário que o motorista precisaria ir embora para fazer o transporte de outras crianças. A experiência foi muito positiva, os alunos voltaram falando sobre outros lugares que podíamos ir: um parque, zoológico, a praia...

4.3.6 Olhares na escola

Separei um texto sobre intervenção artística urbana, fácil de se encontrar na internet¹⁰, fizemos uma leitura coletiva e depois discutimos um pouco sobre o que pensavam a respeito. Sobre o papel do artista em nos fazer olhar para o que não olhamos. E por que não olhamos? De onde olhamos? O que desvia nosso olhar de certos assuntos, temas? A correria, a

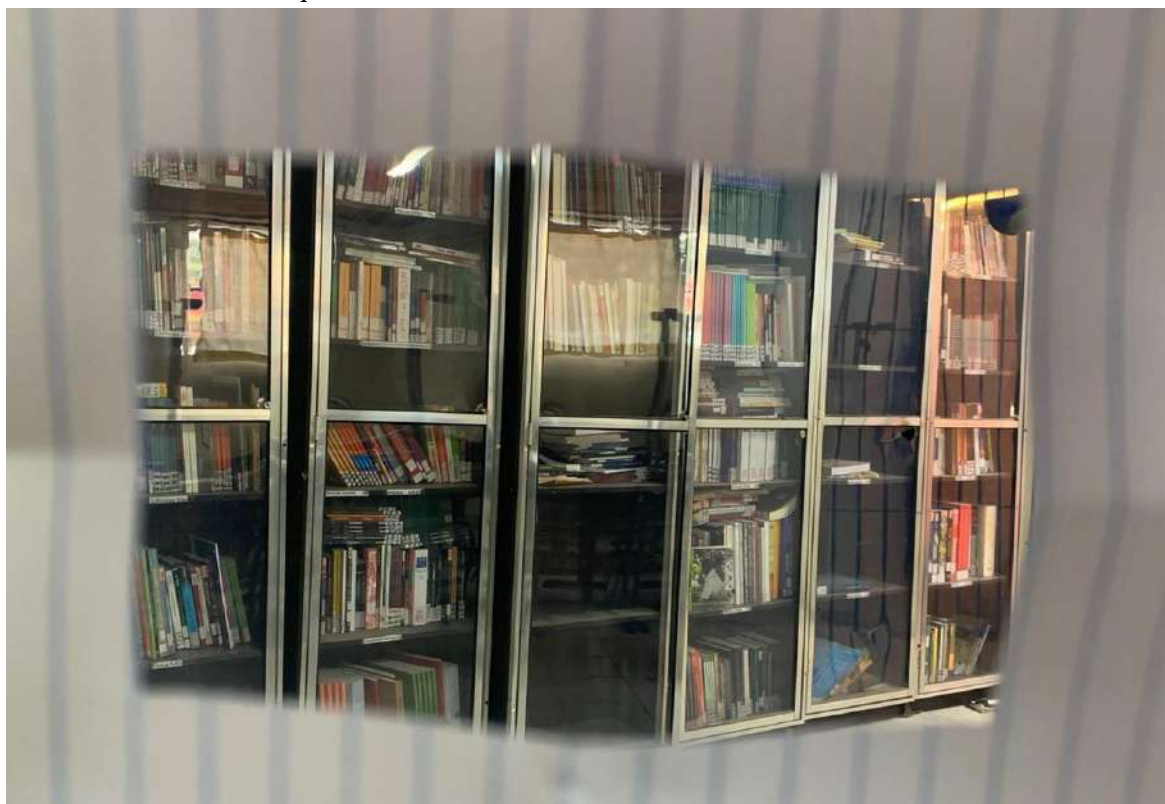


Figura 93 - **O que veem?** Fotografia de um aluno, 2023.
Fonte: Estudante do Ensino Médio

¹⁰ IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Intervenção artística urbana. História das Artes, 2023. Disponível em: <<https://www.historiadadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>>. Acesso em 10 May 2023.

simplicidade, a trivialidade, o medo? Como olhamos a escola? Para onde queremos direcionar nossa mirada?

Uma proposta muito simples, para dar movimento e incentivar um novo jeito de olhar: pegar uma folha de caderno dobrar ao meio, cortar um pequeno retângulo e transformá-lo numa janela. Procurar na simplicidade do cotidiano, belezas. Ressignificar o olhar pelo espaço da escola.



Figura 94 - **Lugar**. Colagem a partir dos recortes de olhar feito pelos alunos, 2024.
Fonte: autora 2024

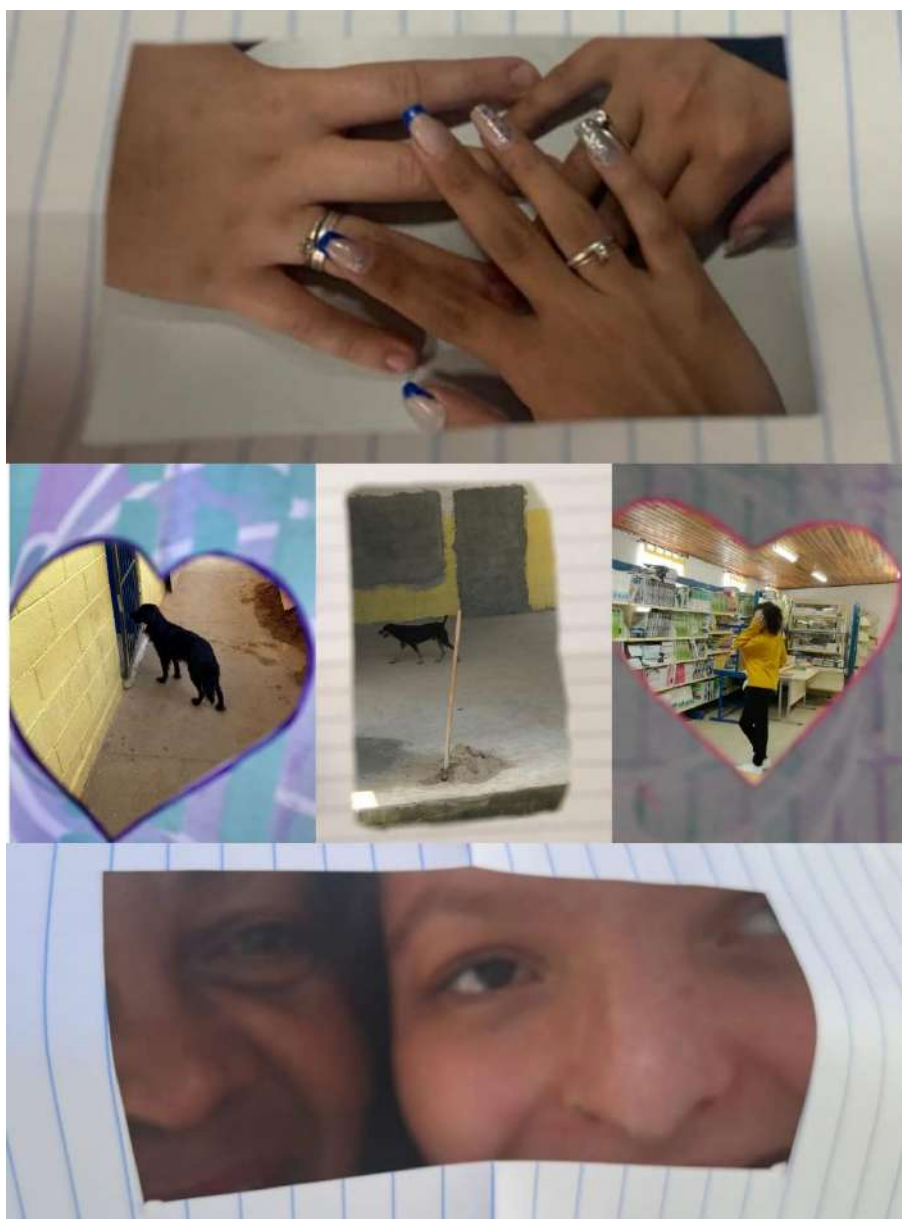
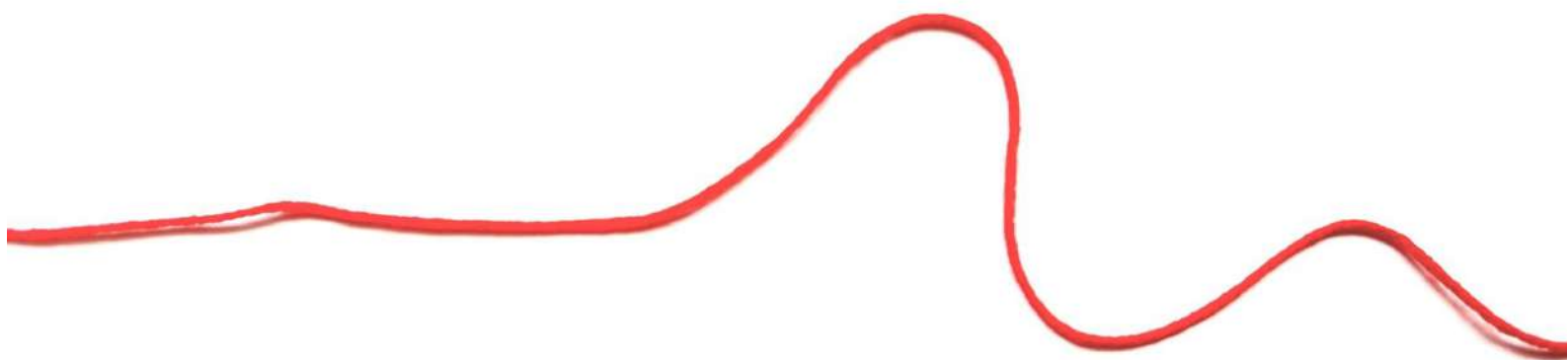


Figura 95 - **Afeto**. Colagem a partir dos recortes de olhar feito pelos alunos, 2024.
Fonte: autora 2024.



4.4 Materialidades

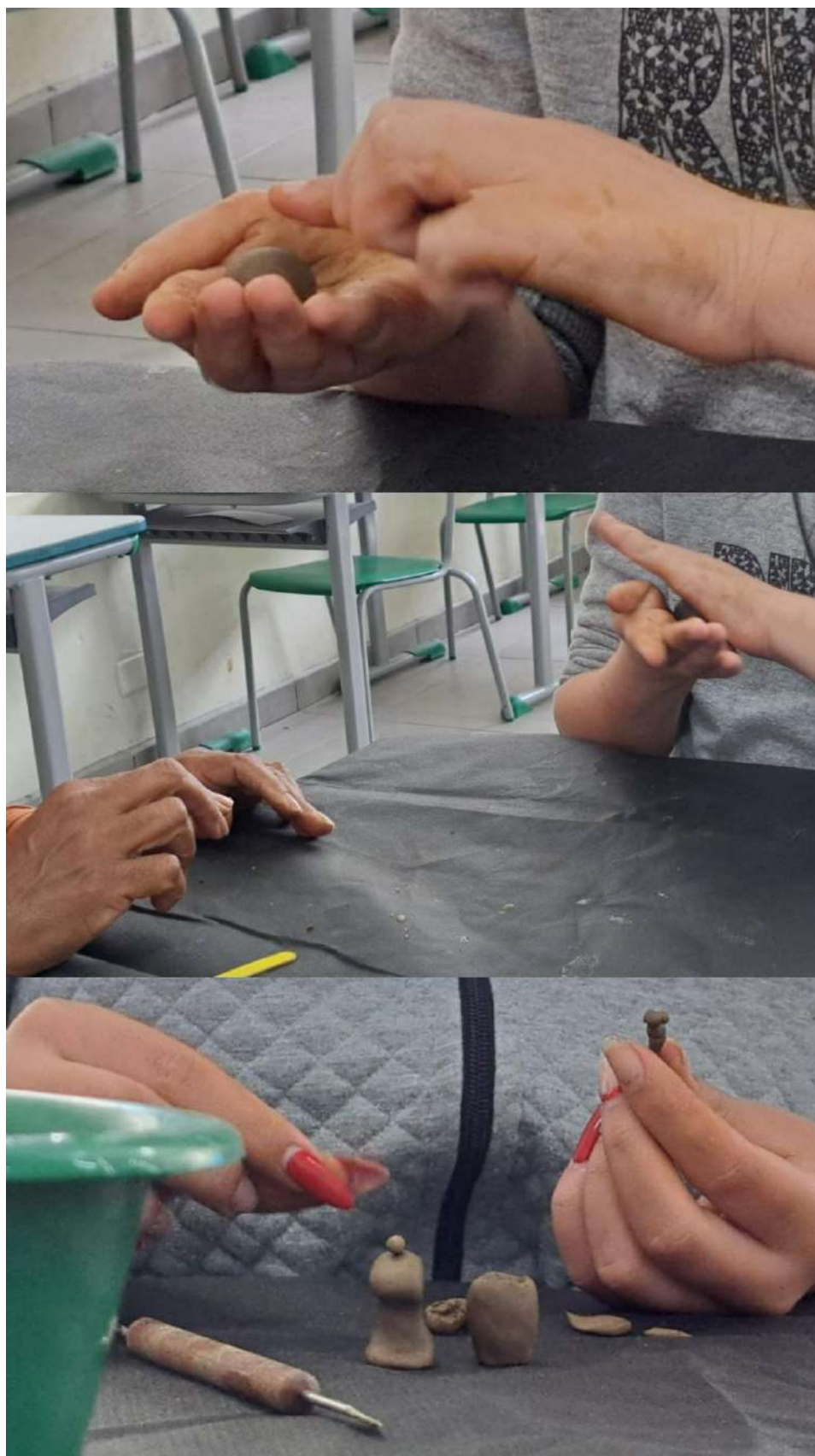


Figura 96 - **A expressão das mãos.** Colagem de fotografias feitas pela autora, 2024.
Fonte: autora 2024

4.4.1 Argila – Oxalá e a criação dos humanos

Como ponto de partida para essa aula contei aos estudantes o mito de criação dos seres humanos pelos orixás¹¹. O dia em que realizei essa aula, antecedia a reunião de conselho de classe, seguida de feriado nacional. Logo, muitos estudantes não compareceram. Juntando estudantes de turmas diferentes, reuni seis pessoas e um cachorro. Por que falar sobre o cachorro? Ao longo dos anos que leciono na escola, observo que os cachorros ressaltam grandes qualidades de nossos estudantes: a alegria, o cuidado, o trabalho coletivo, o brincar, o afeto. Os animais despertam o melhor dos alunos de forma espontânea. Também percebo que os cachorros se aproximam porque sentem um espaço de acolhimento, proteção e nutrição.



Figura 97 - **Aprender a cuidar**. Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora 2023

Tiago, que nunca participa de aula nenhuma, não realiza qualquer atividade, estava concentrado em transformar um pedaço de argila, fez uma esfera, um cubo, cortou partes, uniu, experimentou a sutileza da água alisando o barro. No final fez um rosto redondo, semelhante a uma bolacha. Kauany, trabalhou num rosto de formas bem geometrizadas, semelhante a esculturas antigas. Max retratou a si mesmo, num corpo longo e magro, foi o único a fazer um corpo inteiro. Larissa criou peças pequenas inspiradas no cinema: o ET, um vaso de flores e um regador. Maria Eduarda modelou bastante a argila, mas não fez nada além de uma esfera, estava preocupada em arranjar um dono para o cãozinho que apareceu em nossa aula. Geovane, um estudante de outra série, pediu para participar e em poucos minutos fez um tubarão. Patrícia, a professora, e Giovanna, uma estudante com deficiência, tentavam dominar as formas da argila. A aula acontecia com calma, a calma fez parte de repente, sem que fosse necessário pedir, olhos concentrados, tentativas de solucionar a peça surgiam de um para o outro. A aula durou mais que 45 minutos, foi possível por ser um dia atípico, de poucos estudantes. O que imperou na aula, mais do que a peça pronta foi a experimentação da matéria nas mãos e o uso das ferramentas.

¹¹ O conto utilizado na nesta aula é de Pierre Fatumbi Verger e encontra-se em: <https://paijoaquim.com.br/oxala-e-a-criacao-do-homem/>.

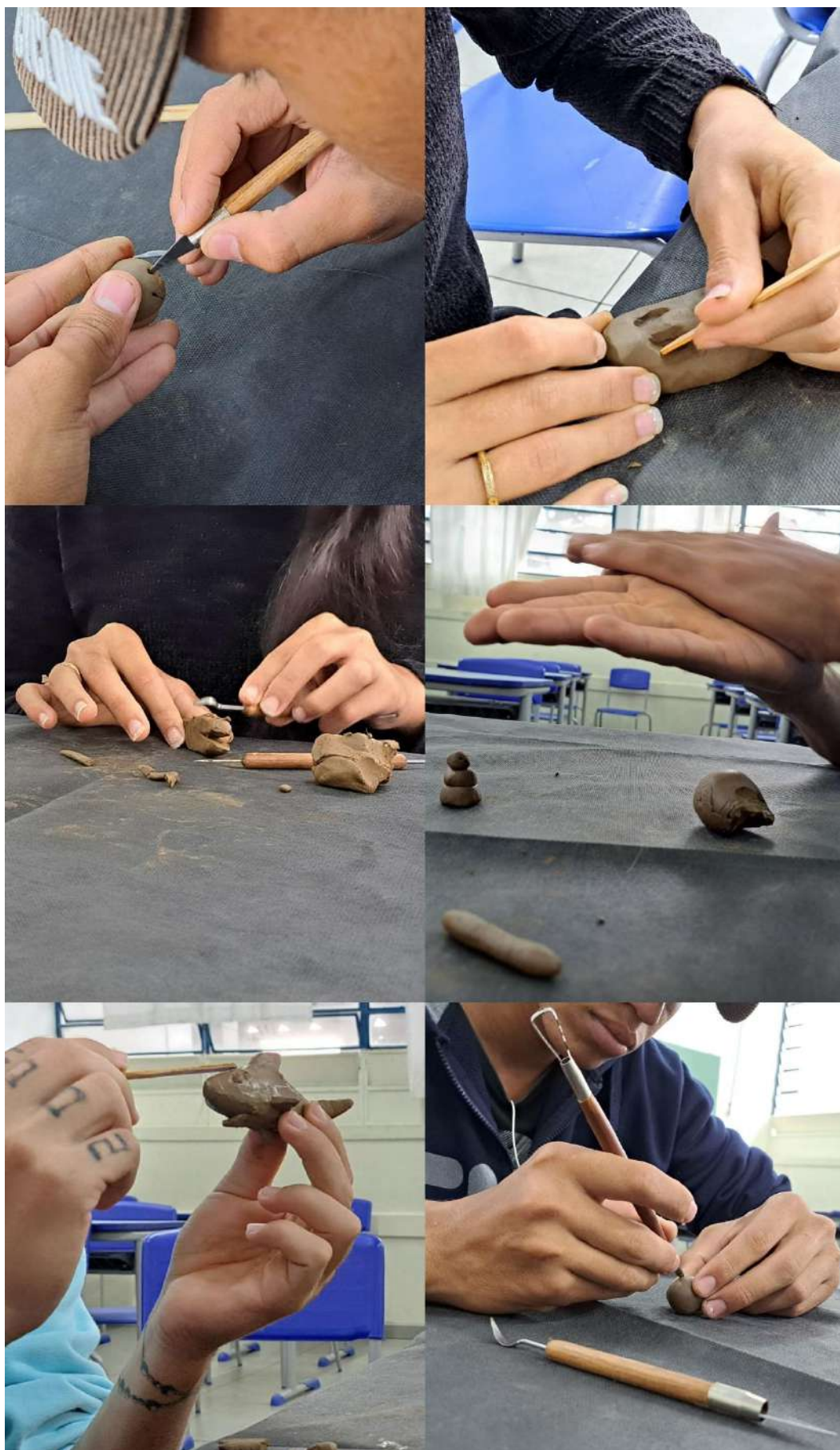


Figura 98 - **Gesto e calma**. Colagem de fotografias da autora, 2024.
Fonte: autora 2024

4.4.2 Espelhos, olhar para dentro e para fora.

- Se olhar.
- Achar o olhar do outro no espelho.
- Formar uma caixa de espelhos ao redor do rosto.
- Andar de ponta cabeça.
- Andar no teto.

O exercício propõe a multiplicidade de ver, de experimentar olhares, experimentar o espaço, socializar, observar a si mesmo, ver de formas diferentes, e por fim brincar, movimentar o corpo. Por um momento pareciam crianças, entramos no território sagrado do brincar por alguns instantes. Observar detalhes do rosto, detalhes de fora, e a vertiginosa sensação de caminhar pelo teto.



Figuras 99 e 100 - **Imersos nas possibilidades do espelho.** Fotografia e Colagem de fotografias da autora.
Fonte: autora 2024

4.4.3 Desenho da mão

No retorno dessa série de exercícios, pedi que pegassem uma folha em branco e um lápis e desenhassem, a partir da observação, a própria mão. Quando terminaram o desenho, pedi que desenhassem então, a outra mão. Como assim? Como desenhar com a mão que eu não escrevo? Aí está o intuito dessa experiência: perceber como a mão se movimenta no espaço, como a mão que já está habituada ao gesto de escrever e desenhar reproduz mais uma imagem da própria mente do que o que realmente veem, como a outra mão tem menos vícios, porém como se move com dificuldade no espaço do papel que é tão familiar a outra mão. Perceber como trabalham as mãos, que coreografia realizam ao percorrer com o lápis pelo espaço do papel e, mais uma vez exercitar o olhar sobre si mesmo, sobre como cada um tem linhas diferentes formando o desenho da mão, o tamanho dos dedos, as cores, o formato das unhas... Alguns não foram honestos consigo mesmos e desenharam com a mão mais habilidosa, outros também fizeram a silhueta da mão, circulando com o lápis a forma da mão, outros não aceitaram o traço trêmulo e tentaram corrigir com a borracha. Porém todos experimentaram a sutileza os limites da habilidade das próprias mãos.

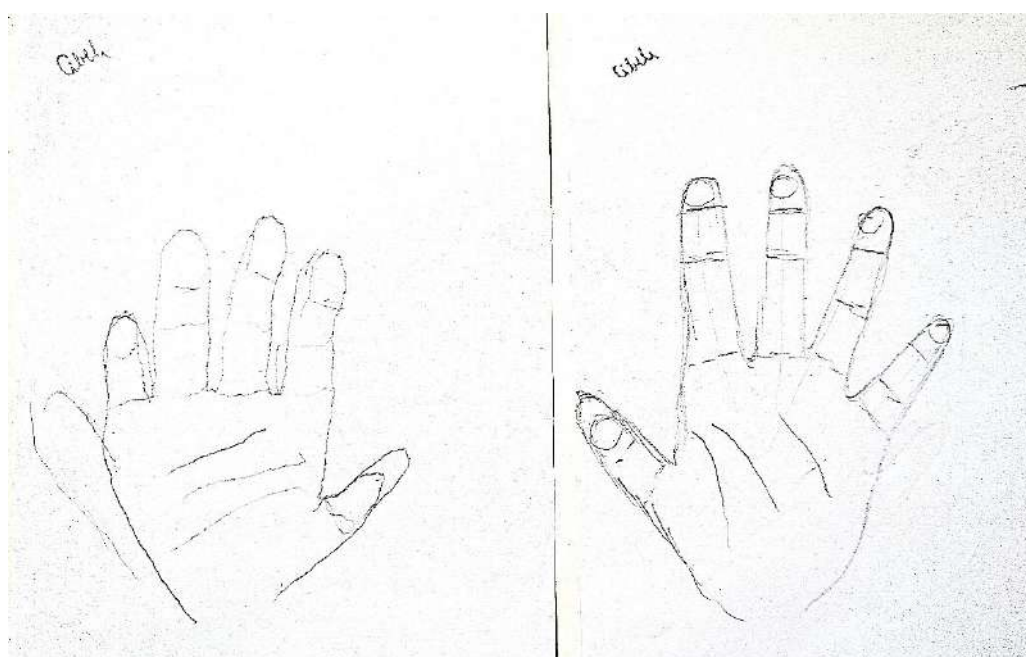
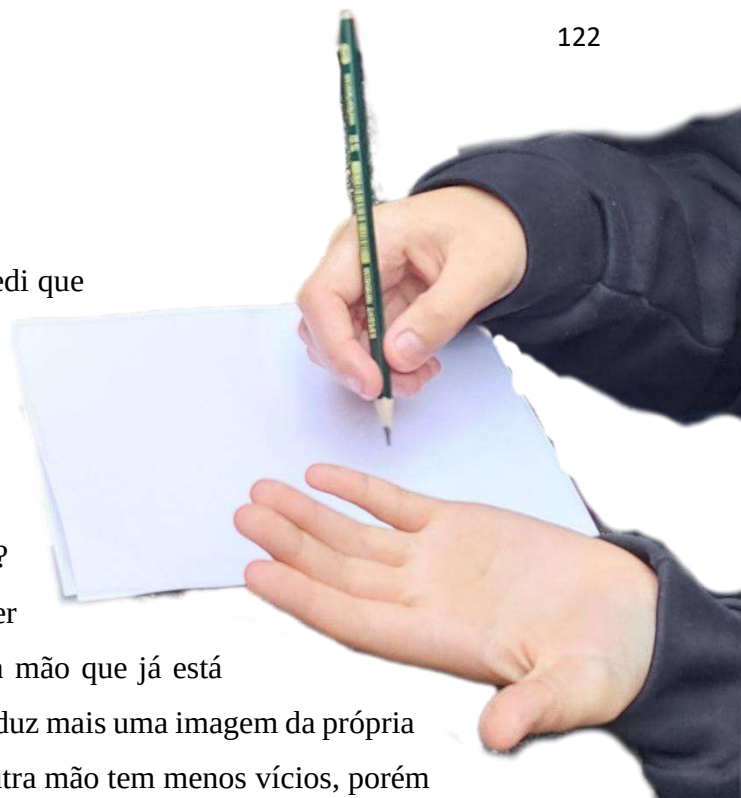


Figura 101 - **Mão esquerda e direita.** Desenhos da aluna Cibele, 2023.
Fonte: Cibele Santos (2023)

4.4.4 Desenho de objetos com lápis 6B



Pedi que escolhessem algum objeto pessoal para realizar três desenhos com lápis 6B. A princípio, pensei em usar o carvão, mas o lápis 6B era uma novidade para eles então resolvi explorar mais essa potencialidade. O primeiro exercício era um desenho de observação do objeto. O segundo, um desenho do objeto sem tirar o lápis do papel e o terceiro, um desenho de memória desse objeto. Fizemos os desenhos e depois observamos, questionamos alguns pontos: a escolha do objeto, o que isso representava, qual foi o melhor desenho entre os três, qual o mais fácil, o mais difícil, o mais interessante, qual ressaltava melhor as qualidades gráficas etc.



Figuras 102 e 103 - **Memória, observação e linha.** Registros dos estudos feitos pelos alunos, 2023. Fonte: autora (2023)

4.4.5 Carvão e finitude – Retratos

O ponto de partida deste ateliê foi a leitura de algumas obras: A série trágica de Flávio de Carvalho, trazia os desenhos em carvão da mãe do artista morrendo; a obra de Kentridge trazia animações

feitas com o desenho em carvão, questionava os limites éticos em como o artista retratava a realidade e a potencialidade de expressão dos objetos; e por fim, minha performance na peça “O Incrível Homem Pelo Averso”, tornava plateia e atores parte da narrativa contada pelos retratos em carvão. A partir da leitura seguiram-se alguns exercícios com

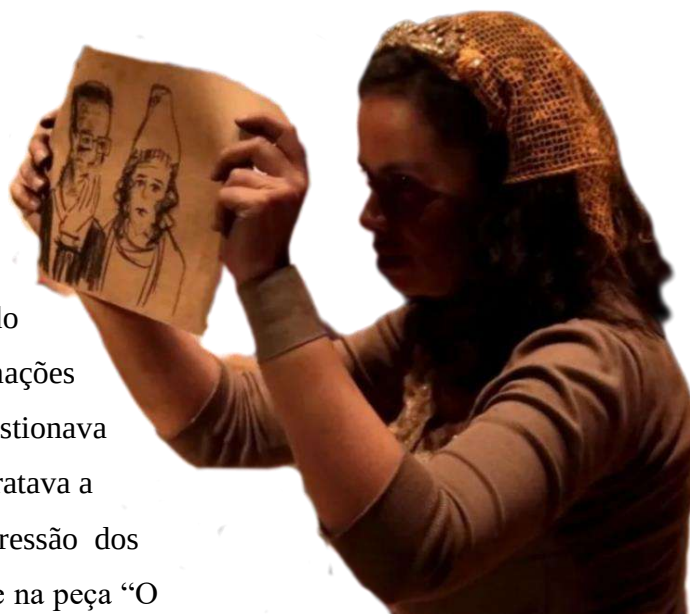


Figura 104 (à esquerda) - **Série Trágica.** Carvão sobre papel, Flávio de Carvalho, 1947. Fonte: Artigo de Verônica Stigger

Figura 105 (à direita) - **Joana Imaginária.** Fotografia de Claudio de Sena, 2018. Fonte: Claudio de Sena (2018)

carvão, papel, rostos e tempo. O carvão para desenho se mostrava um material potente e finito, delicado, urgente e efêmero.

Trabalhamos com os retratos de impulso numa sequência de 5 desenhos: desenho cego, desenho de 5 minutos, 3 minutos, 1 minuto e 30 segundos. Em pouco tempo a sala estava silenciosa, os estudantes se olhando, as mãos sujas de carvão e muitos desenhos espalhados por todos



Figura 106 - **William Kentridge em seu ateliê.** Fotografia de Stella Goldman, 2022.
Fonte: Arquitetura Viva.

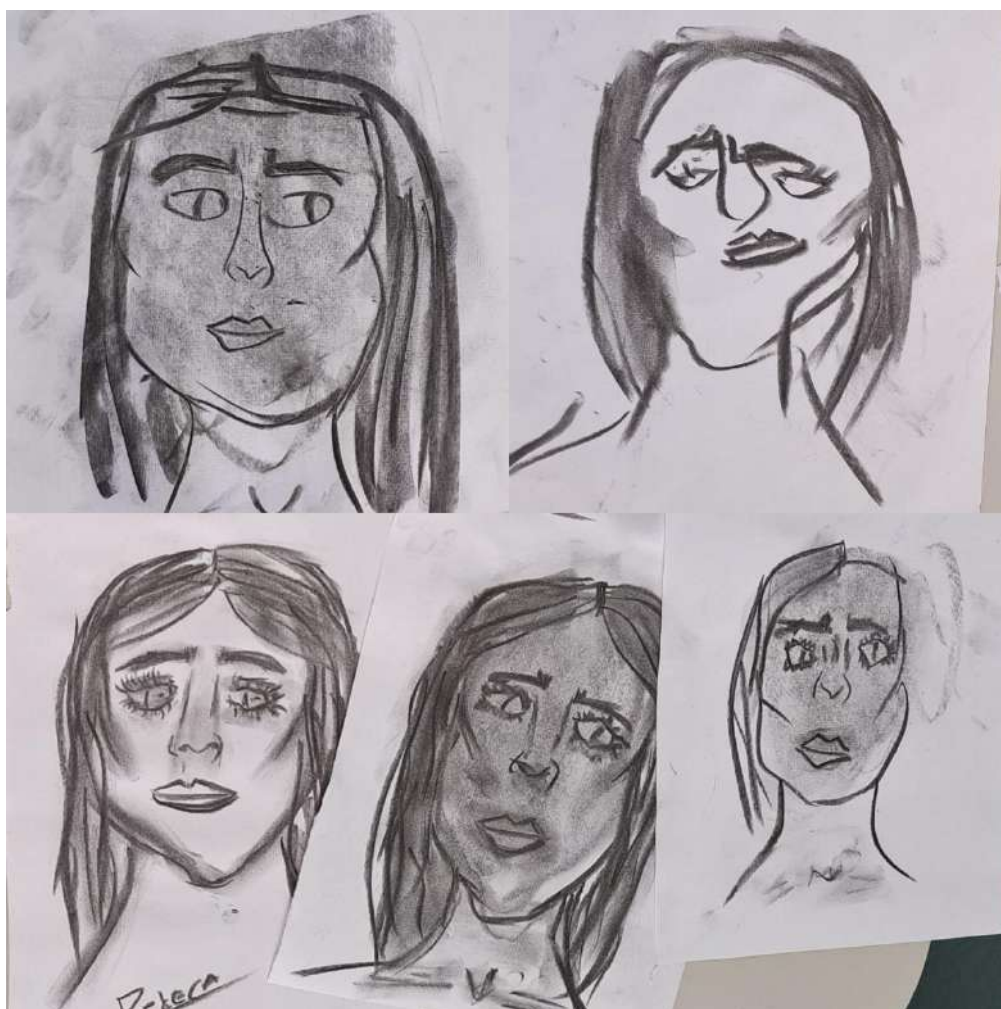
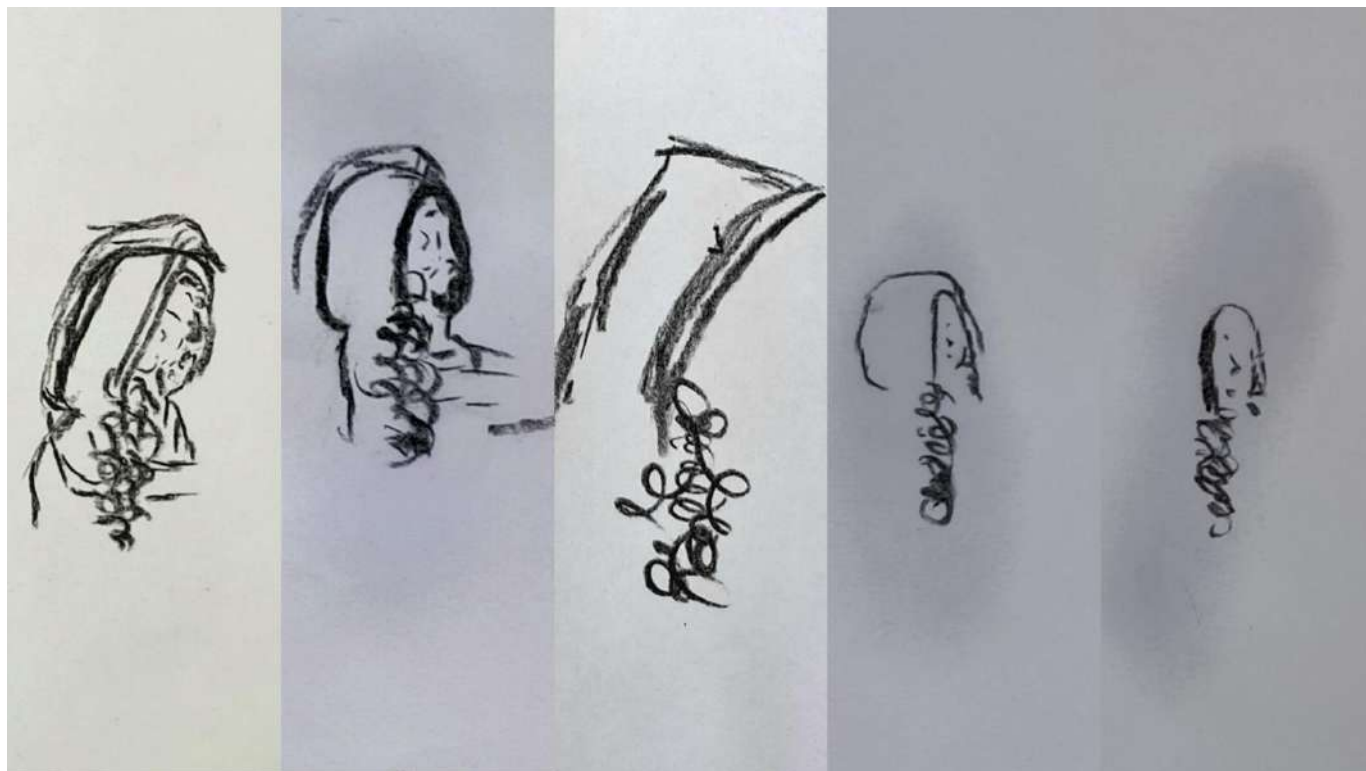
os cantos. Foi uma vivência muito rica, de descoberta sobre o próprio traço, sobre a expressividade do carvão, a troca e a cumplicidade entre os colegas que olhavam e se deixavam olhar.



No final da aula pedi que resumissem em uma palavra ou frase o que acharam do exercício, e uma pessoa disse com um sorriso: “Não foi nada maçante”. Esse comentário me fez pensar sobre como as aulas em nossa escola são desinteressantes, como precisamos de um vigor, do lampejo criativo que um ateliê oferece.

Lutamos contra a pressa, a aceleração de um momento que poderia ser vivido, mas é apenas passado. O carvão traz pressa, mas traz uma pressa e urgência do presente, de estar.





Figuras 107 e 108 - **Retratos de impulso.** Registros da evolução dos desenhos de impulso. 2023.
Fonte: autora (2023)

4.4.6 Carvão e expressão corporal – Intervenção na Escola ou Sujeira?

Apresentei como referência o trabalho de Heather Hansen, cheguei a reservar o papel kraft para forrar o chão, porém no momento, decidi não utilizar o papel, tanto pelo escasso tempo de aula, quanto pela entrega que esse tipo de trabalho iria exigir: deitar-se no chão, sujar a roupa, os estudantes não haviam sido preparados para essa proposição. Há também uma questão prática, onde eu deixaria esse papel? Há pouco espaço para expor, ou armazenar. Também pensei que além da potencialidade expressiva do carvão e do corpo, poderia explorar a interferência no espaço por onde todos passavam.

Era a primeira aula do dia. Tirei da bolsa uma lata quadrada do tamanho aproximado de um tijolo. Expliquei a proposta, e nos dirigimos para fora, os estudantes se animaram, a manhã era fria, porém havia sol, e eles adoram ir para fora da sala aproveitar o sol. Lá fora abri a lata e a coloquei no chão, os alunos viram que ela estava cheia de carvão para churrasco. Disse que

podiam explorar movimentos do corpo, riscando o chão com carvão, sem se preocuparem com as formas que saíam, ou com alguma figuração. Ninguém se moveu, eu já senti que a aula estava flopando, decidi pegar um carvão para começar, e antes que eu chegasse na lata, um aluno rapidamente pegou um carvão e começou a desenhar.



Figura 109 - **Basta um.** Colagem de fotografias da autora, 2024.

Fonte: autora (2024)

Ufa! pensei. Sem que eu precisasse dizer nada, outras colegas começaram a riscar o chão e como uma onda de contágio, em poucos minutos, a maioria estava riscando o chão com formas orgânicas, sinuosas, uma vez ou outra formava-se um símbolo como uma estrela, ou o desenho

de um nome. Mas se mantiveram em formas abstratas. No rosto deles, dava para perceber que experimentavam o prazer do som que saía do carvão ao riscar o chão, e da sua intensidade, do contraste do chão de cimento branco. Pessoas de outras salas olhavam curiosos, o que estava acontecendo naquele momento. De repente, com o chão já coberto de linhas, os alunos inventaram uma brincadeira: andar sem pisar nas linhas traçadas. A brincadeira se espalhou e estudantes de outras turmas começaram a brincar também.

Uma das estudantes comentou o quanto achou difícil colocar no chão o que pensava, mesmo sendo abstrato, o tamanho do suporte, o movimento do corpo, tudo isso também influencia na expressão artística. Várias pessoas paravam para o olhar os desenhos que surgiam no chão, professores, alunos, pedreiros e claro, cachorros, que sempre participam de toda roda realizada nas aulas de arte. Um dos alunos que passavam comentou “coitada da tia que vai ter que limpar essa sujeira!” E eu questionei “mas por que limpar? Por que não deixar o tempo apagar os desenhos?” Isso diz muito sobre o que a escola, como um todo, pensa sobre a arte.

Esse assunto se repetiu na aula seguinte. Quando mostrei o carvão eles falaram “Ih professora, as tias vão achar ruim... Deu o maior trabalho para elas limparem.” Eu pensava novamente: por que limpar? Por que não deixar que o tempo apagasse? Lembrei da obra de Alexandre Orion, apenas apagando a fuligem dos automóveis. Um trabalho longo, de muitos dias, que foi em seguida apagado com água a mando da prefeitura. Durante muito tempo deixaram as paredes encardidas sem se preocuparem em limpar, mas bastou uma intervenção artística no lugar para que limpassem imediatamente. Mesmo assim, os alunos se animaram em desenhar.



Figura 110 - **Criação coletiva.** Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

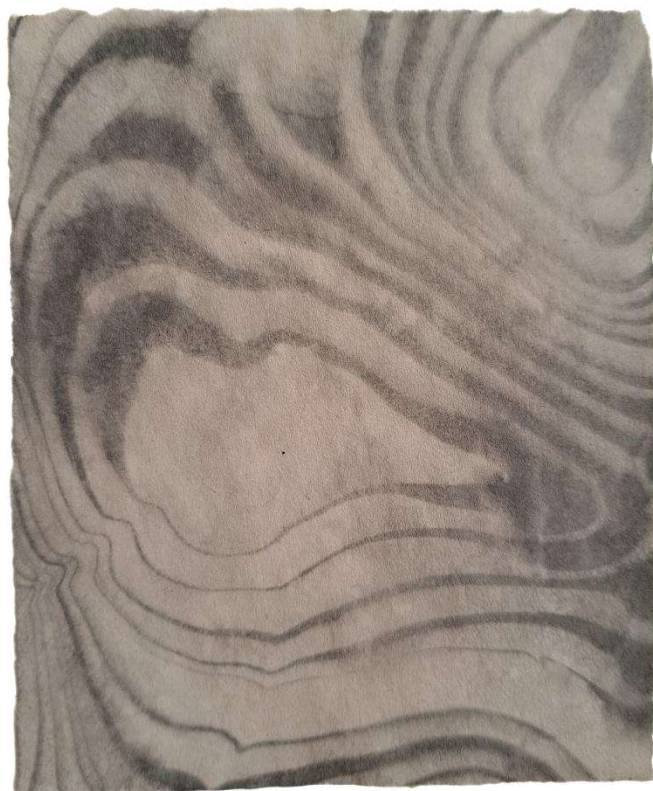


Figura 111 - **E virou brincadeira.** Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

4.4.7 Acasos e processos Criativos – Nanquim e Aguada



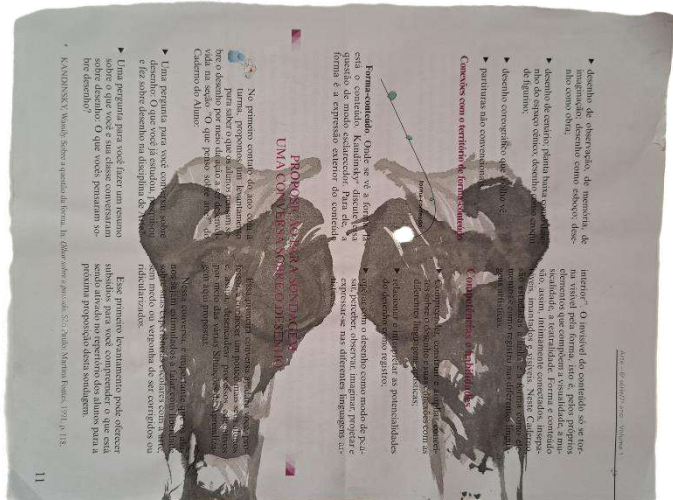
Os materiais deram à esta aula uma cara de laboratório: tinha conta-gotas, barbante, tubos com diferentes tons de nanquim, pincéis, papéis de vários tamanhos e texturas, escritos e lisos. Não havia imaginado essa aula como um laboratório, mas... era o ateliê de acasos, e por acaso virou um laboratório de processos criativos e acasos.



Aproveitei para levar uma outra técnica que é de marmorizar o papel com nanquim e detergente. Foi muito interessante, eles ficaram observando a mágica acontecer com a mistura dos componentes químicos, o efeito que dava no papel. Eles se organizaram no desenrolar da aula naturalmente, sozinhos, quem fazia o quê, quem pintava e quem observava, quem pegava água, papel... com autonomia para vivenciarem a experiência. Uma das meninas se destacou quando eles perceberam a necessidade da leveza para aplicar o nanquim e o detergente, que era a



pontinha do pincel que desenhava sobre a água as linhas do mármore.



Com o nanquim também exploramos o desenho simétrico com barbante. Como suporte levei algumas apostilas velhas e um livro antigo de química em francês com páginas amareladas pelo tempo, esse livro era da minha cunhada, ela o comprou usado na época em que fazia graduação em química. Estava perdido entre alguns objetos que seriam descartados. Levei sem muita fé que os estudantes gostariam, mas eles adoraram. As manchas de nanquim se complementaram às fotografias de obras de arte, textos

escritos, tubos de ensaio, coelhos e ferramentas ilustradas no livro.

Um momento marcante foi a experiência vivida por Giovana e Patricia. Giovana tem uma deficiência que limita muitos movimentos e a fala, e Patricia é a professora que a acompanha para adaptar as atividades realizadas em aula. Às vezes ela não quer participar da aula, fica com vergonha, principalmente quando é para realizar algo manual. Nos ateliês que temos feito, ela tem participado bastante, sobretudo quando utilizamos materiais diferentes da rotina escolar da turma. Nessa aula ela quis participar e fazer sozinha seu próprio desenho. Com dificuldade e paciência ela mergulhou o barbante no nanquim e o colocou sobre o livro. E pela primeira vez em muito tempo, percebemos que ela se agradou da imagem que conseguiu fazer. Foi um momento bonito e potente. Depois disso ela ficou com o rosto muito vermelho, achei que ela estivesse com alguma alergia aos materiais. Patricia disse que ela estava na verdade emocionada, empolgada.

Outra questão nesse ateliê foi a quantidade de papel. Dividi o papel canson em tamanhos diferentes e deixei uma boa quantidade para cada turma poder experimentar algumas vezes. Eles não precisaram limitar muito a experiência, às vezes o resultado não era o que eles queriam e era possível fazer de novo. A maioria estava muito envolvida, na última aula alguns alunos ficaram até depois do sinal e ajudaram a organizar o material para guardar. É tão gostoso quando conseguimos transpor o tempo, ter na aula o mesmo prazer de querer mais que temos quando estamos fazendo o que gostamos.

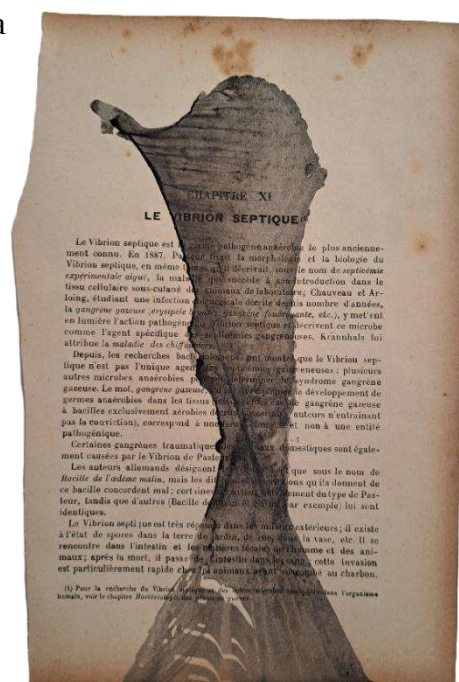




Figura 116 - **Laboratório a céu aberto.** Colagem de fotografias da autora, 2024.
Fonte: autora (2023)

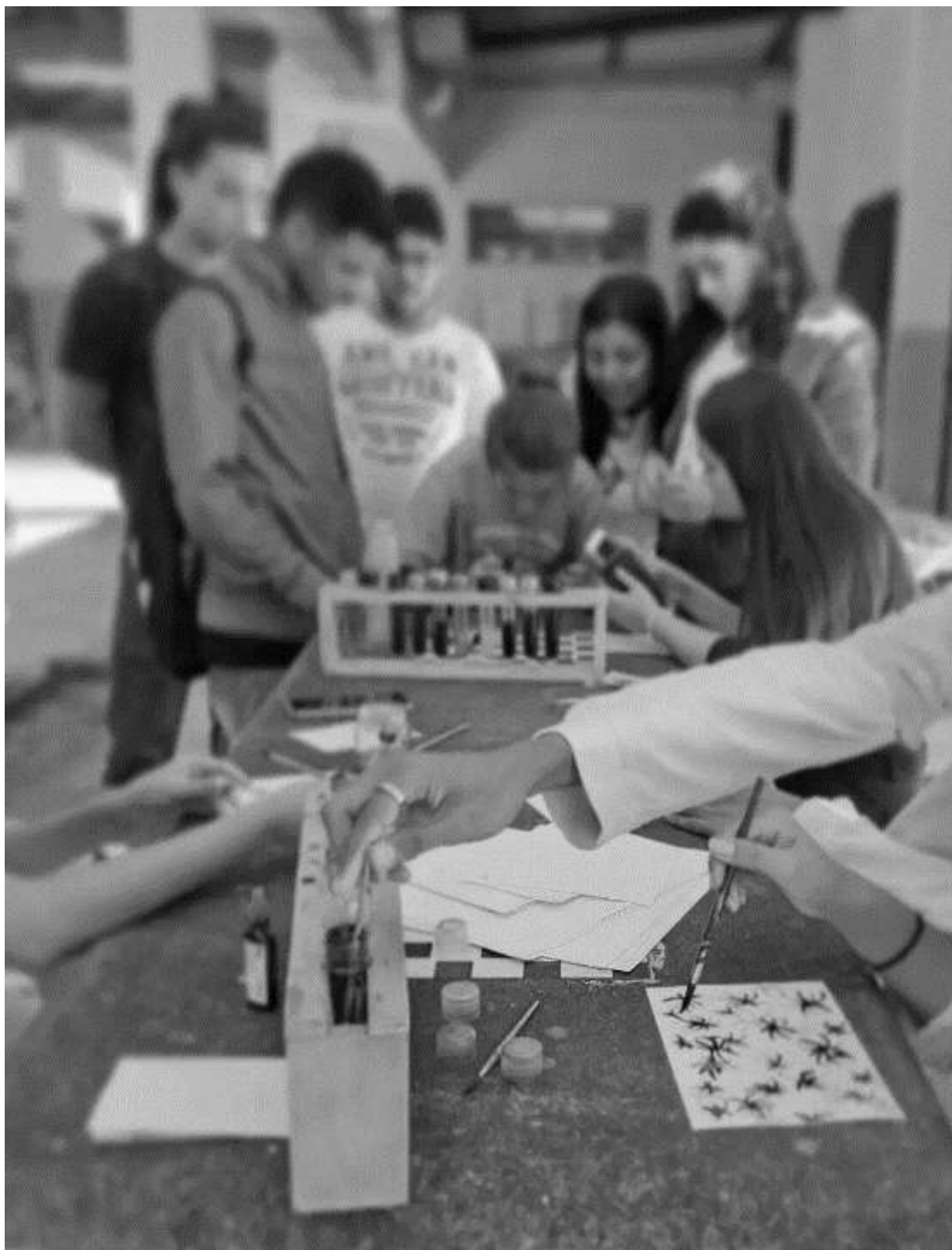


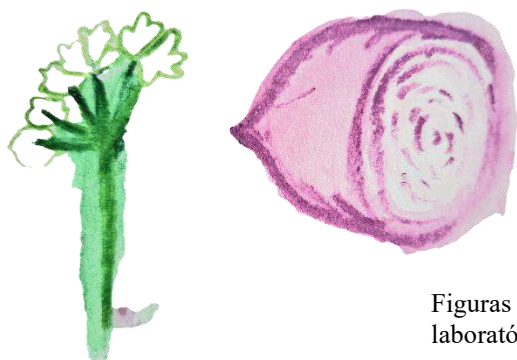
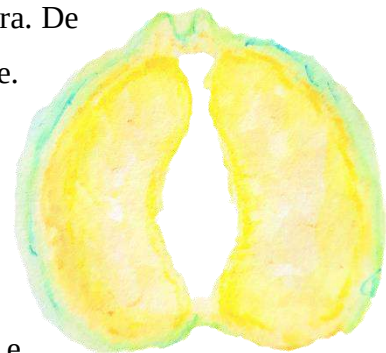
Figura 117 - **Sobre descobrir juntos.** Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)



Figura 118 - **Fazer junto**. Fotografia da autora, 2023. Fonte: autora (2023)

4.4.8 A feira – Experiência sensorial. Laboratório das cores

Uma exploração sensorial evocando as sensações de uma feira. De todas as proposições essa foi a que mais me agradou esteticamente. Quando a mesa estava forrada já deu para sentir que o ambiente ficou diferente, convidativo, atrativo para criar. E eu pensei: “Nossa! Essa foi a melhor aula!” As aulas práticas são sempre as melhores. Mas tem uma coisa afetiva que transforma, acho que é saber se doar e saber receber, e tem a ver com a relação entre mestre e aprendiz. Eu quis proporcionar uma experiência sensorial, divertida, prazerosa, e queria muito que ela fosse organizada, porque às vezes o caos é muito interessante, mas acaba atrapalhando.



Então tentei organizar tudo com calma, enquanto os estudantes observavam sentados, foi quase uma performance. Essa vontade de organizar acabou propiciando uma espontaneidade nas sensações que eu nem imaginava. Colocar uma coisa de cada vez na mesa, foi ativando os sentidos e a curiosidade em

Figuras 119 e 120 - **Frutos do trabalho**. Aquarelas feitas produzidas no laboratório de cores, 2023. Fonte: autora (2023)

descobrir o que estava por vir: café, canela, pimenta do reino, cheiro verde (que rico termos em nossa cozinha um alimento com o nome cheiro verde, é poético demais!). As frutas encheram os olhos de alegria e a boca de água. Eles começaram a mexer nas coisas para conferir o que era, “[...] o tato é o pai de todos os sentidos: nosso corpo está revestido de pele, e ela é nosso contato com o mundo externo – até nossos olhos são revestidos de pele, nós conhecemos o



Figura 121 - **mesa de estudo, memória e sabores.** Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

mundo pela pele” (Barbieri, 2021, p. 21). Sentir o perfume, teve gente que acabou comendo antes da aula terminar, mas isso não foi um problema porque também fazia parte o paladar.

Por último entreguei o material para pintar e fiquei maravilhada ao vê-los pintando, desenhando, concentrados naquilo que estavam fazendo. A alegria de celebrarem juntos o alimento. O compartilhar. Um ato de coletividade, afeto, lindo de vivenciar.

Um fator interessante foi o lápis de cor ser aquarelável, porque o lápis já

é um material que eles têm mais experiência em usar e acabaram se surpreendendo ao descobrirem outras formas de usá-lo: a partir da possibilidade da água, com conta gotas, molhando o lápis na água, molhando o papel antes de passar o lápis, pintando primeiro com o lápis e depois passando o pincel, passar o pincel no lápis espirrando a tinta no papel... descobrindo muitas possibilidades num material. A partir das possibilidades da matéria, começaram a buscar a multiplicidade das cores.

Um silêncio entrou na sala quando todos estavam concentrados, e até na minha cabeça se fez silêncio quando percebi que havia conseguido organizar todos os materiais. Isso foi possível na experimentação com a terceira turma, então consegui colocar uma música para tocar enquanto eles trabalhavam na pesquisa de cores. Coloquei uma playlist de músicas instrumentais chamada “Café Paris” onde aparecia bastante o som do acordeom e eles adoraram, sentiram que o ambiente ficou mais inspirador.

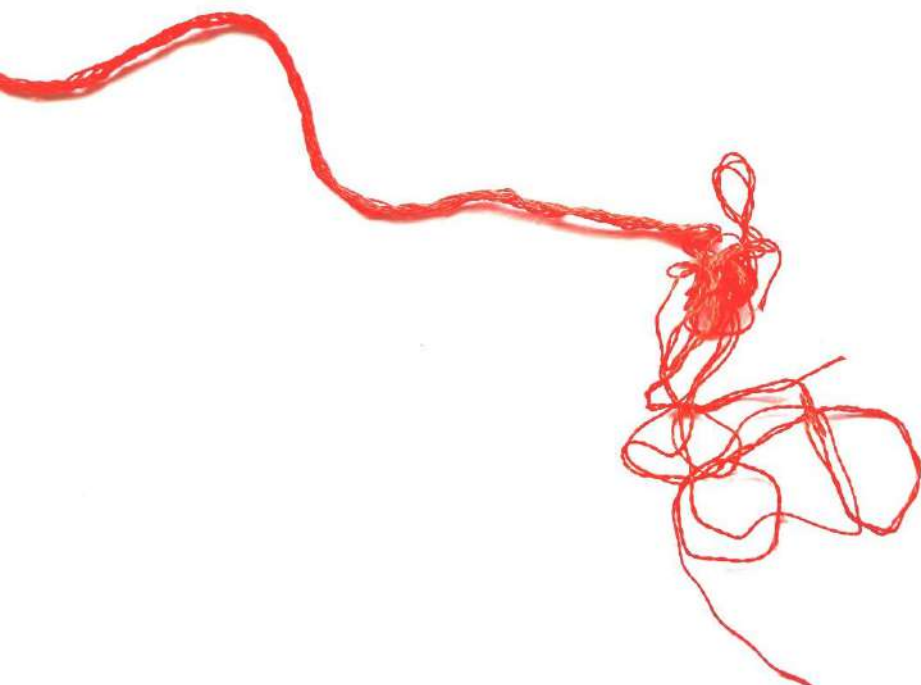


Figura 122 - **Frutos do trabalho.** Aquarelas feitas produzidas no laboratório de cores, 2023. Fonte: autora (2023)



Figura 123 - **Pintar o silêncio.** Colagem de fotografias da autora, 2024.
Fonte: autora (2024)

Em uma das turmas, quando avisei que a aula estava acabando, um aluno comentou “Por que quando a aula é legal acaba tão rápido?” A perda da noção do tempo é para mim o melhor elogio, porque sinto que quando esquecemos o tempo aquele momento foi de fato vivido. Outro momento valioso foi ver uma aluna que sempre estava dormindo nas aulas e acordou surpresa quando viu a mesa cheia de cores e sabores. Levantou rapidamente e se juntou aos outros colegas para pintar. Me pergunto se não estamos todos dormindo também, mesmo que de olhos abertos, só deixando o dia passar?



4.5 Ações poéticas

4.5.1 O Guarda-sonhos

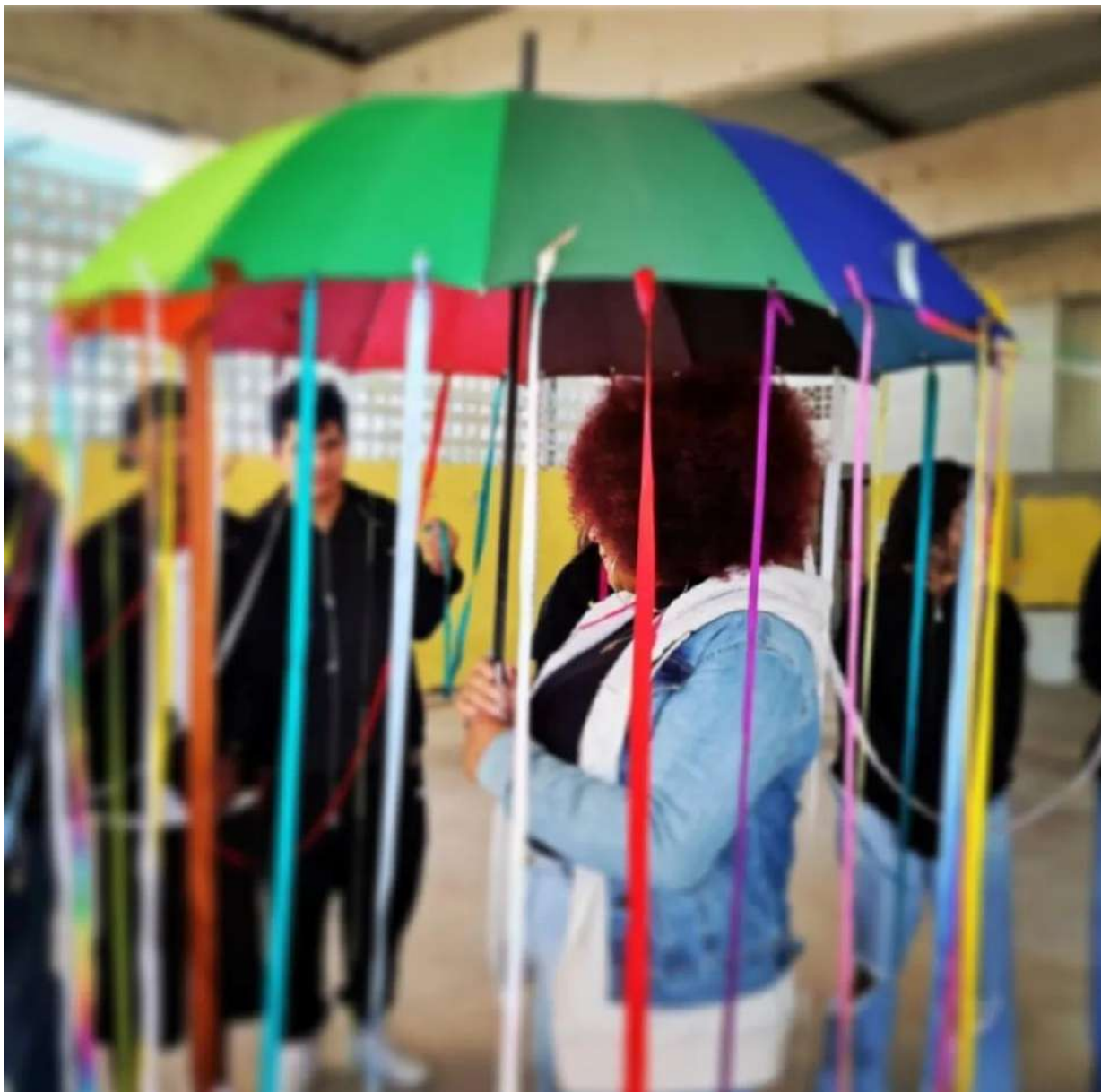


Figura 124 - **O que você gostaria de aprender?** Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

Um guarda-chuvas colorido, com fitas de cetim coloridas amarradas em suas pontas, convida a alguém entrar debaixo enquanto ao redor, forma-se um círculo com cada um segurando a ponta de uma fita. Esse objeto ganhou um nome poético, sendo transformado num “desobjeto”, porque debaixo dele a pessoa fala sobre seus sonhos, seus planos, seus talentos, e tudo fica ali guardado. Quase um devaneio essa ideia, mas devanear ajuda a pensar e principalmente a lembrar, nesse caso. Na prática funciona assim: a pessoa do centro, que segura o guarda-sonhos diz uma coisa que pode ensinar e uma coisa que gostaria de aprender, depois



puxa pela fita outra pessoa para fazer o mesmo e toma seu lugar.

Adentramos nessa aula, no universo do fazer e do aprender, de uma forma lúdica. Os estudantes que ficam encabulados, tem a proteção do guarda-sonhos, caso queiram se esconder, no final se dão conta de que têm amigos talentosos, coisas que não sabiam sobre o outro, verbalizam vontades, planos...

Acho bonito nos adolescentes: embarcarem na viagem da professora, vencerem a vergonha, encorajarem o amigo. Uma necessidade de mudança. Trocar de lugar, ver o que o outro vê.

Olhar e deixar ser olhado. Foi um momento poético, chegou a chamar a atenção de uma funcionária da escola que pediu para participar. O ateliê se materializou naquele momento.

Figura 125 - **O que você poderia ensinar?** Fotografia da autora, 2023.

Fonte: autora (2023)

4.5.2 Caixas: ateliês móveis, tesouros da infância, guarda-saudades e maletas

Câmeras, telas, lentes, caixinhas de música, de fósforo, de sapato, também ocupam um lugar especial na poética do meu trabalho, guardando memórias e miudezas.

Entram nessa lista um monte de coisas: latas, vidros de conserva, letras, plantinhas... e o guarda-saudades. Uma licença para falar do guarda-saudades: É uma engenhoca cheia de monóculos. Um monóculo é uma peça fabricada em PS (Poliestireno) injetado, um tipo de plástico. Com o formato cônico, uma extremidade contém uma imagem (foto) e a outra extremidade uma lente de aumento para visualização. Mas para mim, monóculo é uma máquina de viajar no tempo, e você





Figura 126 - **O guarda-saudades**. Fotografia da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

vai sozinho para um passado que sempre esteve presente dentro de você. Olhar naquele orifício minúsculo que a lente amplia, e ver como o tempo era bom, ver que a criança, o pai, a mãe estão lá dentro da pequena câmara e dentro de você, em algum lugar do fundo dos nossos olhos. Você fica olhando sozinha essa imagem saudosa, quase num devaneio, num espaço de intimidade para sentir o que quiser. Dessa vez eu coloquei nos monóculos fotos de agora que tirei durante as aulas e fotos de 2018, quando eu lecionei para essas mesmas turmas. Eu quis fazer uma surpresa a eles, mas me peguei surpreendida em ver que há cinco anos eles eram tão novinhos, com 12, 13 anos, e fizemos tantas brincadeiras, parece que agora estamos na verdade retomando esse tempo e voltando a criar e brincar. Muitos alunos ainda não conheciam os monóculos, alguns já ouviram falar. Aos poucos foram se descobrindo nas fotos. Isso foi muito interessante, porque conforme se encontravam e faziam comentários outros queriam saber o que eles estavam vendo. O guarda-saudades vai passando de mão em mão e essa ação convida para as outras caixas. Foi um momento ímpar, até os outros funcionários e professores ficaram curiosos e se alegraram em ficar olhando.





Também levei uma maleta de pintura. Dentro coloquei aquarela, nanquim, carvão, um caderno, alguns pincéis, caneta, fui percebendo, que toda a aula se tratava de uma performance, a ideia do ateliê móvel talvez não seja movimentar o ateliê em si, mas movimentar a pessoa. Fui introduzindo minha proposta aos estudantes de forma bem natural. Eu não precisei ficar explicando o que que era cada caixa, eles foram experimentando e descobrindo. Parece uma bobagem dizer isso, mas às vezes como professora, a gente pensa que tem que explicar tudo o tempo todo. Foi uma sensação deliciosa. Mais uma vez, eu percebi que a Giovana ficou animada quando se viu nas fotos e aquilo mexeu com ela, fez com que ela quisesse participar do processo de criação em grupo. Pela primeira vez na minha aula, vi a

Giovana fazendo um trabalho em grupo e se sentindo colaboradora.

Fiz então a proposta de que eles criassem um ateliê móvel e sugeri ainda que conferissem o trabalho de alguns artistas, entre eles Eduardo Salzane, Ana Teixeira, Teatro de Caixeiros, e Lucimar Bello Frange.



Figura 127 - **Mini Biblioteca**. De Lucimar Bello Frange.
Fonte: Página do Instagram @lucimarbellofrange



Figura 128 - **Autômato**. De Eduardo Salzane.
Fonte: Página do Instagram @eduardosalzane

4.5.3 Ateliês móveis criados pelos estudantes



Figura 129 - **Caixa da amizade.** Ateliê proposto por alunas do 3ºD, 2023. Fonte: Raabe Oliveira (2023)

No processo de construção das caixas estava pouco confiante de que os alunos concluiriam os projetos e fui surpreendida com as delicadezas que surgiram. Frutos da poética pessoal de cada estudante, de cada pessoa, e fruto da própria poética em que as aulas se desenrolaram. Uma dupla, ao pensar no que iriam desenvolver, comentou sobre a dificuldade e o ato corajoso que é expor suas particularidades, sua expressão. Penso que quando organizamos uma exposição, não é só dinâmica, prática, interatividade que está em jogo. É o próprio ato de se publicar, de se colocar, de estar vulnerável. Exposto aos elogios, mas também às críticas. É uma forma de tornar público quem você é e do que é capaz.

Ideias se transmutaram. Muito interessante ver os problemas e soluções propostos ao longo do percurso. Alguns grupos fizeram alterações quando perceberam que sua caixa não dialogava com o jogo de interação com o público. E muitas ideias surgiram com as palavras depois do objeto pronto. Depois de entender o jogo que a arte contemporânea oferece.

O local em que as caixas ficaram expostas era um corredor onde muitas pessoas passavam durante a rotina escolar. Percebi que muitos olhavam e não interagiam com as caixas. Algumas pessoas que me viam passar, perguntavam o que era aquela exposição e eu ia apresentando cada



Figura 130 - **Mini estante de poesias.** Ateliê da aluna Rafaela, 2023. Fonte: Rafaela Souza (2023)

Teu
amor
me faz
viajar
para
outro
mundo
para
outra
dimensão
Quando
Gracia
eu
tinha
o sonho
de ser
astrona-
uta
para
conhecer
outro
mundo
mas
agora
meu sonho
desapare-
ceu porque
se eu
estiver
com
você já
me sinto
em outra
universo

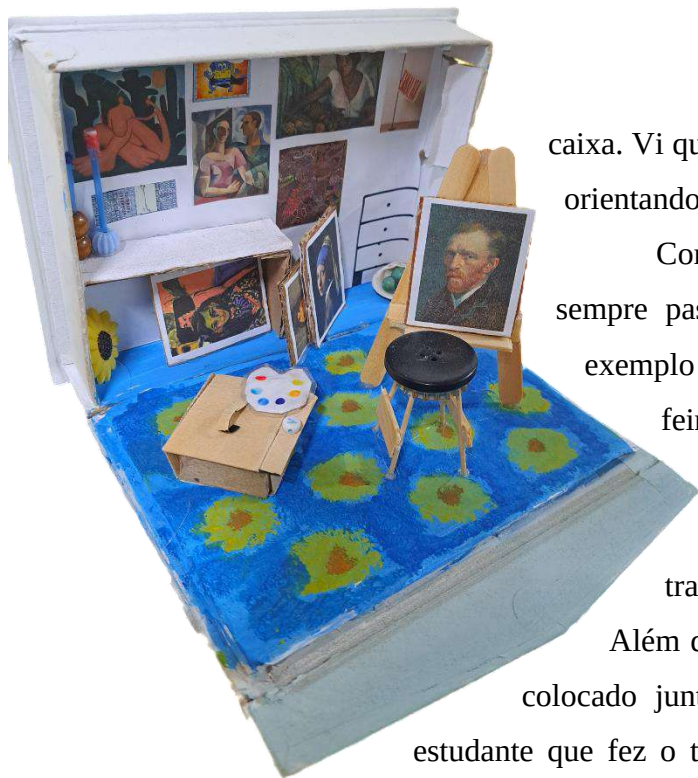


Figura 131 - **Mini ateliê de Van Gogh.**
Ateliê feito pela aluna Julia, 2023.
Fonte: Julia Dourado (2023)

caixa. Vi que depois alguns alunos também fizeram o mesmo, orientando outras pessoas que passavam.

Como dou aula na terça e na quinta, há um intervalo sempre passível de acontecer algo indesejável, como por exemplo as coisas sumirem. Quando cheguei na quinta-feira, meu coração disparou ao ver que as mesas não estavam onde deixei. Dei mais alguns passos e para o meu alívio as mesas haviam sido transportadas um pouco mais adentro do corredor.

Além do alívio uma surpresa: Um mini ateliê havia sido colocado junto à exposição, uma coisa linda de se ver. A estudante que fez o trabalho me procurou animada para contar como estava satisfeita com sua criação. Contou sobre os detalhes e a dificuldade em realizar cada parte e de como gostou do resultado, o que a fez se sentir feliz em expor também.

Antes da desmontagem, levei algumas turmas para visitar a exposição e foi um momento muito prazeroso de troca, conversas, apreciação. Desmontamos tudo, alguns trabalhos acabaram por ficarem expostos por pouco tempo, devido à demora na entrega, mas senti que as turmas ficaram bastante satisfeitas. Cada um pegou sua obra para levar embora e alguns doaram para o meu acervo.

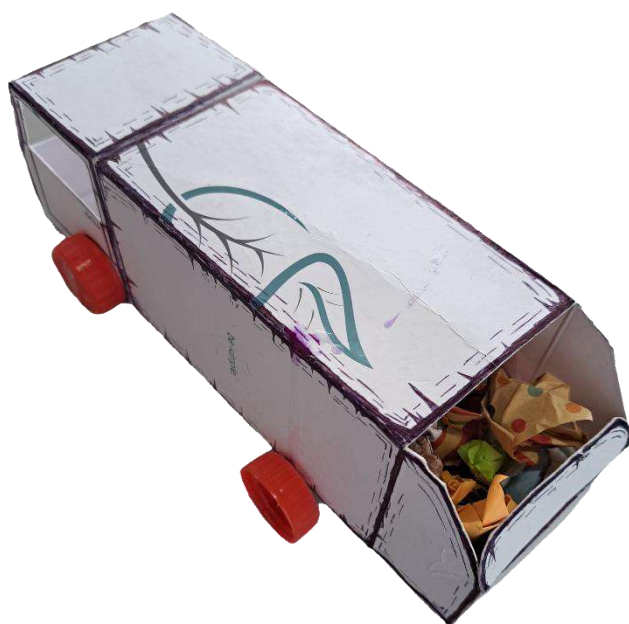


Figura 132 - **Carrinho de reciclar poesia.** Ateliê feito por alunos do 3ºA, 2023.
Fonte: Rafael Siqueira (2023)



Figura 133 - **Um movimento de ateliês.** Colagem de fotografias da autora, 2023.
Fonte: autora (2023)

4.6 Pedagogia da escuta

Escutar é uma palavra que gosto. Como observar, parece que envolve silêncio e atenção. Mas acho que escutar tem mais a ver com o outro. O espaço que se garante para que o outro possa se expressar. E é muito difícil escutar os estudantes, pois queremos preencher a aula toda com o que trazemos, com o que preparamos como se o aluno não trouxesse nada porque não preparou a aula. Mas me coloco à disposição desse exercício de escuta.

Eu achei que o projeto era só aquele que desenhei e planejei durante um bimestre, mas foi o ano todo. Antes e depois também, porque afinal o que moveu o projeto foram as perguntas, os desejos, as críticas, que vieram não só, mas principalmente dos estudantes. E o detalhe que mais gostei em tudo: os desvios. Porque o tema da aula era uma coisa, mas o que entrou e ficou foi um detalhe não planejado, uma descoberta, um lampejo que não tinha nada a ver com a aula, mas que aconteceu por causa dela.

4.6.1 Roda de Conversa



Estava um pouco temerosa com a roda de conversa. Medo de ficar um clima em que as pessoas não se sentissem à vontade em falar, medo de direcionar demais a fala deles, e medo ainda de falar demais, pois fico muito tagarela quando se trata de um assunto que gosto e com pessoas que gosto. E felizmente, concluo que ao longo desses meses, fiz o que gosto e tenho um grande apreço por esses estudantes e a relação que cultivamos. Fiz um vídeo juntando os registros que fiz durante o projeto, para que os alunos pudessem relembrar os momentos vivenciados antes de iniciar a conversa.

Para mover a conversa me apropriei de uma experiência da aula de metodologia de pesquisa, durante o primeiro semestre do mestrado, que fizemos com a Rejane Coutinho e a

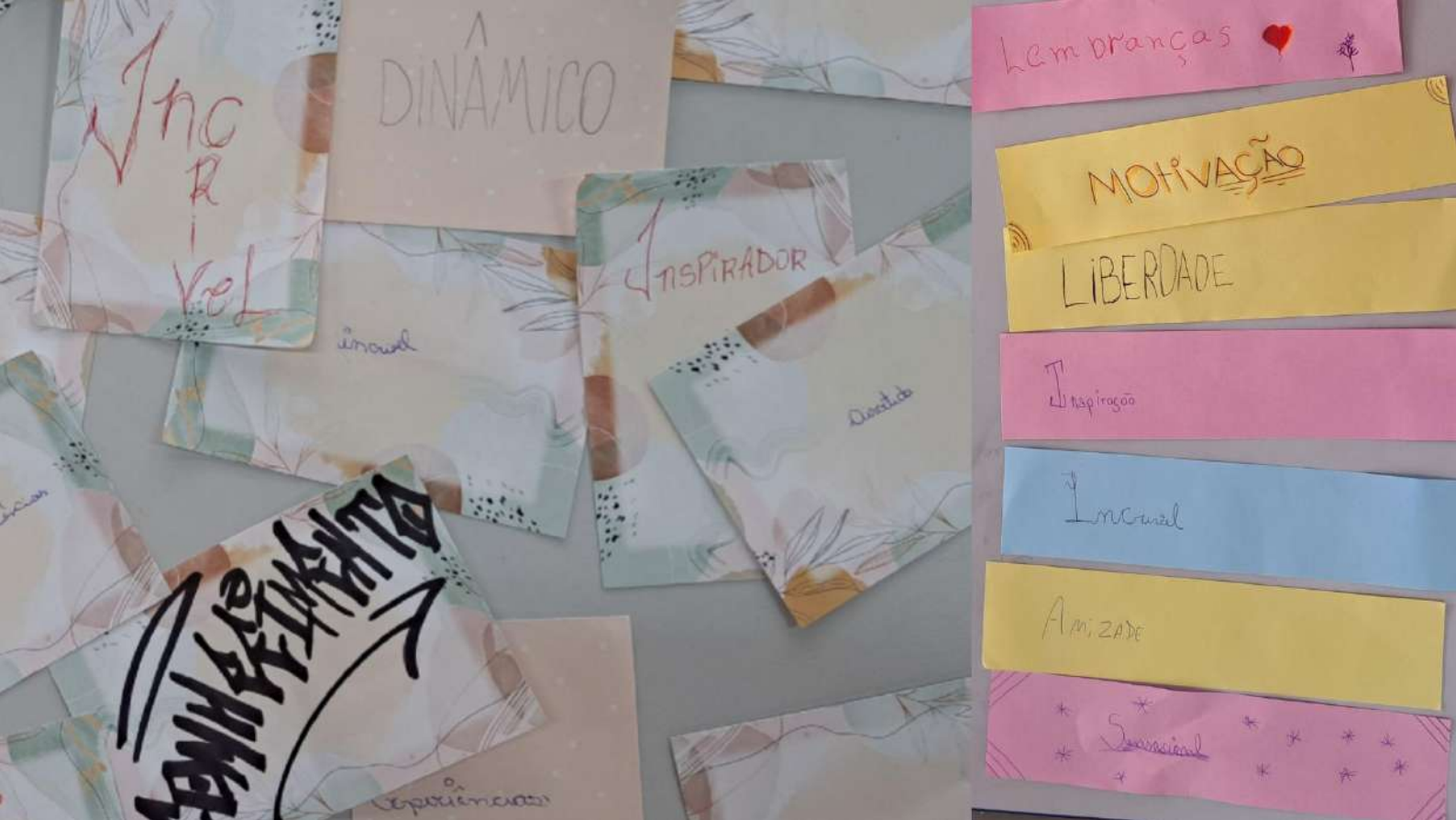


Figura 134 - **Roda de conversa**. colagem de fotografias da autora, 2024. Fonte: autora (2024)

Tarcila Costa, e a fiz como consegui lembrar. Entreguei a cada estudante, dois papéis e pedi que escrevessem uma palavra em cada um referente a experiência vivenciada durante esses meses. Depois espalhamos as palavras sobre uma mesa e olhamos. Pedi que agrupassem as palavras que eles percebiam alguma relação. E a partir dessa observação e agrupamento conversamos um pouco.

Com essa abordagem, estudantes que não se sentiam muito à vontade em falar ou conversar, resumiram em poucas palavras seu pensar e sentir e tiveram seu silêncio respeitado, enquanto outros participaram mais ativamente e fizeram importantes apontamentos.

Falaram sobre como a forma de conduzir a aula foi interessante e convidativa. No geral os que se colocaram, disseram que gostaram muito das aulas porque eram muito diferentes do que eles estavam acostumados. A professora Patricia que acompanha a aluna Giovanna, ressaltou como as vivências foram fluidas e interessantes sem que caísse na monotonia. Dentre as palavras que surgiram: experiência, aprendizagem e liberdade. Isso me comoveu.

Uma das turmas reclamou não ter participado do passeio. Me comprometi a pensar na possibilidade de um passeio com eles também, dada a riqueza dessa experiência.

Alguns falaram sobre o guarda-sonhos, como foi acolhedor e divertido estar debaixo dele e como foi interessante descobrir que os colegas sabiam fazer um monte de coisas que não demonstravam nas aulas.

Um dos estudantes lembrou do bolo gelado. Senti um quentinho no coração com essa lembrança.

Um estudante me perguntou se eu era uma pessoa muito nostálgica, porque sempre tinha uma questão com memórias, fotografias, vídeos, nos trabalhos que expus a eles. Eu disse que sim, que a poética do meu trabalho tem muito a ver com meu passado, com a infância. Mas também disse que isso não era apenas nostalgia, mas registro, e lembrar é uma forma de aprender e existir. Ele percebeu também, que faltou em muitas aulas, e perdeu muitos momentos que a turma aproveitou bastante.

Outra estudante questionou sobre como a arte nos aproxima do sentir. Ela disse que quando fazemos as aulas de arte sempre acabamos falando muito sobre nossos sentimentos. Também mencionou uma aula que achou de grande aprendizado que foi a aula de desenho de memória, observação e sem tirar o lápis do papel. Uma aula que eu pensava não ter conseguido chegar aos estudantes com sucesso, mas alcançou uma pessoa.

Um dos estudantes escreveu no papel sobre uma aula de música que fizemos no primeiro bimestre. Foi uma aula de coco de roda, em que eu levei os instrumentos e tentamos tocar, cantar e dançar. Porém essa aula não fazia parte do projeto, e acho que por ser tão prática e dinâmica, ele associou com o projeto. Percebi nessa hora, que acabei não incluindo outras linguagens, como era minha intenção no início, e talvez adentrar um pouco nessas linguagens pelo viés da cultura popular pudesse enriquecer mais a multiplicidade de significados de um ateliê na escola.

Ficou latente em todas as turmas a palavra experiência. Como o aprender está intimamente relacionado com vivenciar. As aulas que de fato marcaram os alunos, foram as aulas que eles colocaram a mão na massa. Os momentos que saltaram da rotina habitual. E que com o ateliê na escola trabalhamos duas coisas: o aprimoramento individual das habilidades e o aprimoramento das relações humanas no lidar e partilhar dos materiais e acontecimentos.

Relatos escritos por alguns alunos:

“Achei muito relaxante, é algo que gosto de fazer e nem me recordava. Essa atividade me fez lembrar de um hobby de infância.” (Sobre a caixa de origamis)



Figura 135 - **Desdobrar a Infância**. Ateliê de origamis feito pela aluna Raissa, 2023.
Fonte: Raissa Moraes (2023)



Figura 136 - **Luz e trevas**. Ateliê feito pelo aluno Henrique, 2023.

Fonte: Henrique Rodrigues (2023)

“Legal conhecer outras formas de pensamento, é interessante, como dizem: Arte não precisa ser explicada. É uma forma de expressar e é isso, foi interessante curioso.”

NO FINAL DAS CONTAS, O QUE É MAIS IMPORTANTE:
O CAMINHO OU O DESTINO?

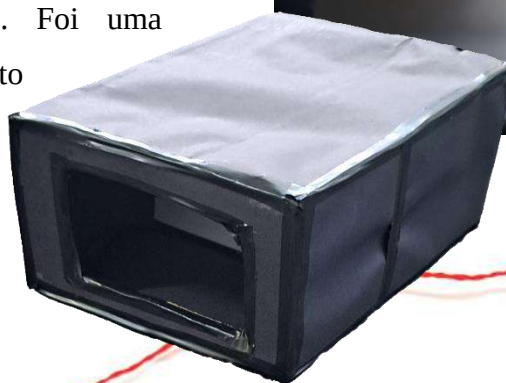
“Eu amei a temática luz e trevas. A inspiração em Dark Souls é muito boa por ser meu jogo favorito.” (Esse é o tema que o próprio estudante desenvolveu na criação de sua caixa-ateliê).

“Realizar esse projeto foi um pouco desafiador. Escolher o tema certo, decidir como montar, alinhar minha visão com a dos meus colegas... Nada foi exatamente fácil, mas foi prazeroso. Quando finalmente decidi o tema e comecei a construir a caixa percebi como esse trabalho acabava, mesmo sem perceber, refletindo muito sobre mim. A imagem reproduzida na caixa aparece de forma invertida e não está 100% nítida. Da mesma forma, a minha visão de mundo às vezes, parece invertida para os outros à primeira vista e nem sempre fica 100% clara. Foi um projeto incrível e eu amei a oportunidade de poder colocar um pouco mais de mim no desenvolvimento dele. Foi uma experiência muito excepcional.”



Figura 137 - **Câmara escura**. Ateliê feito pelos alunos do 3ºB, 2023.

Fonte: Larissa Moraes (2023)



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

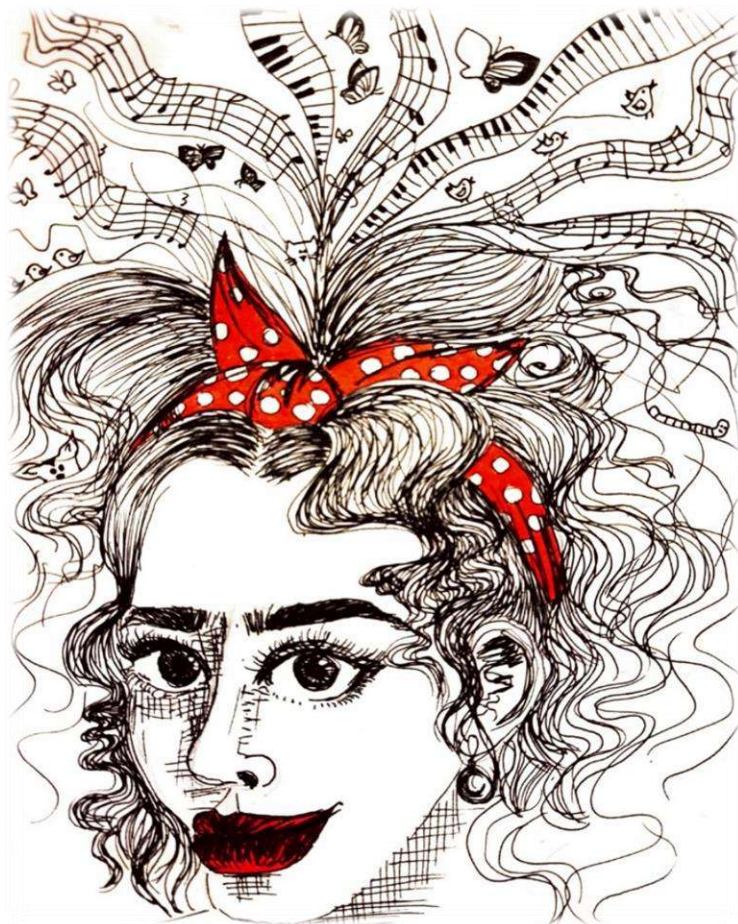


Figura 138 - **Entre**. Livro de artista da aluna Rafaela, 2023.

Fonte: Rafaela Souza (2023)

Comecei o mestrado porque tinha questões, angústias, coisas a dizer. Esses dizeres moveram minha busca até aqui. Não um dizer que inventei, mas um dizer de artistas, filósofos, professores. Quando começo o ano letivo, como uma ação de acolhimento, gosto de perguntar aos alunos, que música é a trilha sonora deles naquele momento. Acho que em cada momento temos uma trilha sonora. Aquela música que queremos ouvir repetidamente porque diz exatamente o que estamos sentindo. Me lembro que quando escrevi o memorial descritivo e projeto para o processo seletivo, eu estava deitada no escuro ouvindo uma música do Maurício Pereira, ouvi muitas vezes, até entender o que eu queria realmente dizer. *Eu sonho sozinho com meu coração pequenininho, minha compreensão também pequenininha, do conjunto das coisas todas/ Eu, com medo da morte e tudo mais, sonhando sozinho eu me pergunto, se quando a gente canta alguém presta atenção na letra/ Mas eu tento tentar dormir aí vem aquele monte de dúvidas que a gente tem quando trabalha como artista...* Sim, é isso que eu estava sentindo pois me faço essas perguntas não só como artista, mas também como educadora. Eu estava com medo da morte. Meu pai havia morrido recentemente e parece que toda minha história seria esquecida também.

Pensei nas trilhas sonoras de outras épocas. Lembrei de Beatriz, de Chico Buarque e Edu Lobo. Era minha trilha sonora quando eu estava começando a lecionar, *E se ela só decora o seu papel?* Uma tristeza e uma incerteza de não saber muito bem o que eu estava fazendo. Será que eu tinha me perdido no caminho? Depois de 17 anos lecionando, eu ainda tenho muitas dúvidas, mas o coração menos triste. Com incertezas, porém com tranquilidade ao saber que as dúvidas continuam, e são elas que nos levam adiante, se elas acabarem talvez acabe a vontade de mudar. Hoje minha trilha sonora é Clube da esquina nº2, de Lô Borges: *Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem.* Desperto desse mar de angústias, de dúvidas sobre o



futuro da educação, e percebo que meu sonho não envelheceu. Ele renasce constantemente nas pequenas ações do dia a dia, como quando uma aluna decide ler uma poesia, quando um aluno sai do fundo da sala para prestar atenção no que estamos falando. Renasce porque continuamos sonhando outras pessoas.

Daí tento encontrar um meio de arrematar esse tecido bordado ao longo de tanto tempo, numa pesquisa de tantas páginas. Como acaba? Então me lembrei do livro *O Artífice*, de Richard Sennett, em que cada capítulo tem uma conclusão. Talvez pensando numa conclusão sobre cada capítulo eu consiga terminar.

Quando falo sobre o processo de educação em arte sob o meu ponto de vista como criança, como estudante de arte e como professora, percebo que na verdade, tracei uma linha de como é aprender arte no Brasil, na educação pública, com limitações em relação aos materiais, ao acesso à cultura, e resistir de forma criativa quando o mundo luta por dizer que o que você faz e sonha não é importante. Quando criança aprender arte já era o exercício de liberdade. As inquietações e mudanças no ensino de arte do livro de Ana Mae chegaram até mim. Mas de um jeito um pouco simplista e distorcido. Quando virei professora percebi que era muito fácil apenas reproduzir o conhecimento, achar um método, pegar uma prática libertadora e engessá-la. Onde fica o exercício de liberdade na prática como professora? Por isso uma necessidade de estar atento, escutar. Escutar o outro e a si mesmo. Lembrar os propósitos, os princípios. exercitar o riso, a poesia, o sonho.

O capítulo sobre o ateliê é o tratado. Um tratado sobre o fazer manual e o cuidado passado de geração em geração, é o tratado das coisas simples. Dos objetos e seus valores afetivos. Um tratado sobre os saberes do povo e como são seus métodos. Sobre o prazer de fazer algo bem-feito, o prazer de inventar algo. Um tratado sobre como a arte habita os lugares e as pessoas, mesmo quando elas não estudam a Arte na academia. É um reconhecimento de como a cultura popular me abraçou e me impulsionou em toda essa trajetória. Eu poderia dizer que virei artista com o que aprendi fora da faculdade. Mas curiosamente ser professora é que me tornou artista. Foi pesquisando e planejando as aulas, que senti a necessidade de me aprofundar nas linguagens artísticas e me reconectar com a cultura familiar, que me fez amante da arte. Por isso, penso que o capítulo seguinte é realmente o meu coração, porque é ele que me faz presente, inquieta e pesquisadora.

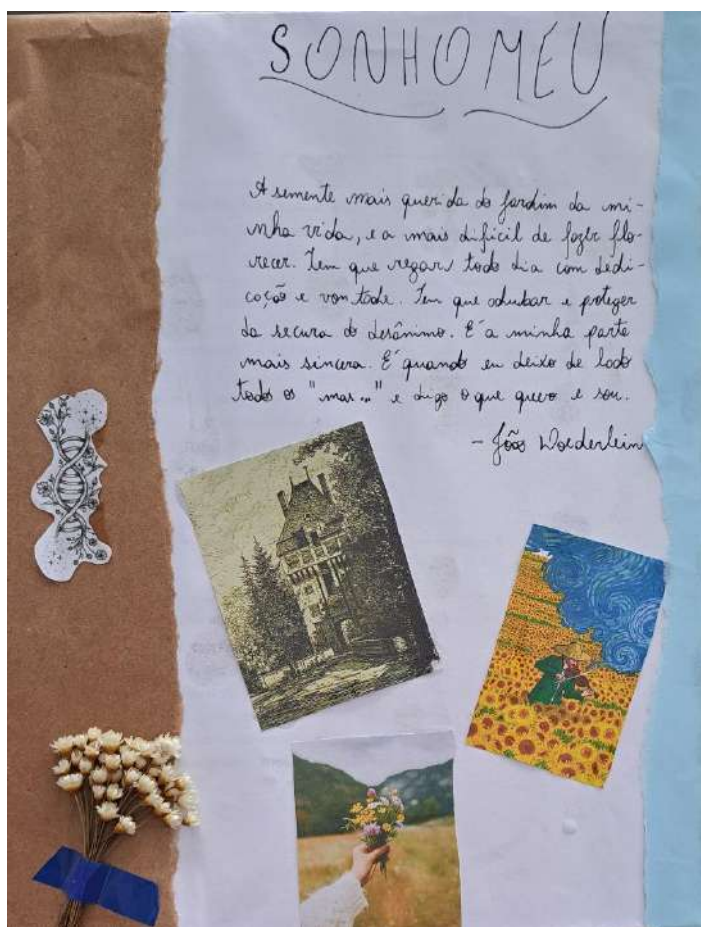


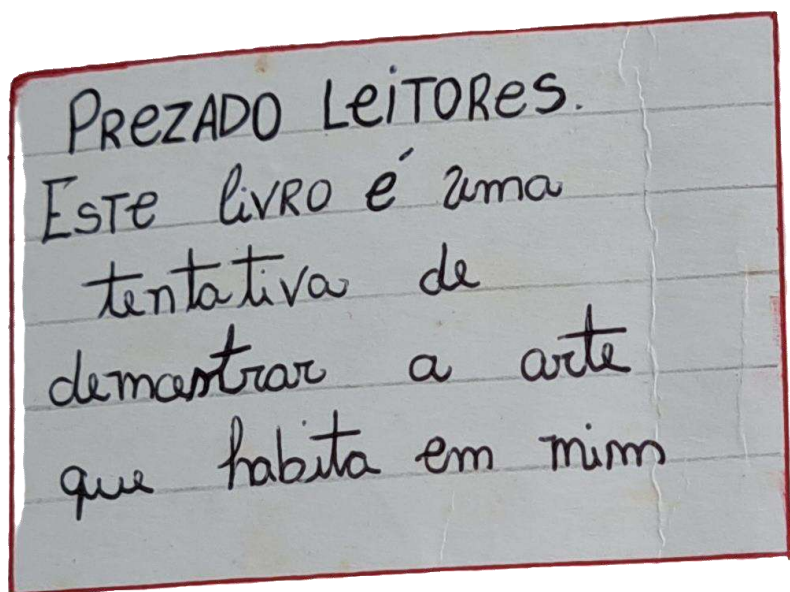
Figura 140 - **Sonho meu**. Livro de artista da aluna Larissa, 2023.
Fonte: Larissa Moraes (2023)

No diário de bordo, trago o projeto realizado na escola, encontro um meio. É o capítulo mediador entre o conhecimento adquirido na prática docente, no estudo, a idealização dos sonhos, da teoria e como isso chega aos estudantes. É o encontro entre gerações, entre funções. A função de aprendiz e a função de mestre, facilitador. Gostei de ver os alunos nesse processo. Gostei de escutá-los. Mesmo depois que acabou o projeto, eles seguiram criando. Montei outras mesas, outras abordagens, e o estado de ateliê se instaurou rapidamente. Na minha cabeça estava tudo bem separado, eu havia terminado o projeto, mas para eles vi que continuou o restante do ano. É certo que depois das férias de julho eles caminhavam para um fim de ciclo. Uma mistura de preguiça com ansiedade tomava

conta deles, como se já não valesse a pena o esforço para o estudo. Porém como não perder o que foi plantado? A escola é um lugar de constante mudança entre os conceitos, práticas, métodos. Lugar do presente. Foi nas reverberações desse projeto que acabei percebendo o quão metafórica é a expressão de um ateliê em movimento. O movimento é a necessidade de busca de um lugar acolhedor, de sentir-se abraçado, um espaço de exercer criatividade, liberdade e responsabilidade, mas é constantemente violado porque muitas vezes o sistema de ensino e as pessoas envolvidas nesse trabalho não acham a arte e a cultura, uma coisa básica e necessária na educação básica. Por isso andar com maletas, sacolas coloridas, ou carrinhos pelos corredores da escola, abrir uma caixa de possibilidades na sala de aula é um ato de resistência.

É muito difícil concluir algo depois de descobrir tantas coisas. Posso concluir que nada sei, como Sócrates, mas antes sabia ainda menos. É como afirmam Dias e Irwin:

A arte é uma experiência que, de maneira simultânea, atrai nossos sentidos, emoções e intelecto. A razão pela qual precisamos de arte e a criamos tem a ver com sua capacidade de nos fazer sentir vivos e de descobrir o que não sabíamos que sabemos, ou a que vemos que não tínhamos nos dado conta antes, inclusive quando está presente frente a nós (Dias e Irwin, 2023, p. 55).



Depois posso concluir também que quero seguir por aí... não exatamente por aí, mas quero fazer minha jornada carregando carrinhos, malas, sacolas de feira, fazendo o que eu faço: professando a arte. Quero dizer que o caminho para a Arte é a educação, e o caminho para um aprendizado humano, consciente e responsável, necessita da Arte. Então, usando o sentido da palavra: quero seguir meu ofício e professar a arte. Uso

a fala dos artistas circenses em “O Palhaço”: *O gato bebe leite, o rato come queijo e eu...* sou professora de Arte! Digo que sigo com minhas bagagens porque acredito no movimento das coisas, das pessoas, uma necessidade de ocupar os lugares e ajudar outras pessoas a ocuparem os lugares também. Não o seu lugar, como se não pudéssemos mudar ou estar onde quisermos, mas ocupar um lugar porque o mundo é grande, a terra é generosa, o sol é para todos. Essa é a utopia, mas sabemos que ainda não é a realidade. A terra é generosa, mas poucos detêm o poder sobre o território. Poucos tem espaço e às vezes parece que é sobre isso: território. Por que dizemos que precisamos sair da zona de conforto? Por que dizemos que fulano não se põe no lugar dele? Temos um lugar, mas nesse lugar não podemos ficar confortáveis. A busca do estado de ateliê me trouxe essa dicotomia entre sair do lugar e estar. Todo o estado de ateliê criado convoca movimento, mas também convida a ficar. O estado de ateliê, por ser efêmero torna a permanência um desejo. Uma vontade de perdurar as coisas, como diz o poeta Vinícius de Moraes: “que seja infinito enquanto dure”. E um último dizer, que é a oração dos Contadores de Mentira antes de entrar em cena, é a frase de Cleiton Pereira: “Aqui estamos e reparem bem, pois poderíamos não estar, e desta forma tudo seria diferente”, que me faz acreditar na importância da dança harmônica realizada entre os três ofícios que desempenho: fazer arte, ensinar e pesquisar.

REFERÊNCIAS

- ACERBI, Viviane. **A mesa de estudos da Vivi**. 2024. Fotografia digital. Coleção particular.
- ACERBI, Viviane. **O banheiro que virou laboratório**. 2024. Fotografia digital. Coleção particular.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora: nova versão**. Tradução de Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- ARQUITETURA VIVA. **William Kentridge contemplates history and creation**. Arquitetura Viva: Arte e cultura [2020] Disponível em <<https://arquiteturaviva.com/articles/william-kentridge-contemplates-history-and-creation-0>> acesso em 30 de junho de 2022
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. 1ª ed. São Paulo: Jujuba, 2021.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (org.). **Arte-Educação: Leitura no subsolo**. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A Imagem no Ensino de Arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/ Iluminuras de Martha Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BARROS, Fabiana de; FAVRE, Michel e ZOLADS, Marcia (Orgs). **Evandro Carlos Jardim: arte, trabalho e ideal**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador in: Magia e técnica, arte e política - Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BINAH. **Sobre o Binah**. Binah [2022]. Disponível em <https://binahespacodearte.com.br/> Acesso em 24/04/2023 às 18h42
- BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti . **Metodologias para ensino e aprendizagem de arte**. In: COUTINHO, Rejane Galvão; SCHLÜNZEN JUNIOR, Klaus; SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya (Orgs.). et al.. (Org.). Artes. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Educação a Distância, 2013, v. 5, p. 171-261.
- BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador: O humano como objetivo da educação musical**. 2ª edição. São Paulo: Peirópolis, 2011.

CADÔR, Amir Brito. Marcel Duchamp. In: **Gramatologia**. 11 de fevereiro de 2008. Disponível em: <https://gramatologia.blogspot.com/2008/02/marcel-duchamp.html> acesso em 29/02/2024

CASA REDONDA. **A escola**. Casa Redonda: Uma experiência em educação. Disponível em: <https://acasaredonda.com.br/>. Acesso em 24 de abril de 2023, às 19h03.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes. 2010.

DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (organizadores). **Pesquisa educacional baseada em arte (recurso eletrônico): a/r/tografia**. 2ª edição – Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2023.

DOURADO, Julia. **Mini ateliê de Van Gogh**. 2023. Instalação móvel. Coleção particular.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

EGAS, Olga Maria Botelho. **Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamento na formação docente: a fotografia como construção do pensamento visual**. 2017. 293 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

CONCEITO.DE. **Conceito de atelier**. Equipe editorial de Conceito.de [2010] Disponível em: <https://conceito.de/atelier>. Acesso em: 13 de março de 2023

FACCO, Marta Lucia Cargnin. **Reflexões sobre o ateliê como lugar/ espaço em processos de criação em Artes Visuais**. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 10, n. 2, p. 213 – 227 – mai./ago. 2017 ISSN 1983 – 7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734826890>

FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. São Paulo: Papirus. 2001.

FEWB. **Histórico das escolas Waldorf no Brasil**. FEWB: Federação das Escolas Waldorf do Brasil. Disponível em: https://www.fewb.org.br/pw_brasil.html. Acesso em: 13 de março de 2024, às 22h05.

FOCILLON, Henri. **A vida das formas seguido de Elogio da mão**. Tradução de Ruy Oliveira. Edições 70, Lisboa – Portugal, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Paulo Bruscky o ateliê como arquivo**. Fundação Bienal de São Paulo. Disponível em: <https://bienal.org.br/exposicoes/26a-bienal-de-sao-paulo/#gallery-11> acesso em 29/02/2024

GADELHA, Pamela. **Roda de brincadeiras com as professoras da Casa Buriti**. 2023. Print de imagem em movimento. Coleção particular.

GIOVANNETTI, Bruno e KIYOMURA, Leila. **Ateliês: Artistas contemporâneos na cidade de São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 2004.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GUERRA, Monica. **As mais pequenas coisas. A exploração como experiência educativa**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2022.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação. 2007.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Intervenção artística urbana. **História das Artes**, 22 de junho de 2016. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>>. Acesso em 10 May 2023.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. São Paulo: 3ª edição. Martins Fontes, 2015.

KANDINSKY, Wassily. **Ponto e linha sobre plano**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KENTRIDGE, William. **Seis lições de desenho**. DVD. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2012. Duração: 382 min. aprox., colorido, som. Título original: Six Drawings Lessons; áudio: inglês. Sinopse: Série de conferências para o Charles Eliot Norton Professorship in Poetry da Universidade de Harvard, Cambridge/EUA, realizadas no Mahindra Humanities Center em 20 e 27 de março e em 3, 10, 16 e 24 de abril de 2012.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 5ª edição. São Paulo: Antroposófica, 1990.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1ª edição. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos e meninas do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MORAES, Larissa. **Câmera escura**. 2023. Instalação móvel. Coleção particular.

MORAES, Larissa. **Sonho meu**. 2023. Livro de artista (detalhe). Coleção particular.

MORAES, Raissa. **Desdobrar a infância**. 2023. Instalação móvel. Coleção particular.

NÓVOA, António. **Professores: Libertar o Futuro**. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

NÓVOA, Antonio (org.). **Vida de Professores**. Porto Editora: Portugal. 2ª edição, 2013.

OCA ESCOLA CULTURAL. **Sobre a Oca**. Oca Escola Cultural. Disponível em: <https://www.ocaescolacultural.org.br/> Acesso em 24/04/2023 às 19h47

O FABULOSO destino de Amèlie Poulain. Direção: Jean-Pierre Reunet. Longa-metragem. Imagem Filmes: 2002. 1 DVD, 120 minutos.

OLIVEIRA, Cleusa. **As três meninas**. Década de 1990. Fotografia impressa. Coleção particular.

OLIVEIRA, Cleusa. **Entrada da oficina**. Década de 1990. Fotografia impressa. Coleção particular.

OLIVEIRA, Cleusa. **Interior da oficina**. Década de 1990. Fotografia impressa. Coleção particular.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. **Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações**. In: Congresso Nacional De Educação- Educere, 13., Curitiba, 2017. Anais eletrônicos. Curitiba: PUCPR, 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23688_11993.pdf>

OLIVEIRA, Raabe. **Caixa da amizade**. 2023. Instalação móvel. Coleção particular.

O PALHAÇO. Direção: Selton Mello e Marcelo Vindicatto. Longa-metragem. Globo Filmes: 2011. 1 DVD, 90 minutos.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OTT, Robert William. Ensinando Crítica nos Museus in BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (org.). **Arte-Educação: Leitura no subsolo**. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DEL ECUADOR (PUCE). **40 años de La Rana Sabia**. Centro Cultural: Artes Gráficas Silva, 2014.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução: Valter Lélis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Coleção a).

RODRIGUES, Henrique. **Luz e trevas**. 2023. Instalação móvel. Coleção particular.

SACRAMENTO, Enock. **Akinori Nakatani: sua obra e sua vida**. São Paulo: Via Imprensa Edições de Arte, 2019.

SANTOS, Cibele. **Mão direita e mão esquerda**. 2023. Desenho sobre papel com lápis 6B. Acervo particular.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1991.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Ed. Record: Rio de Janeiro, 2009.

SENA, Claudio de. **Joana Imaginária**. 2018. Fotografia digital. Acervo particular.

SILVA, Alessandro. **Tocando sonhos**. 2019. Fotografia digital. Acervo particular.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

SIQUEIRA, Rafael. **Carrinho de reciclar poesia**. 2023. Escultura em papel. Coleção particular.

SOUZA, Rafaela. **Detalhe**. 2023. Livro de artista (detalhe). Acervo particular.

SOUZA, Rafaela. **Entre**. 2023. Livro de artista (detalhe). Acervo particular.

SOUZA, Rafaela. **Mini estante de poesias**. 2023. Instalação móvel. Acervo particular.

STIGGER, Verônica. **Retratos dentro da morte: a Série Trágica de Flavio de Carvalho**. In: REVISTA CRÍTICA CULTURAL, vol. 4, nº2, 2009. Disponível em https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/131

TARJA BRANCA: A revolução que faltava. Direção: Cacau Rhoden. Documentário. Maria Farinha Filmes, 2014. 1 DVD. Duração: 80 minutos.

CIA A DITA CUJA. **Teatro de Caixeiros**. Cia A Dita Cuja. Disponível em: <https://www.ciaaditacuja.com.br/teatro-de-caixeiros>. Acesso em 13 de março de 2024, às 21h59

VALÉRY, Paul. **Eupalinos ou o arquiteto**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1996.

VECCHI, Vea. **Arte e Criatividade em Reggio Emilia: Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância**. 1ª edição. São Paulo: Phorte, 2017.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Oxalá e a criação do homem**. Disponível em: <https://pajoaquim.com.br/oxala-e-a-criacao-do-homem/>. Acesso em 18/04/2023 às 17h47.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da História da Arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente**. Tradução de João Azenha Júnior. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZAVANLLONI, Gianfranco. **A pedagogia o caracol**. 1ª ed. Adonis: 2020.

ZORDAN, P. B. M. B. G. **Ateliê como prática de liberdade**. Palíndromo, Florianópolis, v. 11, n. 25, p. 50-63, 2019. DOI: 10.5965/2175234611252019050. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/14771>. Acesso em: 18 jul. 2023.

